



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-  
GRANDENSE – CAMPUS PELOTAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Graziela Lüdtke Carrilhos

**Representações de corpo e beleza na *fan page*  
da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook***

Pelotas  
2017

Graziela Lüdtkke Carrilhos

**Representações de corpo e beleza na *fan page*  
da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela Dillmann Nunes Bicca

Linha de Pesquisa: Políticas e Práticas de Formação

Pelotas  
2017

### **Ficha Catalográfica**

C317r Carrilhos, Graziela Lüdtké.

Representações de corpo e beleza na fan page da revista Corpo a Corpo no Facebook / Graziela Lüdtké Carrilhos. – 2017.  
116 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Dillmann Nunes Bicca.

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2017.

1. Estudos culturais. 2. Pedagogias culturais. 3. Corpo. 4. Beleza. 5. Facebook. I. Bicca, Angela Dillmann Nunes. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul. III. Título.

CDD 370

Catálogo na publicação:  
Bibliotecária Vivian I. M. Ritta CRB 10/1488  
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

Graziela Lüdtké Carrilhos

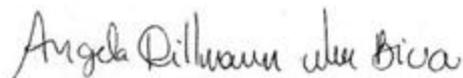
## **Representações de corpo e beleza na *fan page* da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

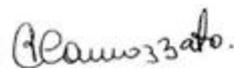
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela Dillmann Nunes Bicca

Aprovada pela banca examinadora em 31/03/2017.



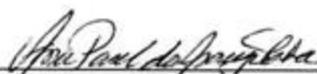
---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela Dillmann Nunes Bicca



---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Viviane Castro Camozzato (UERGS)



---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula de Araújo Cunha (IFSul)

## **AGRADECIMENTOS**

Ao terminar esta importante etapa da minha vida, agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida.

Agradeço a minha família pelo apoio, principalmente a minha avó Ernestina pelas incansáveis orações.

Às queridas colegas e amigas, Ana Paula Peil e Suélen Teixeira, um agradecimento mais que especial pelo apoio e pelas palavras de incentivo nos momentos mais difíceis. Nunca me esquecerei de vocês, Panteras!

Agradeço, também, às professoras Ana Paula de Araújo Cunha e Viviane Castro Camozzato pela gentileza e pelas valiosas contribuições ao participarem da minha banca examinadora.

Por fim, agradeço, imensamente, a minha orientadora, a professora Dr<sup>a</sup> Angela Dillmann Nunes Bicca, pela oportunidade. Obrigada por ter me escolhido.

## RESUMO

A preocupação com o corpo tornou-se um imperativo que atravessa várias classes sociais e faixas etárias. À vista disso, a mídia tem investido na produção de representações de corpos e participado da construção do que é aceito como belo e saudável. Essas representações são construtos culturais que acabam sendo tomados como critérios para categorizar indistintamente a todos as pessoas podendo, até mesmo, servir como critérios para julgar os modos como os indivíduos contemporâneos cuidam de si mesmos. A representação cultural foi central para o desenvolvimento desta pesquisa que buscou analisar quais são as representações de corpo produzidas/reproduzidas na *fan page* da revista Corpo a Corpo no *Facebook*. Para isso, a noção de representação cultural foi compreendida como um modo de produzir significados na cultura, ressaltando que esses significados são produzidos através da linguagem e, também, das relações de poder e de saber que nomeiam, classificam, identificam e diferenciam os indivíduos. Pautado nessa compreensão e na do campo dos Estudos Culturais, em sua vertente pós-estruturalista, articulados à Educação, o presente estudo focalizou a *fan page* da revista Corpo a Corpo no *Facebook*, por constituir-se como uma pedagogia cultural. O material de análise abrangeu postagens da referida mídia social, associadas às *hashtags* corpo e beleza, realizadas nos meses de maio e de junho do ano de 2015. Para uma melhor condução da pesquisa, a análise ficou dividida em três eixos temáticos: Mulher na rede: os corpos educados; Cuidados pessoais + cosméticos e Corpo como projeto: responsabilidade particular. Dessa forma, foi possível mostrar como esse artefato cultural elege os sujeitos de quem e para quem fala, não apenas delimitando os lugares que devem ser ocupados por cada um, mas também, indicando quais são as ações exigidas para a promoção e para a manutenção da saúde e da beleza. O corpo, desse modo, constitui-se como um projeto de responsabilidade individual, alvo de ações de poder que o investem por toda a vida.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais. Pedagogias Culturais. Corpo. Beleza. *Facebook*.

## ABSTRACT

The concern with the body has become an issue that goes through a variety of social classes and age groups, based on it; the media has been investing in the production of body representations, as well as it has been participating in the construction of what is accepted as beautiful and healthy. These representations are cultural constructions that end up being taken as criteria for categorizing indiscriminately all people and can even serve as criteria for judging the ways contemporary individuals take care of themselves. The cultural representation was crucial to the development of this research that sought to analyze what are the body representations produced/reproduced on fan page of the magazine *Corpo a Corpo* on Facebook. To this end, the notion of cultural representation was understood as a way to produce meanings in culture, emphasizing that such meanings are produced through the language, through the power relationships and knowledge that name, classify, identify and differentiate individuals. Based on this understanding, and in the field of cultural studies, in its poststructuralist tendency, articulated to education, this study focused the fan page of *Corpo a Corpo* magazine on Facebook, because it is a cultural pedagogy. The analysis covered of social media posts, linked to body and beauty hashtags, it was carried out from May to June in 2015. In order to develop the research, the analysis was divided into three thematic axes: Woman on the net: the educated bodies; Personal care + cosmetics and Body as a project: special responsibility. Thus, it was possible to show how this cultural artifact elects the ones who and to whom we talk about, not only bordering the places that should be occupied by each one of them, but also indicating what are the required actions for the promotion and maintenance of health and beauty. The body, thereby, is a project of individual responsibility, the target of power actions that influence it for life.

**Keywords:** Cultural Studies. Cultural Pedagogy. Body. Beauty. Facebook.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> .....	<b>46</b>
<b>Figura 2</b> .....	<b>50</b>
<b>Figura 3</b> .....	<b>54</b>
<b>Figura 4</b> .....	<b>57</b>
<b>Figura 5</b> .....	<b>58</b>
<b>Figura 6</b> .....	<b>60</b>
<b>Figura 7</b> .....	<b>71</b>
<b>Figura 8</b> .....	<b>74</b>
<b>Figura 9</b> .....	<b>77</b>
<b>Figura 10</b> .....	<b>81</b>
<b>Figura 11</b> .....	<b>83</b>
<b>Figura 12</b> .....	<b>87</b>
<b>Figura 13</b> .....	<b>89</b>
<b>Figura 14</b> .....	<b>91</b>
<b>Figura 15</b> .....	<b>93</b>

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 CONTORNOS TEÓRICOS – OS ESTUDOS CULTURAIS E AS PEDAGOGIAS CULTURAIS .....</b>	<b>14</b>
2.1 Estudos Culturais .....	14
2.2 Pedagogias Culturais .....	18
<b>3 APONTAMENTOS SOBRE CORPO E BELEZA .....</b>	<b>24</b>
<b>4 ELABORAÇÕES METODOLÓGICAS .....</b>	<b>41</b>
4.1 Caminhada investigativa .....	41
4.2 A revista Corpo a Corpo e sua versão no <i>site</i> de mídia social <i>Facebook</i> .....	47
4.3 A Representação Cultural .....	49
<b>5 #CORPO, #BELEZA: CORPOS FEMININOS BELOS E SAUDÁVEIS EM POSTAGENS DA CORPO A CORPO .....</b>	<b>53</b>
5.1 Mulher na rede: o corpos educados .....	53
5.2 Cuidados pessoais + cosméticos: o combo ideal para ser bela e saudável .....	68
5.3 Corpo como projeto: responsabilidade particular .....	86
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS? .....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>110</b>

## APRESENTAÇÃO

Quando comecei o Mestrado, minha ideia inicial era relacionar as minhas áreas de formação, Administração e Letras, com a pesquisa a ser desenvolvida. No entanto, o meu projeto de pesquisa tinha como tema “O pensar reflexivo como mediador da relação entre a teoria e a prática pedagógica do professor”. Assim, não via ainda a articulação entre tal temática e as discussões promovidas pelos Estudos Culturais de vertente pós-estruturalista.

Depois, quando começaram as disciplinas e as reuniões de orientação, passei a me aprofundar nos Estudos Culturais e em sua gama de possibilidades e, então, modifiquei a temática para “Representações de professor e a motivação no trabalho” e, em seguida, para “Pedagogias da internet: o que o *Facebook* nos ensina sobre os professores”. Para este último estudo seriam analisadas as representações culturais de professor através de páginas do *site* de mídia social *Facebook* como Professora Indelicada, Diário de uma professora, Professora Sincera, É tudo culpa do professor, entre outras. Mas, ainda não era esse o tema que me encantaria.

Quanto mais prosseguiam meus estudos na perspectiva pós-estruturalista, mais surgiam temáticas interessantes como a Representação do professor de Língua Materna de escolas de periferia em filmes/no cinema; a Relação professor x aluno nas mídias sociais e a Satisfação do professor no trabalho e as mídias sociais. E com essa “enxurrada” de possibilidades confesso que me sentia angustiada por não conseguir fechar definitivamente um tema.

Foi assim, que na disciplina de Pedagogias Culturais comecei a enxergar “com outros olhos” um assunto que considero muito interessante, o corpo. Foram muitas leituras de artigos, dissertações e teses que abordavam os temas corpo e beleza e, que, despertaram o meu interesse para essa nova possibilidade de abordagem.

As reportagens relacionadas com os cuidados com o corpo, com a saúde e a estética sempre chamaram a minha atenção e por algum tempo fui consumidora assídua de revistas sobre dieta e beleza. Além das revistas, o assunto está presente em programas de televisão, em jornais, em *sites*, em *blogs*, em mídias sociais e tantos outros espaços. Após esse contato com as Pedagogias Culturais, passei a olhar esses materiais de forma diferente, pois nunca antes havia pensado em utilizá-

los como objeto de pesquisa. Assim, surgiu mais uma ideia, a de utilizar capas de revistas como objeto de estudo, mas ainda faltava algo mais instigante.

A partir dessas observações, fui percebendo que o corpo é apresentado e ensinado de forma que esteja sempre precisando ser melhorado e que o indivíduo é visto como o único responsável por isso.

Representações culturais são veiculadas regularmente na mídia. Elas participam da construção do que é aceito como belo e saudável em cada período ou época. São construtos que acabam sendo tomados como critério para categorizar indistintamente a todos. Segundo Andrade (2003, p. 123),

[...] o que se percebe é que as representações são inventadas, produzidas e que, por sua repetição, tornam-se hegemônicas e hierarquizam os sujeitos na escala social de acordo com diversos atravessamentos como gênero, classe, etnia, geração, etc.

Com o intuito de questionar como essas representações são produzidas, escolhi como objeto de estudo as revistas por entender que ensinam sobre corpo e beleza, portanto, constituem uma pedagogia cultural.

A revista *Corpo a Corpo* tem, além da versão impressa, possui outra importante forma de acesso ao seu conteúdo que consiste em uma página integrante do *site* de mídia social *Facebook*<sup>1</sup>. Essa página existe desde 2012 e disponibiliza postagens associadas às matérias integrantes da revista impressa. Essas chamadas quando acessadas, redirecionam o/a internauta para o *site*<sup>2</sup> oficial da revista, no qual se encontra a matéria completa. Tudo isso, sem a obrigatoriedade de ser assinante da revista e, por esses motivos, optei por abordar o referido *site* de mídia social material de análise nesta dissertação.

Com base nessa compreensão e na do campo dos Estudos Culturais articulados à Educação, em sua vertente pós-estruturalista, o objetivo deste trabalho foi o de analisar quais são as representações de corpo produzidas/reproduzidas na *fan page* da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook*. Para isso, a noção de representação cultural foi compreendida como um modo de produzir significados na cultura, ressaltando que esses significados são produzidos através da linguagem e,

<sup>1</sup> Página do Facebook oficial da revista *Corpo a Corpo* disponível em <<https://pt-br.facebook.com/corpoacorpooficial/>>.

<sup>2</sup> *Site* oficial da revista *Corpo a Corpo* disponível em <<http://corpoacorpo.uol.com.br/>>.

também, das relações de poder e de saber que nomeiam, classificam, identificam e diferenciam os indivíduos.

Após a defesa da proposta de dissertação, surgiram novas ideias e uma nova opção foi a análise das postagens associadas ao uso de *hashtags* (expressões utilizadas pelos/as usuários/as da internet para sinalizar uma palavra-chave, filtrar as mensagens em relação assunto ou tema, ou ainda, criar categorias).

Dessa maneira, foi estabelecido que o novo recorte temporal seria composto pelas postagens que estavam associadas às #corpo e # beleza, nos meses de maio e junho de 2015, período de maior concentração do uso dessas duas *hashtags*. A seleção do material será explicada com maiores detalhes no capítulo sobre as elaborações metodológicas.

O presente trabalho ficou dividido em seis capítulos subdivididos em seções. Neste primeiro capítulo, apresentei um pouco da procura pela temática e a minha caminhada inicial nos Estudos Culturais, bem como alguns elementos necessários para determinar o objetivo desta Dissertação.

No segundo capítulo, intitulado Contornos teóricos – o campo dos Estudos Culturais e as Pedagogias Culturais, no qual procurei caracterizar o campo dos Estudos Culturais em sua vertente pós-estruturalista e, também, defini e refleti sobre Pedagogias Culturais como um espaço pedagógico que produz e ensina modos de ser e de agir em diferentes ambientes do mundo, além do ambiente escolar. Aproveitei para mostrar uma sucinta revisão de alguns trabalhos de pesquisa cujas leituras me possibilitaram uma melhor compreensão dos modos como as Pedagogias Culturais agem.

No capítulo seguinte, denominado Apontamentos sobre corpo e beleza, trouxe um breve histórico sobre o corpo compreendido neste trabalho como um construto histórico, social e cultural, bem como algumas relações entre beleza e saúde para demonstrar como essas compreensões foram sendo modificadas ao longo do tempo.

No quarto capítulo, descrevi as Elaborações metodológicas, nas quais expus as minhas escolhas em relação à pesquisa pós-crítica, também apresentei o objeto de estudo, revista Corpo a Corpo, em sua versão para *site* de mídia social *Facebook* e explicitarei a noção de representação cultural que foi o conceito central utilizado para alcançar o objetivo proposto para esta dissertação.

No quinto capítulo, intitulado #corpo, #beleza: corpos femininos belos e saudáveis em postagens da Corpo a Corpo apresentei a análise das postagens. Foi dividido em três eixos temáticos para uma melhor condução dos resultados: Mulher na rede: os corpos educados; Cuidados pessoais + cosméticos e Corpo como projeto: responsabilidade particular.

No sexto e último capítulo, o qual denominei de Considerações finais?, fiz um apanhado sobre as análises realizadas conforme os contornos teóricos que fundamentaram toda a pesquisa, ressaltando que o corpo é alvo de ações de poder e saber que o investem por toda a vida.

## 2 CONTORNOS TEÓRICOS – OS ESTUDOS CULTURAIS E AS PEDAGOGIAS CULTURAIS

No presente capítulo, delinheiro aspectos do aporte teórico para mostrar a vinculação da pesquisa com a perspectiva pós-estruturalista dos Estudos Culturais e, também, com as possibilidades abertas por este campo acadêmico para examinar as postagens de um *site* de mídia social a partir das discussões a respeito das Pedagogias Culturais.

### 2.1 Os Estudos Culturais

O movimento dos Estudos Culturais deu os primeiros passos na Inglaterra, na década de 1950, com a Criação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, ligado à Universidade de Birmingham. Nesta universidade foi organizado um centro de pesquisa de pós-graduação nessa área, assim como foram produzidas algumas obras que marcaram os primeiros desenvolvimentos dos Estudos Culturais. Entre essas obras estão *The uses of literacy*, lançado por Richard Hoggart em 1957; *Culture and Society*, publicado por Raymond Williams em 1958 e *The Making of The English Working-class*, lançado por Edward Thompson em 1963. O Centro foi dirigido por Richard Hoggart até 1968 quando Stuart Hall o substituiu até 1979 (ESCOSTEGUY, 1998).

Uma das figuras mais importante do centro foi Stuart Hall, de acordo com Costa, Wortmann e Silveira (2015), pois coordenou projetos, produziu artigos e vivenciou vários momentos. Depois de deixar a direção do centro, Hall atuou na Open University até 1997. Quando aposentou-se da Open University permaneceu envolvido com atividades relacionadas aos Estudos Culturais.

A proposta original dos Estudos Culturais é considerada por alguns como mais política do que analítica, embora amparada principalmente no marxismo, a história deste campo de estudos está entrelaçada com a trajetória da *New Left*, de alguns movimentos sociais (ESCOSTEGUY, 1998, p. 88).

Como indicou Cevasco (2008), os Estudos Culturais surgiram como um empreendimento marginal, interessado na necessidade política de estabelecer uma educação democrática para os que tinham sido privados dessa oportunidade.

Ainda de acordo com Cevalco (2008), além de terem escrito grandes livros, Hoggart, Thompson e Williams foram professores da Worker's Educational Association (WEA), uma organização de esquerda para a educação de trabalhadores. Ensinar nesse tipo de instituição era mais uma intervenção política do que uma profissão, então a WEA procurava construir uma nova consciência social e uma nova civilização que incluísse a classe trabalhadora como um todo.

A partir de sua criação e da publicação de suas primeiras obras, o campo dos Estudos Culturais foi responsável por promover uma importante mudança na noção de cultura rompendo com a distinção de “alta cultura” e “baixa cultura ou cultura de massas” que predominava nas discussões acadêmicas da época. Com essa mudança de compreensão, a cultura passou a compreender todos os elementos da vida cotidiana, incluindo comportamentos, estilos de vida e o meio em que os indivíduos estavam inseridos.

No período após 1968, os Estudos Culturais transformaram-se numa força motriz da cultura intelectual de esquerda. Sendo assim, enquanto movimento intelectual teve um impacto teórico e político que foi além dos muros acadêmicos, pois, na Inglaterra, firmavam uma questão de militância e um compromisso com mudanças sociais radicais (ESCOSTEGUY, 1998).

Na América Latina, os Estudos Culturais apresentam um contexto peculiar em que eles foram concebidos, pois estão configurados dentro da tradição crítica latino-americana e em sua especificidade são e têm sido inspiração para reflexões acerca da Educação (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003).

Em relação aos Estudos Culturais na América Latina,

[...] é importante assinalar que a década de 1990 é reconhecida como a década em que ocorreu a explosão dos EC na América Latina, marcada pela realização de pesquisas sobre “consumo cultural”, ora utilizando metodologias quantitativas, ora estratégias qualitativas (entrevistas e dinâmicas de grupo, por exemplo), expandindo-se por meio de estudos e publicações de ensaios de maior fôlego. Cabe registrar, ainda, no que diz respeito aos EC da América Latina, a freqüente utilização das expressões “Teoria cultural” e “análises culturais”, numa superposição que torna difícil falar de fronteiras e limites rígidos em relação ao que se vem entendendo por Estudos Culturais (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003, p. 45).

No Brasil, no início dos anos 1990, os Estudos Culturais ganharam importantes desenvolvimentos junto ao campo da Educação com Tomaz Tadeu da

Silva (COSTA, WORTMANN e SILVEIRA, 2015). Foi ele quem trouxe para o país os primeiros livros em inglês da Open University e dedicou-se aos seus estudos e tradução juntamente com seus alunos em seminários de pós-graduação (COSTA, WORTMANN e SILVEIRA, 2015). É importante salientar que no Brasil, a vertente pós-estruturalista tem prevalecido nas pesquisas relativas à Educação.

Para Cevasco (2016), com o intuito de que os Estudos Culturais pudessem acompanhar o ritmo pós-moderno foi necessário, primeiramente, tornar-se independente do passado e pensar a identidade sem vínculo algum com as grandes narrativas mestras que antes interpretavam a questão. Dessa maneira,

[...] o marxismo é descartado, pois não somos mais sujeitos de classe, a psicanálise é posta de escanteio e leva com ela os próprios estudos literários, os textos já não nos constituem, sem esquecer, é claro de descartar a ideologia (CEVASCO, 2016, p. 209).

As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade compõem o eixo principal das pesquisas inseridas nos Estudos Culturais, nas quais é possível perceber a centralidade que a cultura tem recebido quando no mundo contemporâneo. Para Veiga-Netto (2003, p. 5-6),

[...] tal centralidade não significa necessariamente tomar a cultura como uma instância epistemologicamente superior às demais instâncias sociais – como a política, a econômica, a educacional; significa, sim, tomá-la como atravessando tudo aquilo que é do social.

Como observa Hall (1997a), a centralidade da cultura está relacionada ao modo como diferentes práticas discursivas produzem, moldam e regulam as identidades e as subjetividades dos indivíduos. Desse modo, passou-se a entender cultura como uma condição constitutiva da vida social, provocando uma mudança de paradigmas nas Ciências Sociais e Humanas que ficou conhecida como “virada cultural”. Porém, cabe destacar, essa “virada” não foi uma ruptura total, mas uma reconfiguração de elementos que sempre estiveram presentes na análise sociológica que agora está associada a novos elementos com foco na linguagem e na cultura (HALL, 1997a).

E de acordo com Costa, Silveira e Sommer (2003, p.40), os Estudos Culturais seriam

[...] um conjunto de abordagens, problematizações e reflexões situadas na confluência de vários campos já estabelecidos, o que justifica a busca de inspiração em diferentes teorias, bem como a intenção de romper com certas lógicas cristalizadas para hibridizar concepções consagradas.

Dessa forma, podemos entender que os Estudos Culturais não apresentam contornos bem delineados tal como os que caracterizam outras disciplinas acadêmicas. Constituem-se como um campo que se apropria de teorias das mais diversas áreas, como mostrou Silva (2010, p. 134),

[...] o que distingue os Estudos Culturais de disciplinas acadêmicas tradicionais é seu envolvimento explicitamente político. As análises feitas nos Estudos Culturais não pretendem nunca ser neutras ou imparciais. Na crítica que fazem das relações de poder numa situação cultural ou social determinada, os Estudos Culturais tomam claramente o partido dos grupos em desvantagem nessas relações. Os Estudos Culturais pretendem que suas análises funcionem como uma intervenção na vida política e social.

A “virada cultural” está diretamente relacionada à chamada “virada linguística”, ou seja, a uma nova atitude em relação à linguagem, vista – a partir das teorizações pós-estruturalistas – como constitutiva da vida social, das nossas identidades e da maneira como vivemos as nossas vidas e entendemos o mundo. Os Estudos Culturais assumiram que a cultura tem a ver com significados partilhados entre os membros de uma determinada sociedade ou grupo. Para Hall (1997a), a linguagem constrói e, ao mesmo tempo, participa na/da circulação de significados. Essa virada relativa à linguagem, conforme apontou Silva (2005), conferiu ênfase ao caráter constitutivo da linguagem assinalando a ligação entre os Estudos Culturais e o pós-estruturalismo.

A linguagem, segundo essa compreensão, participa ativamente da produção de sentidos e significados, pois quando alguém ou algo é descrito, a linguagem atua produzindo uma “realidade”, ou seja, instituindo algo como existente de tal ou qual forma. Neste caso quem tem o poder de narrar o outro, dizendo como está constituído, como funciona, que atributos possui, é quem dá as cartas da representação, ou seja, é quem estabelece o que tem ou não estatuto de “realidade” (COSTA, 1998). E não há realidade intrinsecamente verdadeira, pois os enunciados tomados como verdades são construídos discursivamente segundo um regime ditado pelas relações de poder (COSTA, 1998).

Ainda de acordo com Costa (1998, p. 42-43),

[...] representar é produzir significados segundo um jogo de correlação de forças no qual grupos mais poderosos – seja pela posição política e geográfica que ocupam, seja pela língua que falam, seja pelas riquezas materiais ou simbólicas que concentram e distribuem, ou por alguma outra prerrogativa – atribuem significado aos mais fracos e, além disso, impõem a estes seus significados sobre outros grupos.

Os Estudos Culturais têm se mostrado bastante produtivos para o desenvolvimento de investigações, principalmente por produzirem indagações, questionamentos e reflexões relativos aos modos como a linguagem constitui o tópico de que fala sem desconsiderar qualquer tipo de produção cultural como digna de análise acadêmica.

Foi a partir da aproximação entre Estudos Culturais e Educação que as análises que inseriam a pedagogia dentro de uma rede de significações relacionada com cultura, política e poder encontraram embasamento teórico. A partir deste cenário, o conceito de pedagogias culturais emergiu como uma ferramenta produtiva mobilizada para discutir as relações entre artefatos de cultura e processos educativos (ANDRADE e COSTA, 2015b).

Por esse motivo, esse campo acadêmico possibilita abordar em uma pesquisa, inserida no campo da Educação, a forma como diferentes artefatos culturais, entre eles os *sítes* de mídia social, podem ser tomados como uma Pedagogia Cultural que produz modos de ser, de viver e de agir dos sujeitos.

## **2.2 As pedagogias culturais**

A partir dos Estudos Culturais com sua inspiração pós-estruturalista, como já anunciei na seção anterior, é possível entender que os *sítes* de mídia social se constituem como artefatos culturais que praticam uma Pedagogia Cultural, ou seja, fornecem informações, produzem e ensinam modos de ser e de agir. Essa afirmação decorre da compreensão de que a educação se dá em diferentes espaços do mundo contemporâneo, sendo a escola apenas um deles (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003). Isso significa que somos educados, também, por imagens, filmes, textos escritos, pelas propagandas e charges, pelos jornais, revistas e pela televisão, não importando onde esses artefatos estejam expostos.

Dessa forma,

[...] as pedagogias culturais vão formatando a nossa identidade, na medida em que envolvem nosso desejo, capturam nossa imaginação e vão construindo a nossa consciência (COSTA, 2010, p. 144).

Os Estudos Culturais articulados com a Educação vêm possibilitando entender de forma diferente, mais ampla, mais complexa e plurifacetada a própria educação, os sujeitos nela envolvidos e as suas fronteiras.

De certa maneira,

[...] pode-se dizer que os Estudos Culturais em Educação constituem uma ressignificação e/ou uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões como cultura, identidade, discurso e representação passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica (COSTA, SILVEIRA E SOMMER, 2003, p. 54).

Não são apenas as narrativas de cunho acadêmico ou científico que promovem aprendizagens (COSTA, 1998). Dessa forma, os *sites* de mídia social estariam produzindo corpos e mostrando modos que são tomados como os mais adequados de viver a vida.

Os *sites* são, assim como outros artefatos culturais, portanto,

[...] concebidos como linguagens, como discursos que, sendo práticas de significação, atribuem sentido ao mundo e, ao fazê-lo, criam, instituem, inventam (COSTA, 2000, p.34).

A partir desses esclarecimentos, volto minha atenção para uma sucinta revisão de alguns trabalhos de pesquisa relativos aos temas corpo, saúde e beleza que foram produzidos analisando artefatos culturais. Ao realizar uma pesquisa utilizando um *site* de buscas fiquei surpresa com a expressiva quantidade de trabalhos realizados com essa temática em diferentes cursos acadêmicos. Trabalhos como os selecionados, os quais li atentamente me possibilitaram o aprofundamento da compreensão dos modos como agem as Pedagogias Culturais.

Para limitar a revisão, pesquisei os *sites* do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA – Campus Canoas/RS) e do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade

(NECCSO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), universidades que possuem programas com linhas de pesquisa vinculadas aos Estudos Culturais. O período pesquisado foi de 2010 a 2015 para abranger os trabalhos realizados recentemente que abordaram a temática que enfoco nesta dissertação.

Focalizando os trabalhos localizados a partir da busca que realizei nos *sites* das duas universidades acima referidas começo destacando o estudo de Márcio Neves dos Santos (2010), intitulado “Pedagogias culturais e produção de corpos masculinos saudáveis em revista: um estudo sobre a Men’s Health”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA, cujo objetivo consistiu em analisar as ações e as estratégias empreendidas pela revista Men’s Health para a produção de determinados corpos masculinos (ditos saudáveis).

A perspectiva teórica adotada foi a dos Estudos Culturais em Educação, dos Estudos de Gênero e dos Estudos de Mídia, sendo que o caminho metodológico foi o da análise cultural (textual e imagética) de doze exemplares da revista Men’s Health. As análises do autor indicaram que a revista assume, prazerosa e pedagogicamente, que determinados corpos masculinos e determinadas masculinidades são mais saudáveis do que outros/as e naturalmente desejáveis pelas mulheres. As estratégias utilizadas pela revista para ensinar o que seriam corpos masculinos saudáveis incluem o uso do humor, a linguagem coloquial, a sensualidade e a convocação de especialistas como médicos, preparadores físicos e nutricionistas. Dessa forma, Santos percebe que, na revista em questão, a saúde é sugerida através da estética e vista como obrigação de cada homem, sendo mostrada como fruto de esforços individualizados e supostamente simples (dieta, atividades físicas, alimentos, exames, produtos, etc).

Na sequência dessa revisão, selecionei a dissertação intitulada “Ensina-me a ser uma mulher NOVA”, de Eliane Vargas de Campos (2011) desenvolvida, também, no Programa de Pós-graduação em Educação da ULBRA. Nesse trabalho a autora analisa como a revista Nova convoca as suas leitoras a consumirem, além de determinados produtos de beleza veiculados nas matérias de doze edições da revista, conceitos que envolvem a tríade: corpo, beleza e consumo para saber como essas relações convocam as mulheres.

O referencial teórico utilizado para fundamentar as discussões foram Bauman, Sant’Anna, Vigarello, Fischer, Steinberg e Kincheloe, entre outros, que analisam e problematizam temas associados ao consumo, corpo, beleza e às pedagogias

culturais colocadas em circulação por artefatos culturais como as revistas. Como resultado, foi possível perceber a recorrência de alguns atributos de beleza em suas narrativas que convocam as mulheres leitoras a serem belas e independentes como atributos inseparáveis à feminilidade.

Outro trabalho que integra o mesmo recorte temático foi a dissertação de Bianca Rocha Guterres (2012), desenvolvida no Programa de Pós-graduação da ULBRA e intitulada “Lições sobre corpo e estilos de vida nos anúncios publicitários de academias de ginástica”. O objetivo desse trabalho foi analisar 20 folders e anúncios publicitários, que são artefatos que funcionam como pedagogias culturais e fornecem informações que acabam por produzir e ensinar modos de ser e de agir, de 11 academias de ginástica de Porto Alegre (RS) e região metropolitana. Nos materiais, a autora procurou perceber como os corpos e os estilos de vida são configurados, construídos e representados, bem como verificar como a possibilidade de uma nova vida via transformação do corpo é ensinada e vendida pelas academias. E os resultados sugerem um forte apelo das academias de ginástica em vender soluções “completas”, “individualizadas” e “milagrosas”, usando diversos meios de persuasão e estratégias de promoção de estilos de vida saudáveis e corpos perfeitos, o que vem ao encontro do que pretendo abordar.

Mencioná-lo é especialmente importante por ter sido o primeiro trabalho com a temática do corpo, da saúde e da beleza com que tive contato. Isso ocorreu primeiramente na disciplina de Pedagogias Culturais cursada no primeiro semestre do curso de Mestrado. E confesso que foi esse trabalho que despertou o meu interesse, depois de muitas incertezas, em analisar corpo e beleza.

Completando a revisão, aponto a dissertação “Educando o corpo feminino: saúde como um mais, corpo molecular e otimização da beleza na Revista Claudia”, a autora Cintia Strim (2011), quando vinculada ao programa de Pós-graduação da UFRGS, discutiu como os conceitos contemporâneos de saúde, corpo e beleza se articulam na revista Claudia e quais estratégias são utilizadas na produção de corpos femininos na atualidade. Para isso, foram analisados anúncios, matérias e reportagens de doze exemplares do artefato e o referencial teórico-metodológico foi ancorado na perspectiva pós-estruturalista dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero. A partir das ferramentas escolhidas, Strim (2011), apresentou e problematizou as práticas de cuidado com a saúde e a beleza presentes nas páginas da revista Claudia que colaboram na construção dos modos de ser e de

viver femininos. As principais questões discutidas foram os investimentos na potencialização do próprio corpo, a busca incessante por mais saúde e o consumo do próprio corpo.

Nos trabalhos acima, foi possível perceber como eles exploram a compreensão de corpo como construto histórico, social e cultural e, desse modo, contribuíram para a organização da minha pesquisa com ideias e com autores que serviram como referências. Esses trabalhos mostram como o conceito de Pedagogias Culturais possui grande utilidade e produtividade quando se pretende mostrar em operação a pedagogia ligada à cultura da mídia. Aqui vale lembrar que

[...] o campo dos Estudos Culturais tem sido um espaço intelectual dedicado a examinar estes novos lugares da produção de sujeitos, sendo o controvertido conceito de pedagogias culturais uma das ferramentas teóricas de grande utilidade (ANDRADE e COSTA, 2015a, p. 845).

O entendimento de que diferentes artefatos da cultura são produtivos na formação dos sujeitos encontrou nos Estudos Culturais e nas discussões e nas análises sobre Pedagogias Culturais fundamentação teórica e empírica oportuna para produzir pesquisas com artefatos das chamadas novas mídias conectadas a *world wide web*, como é o caso da presente pesquisa que utiliza o *site* de mídia social *Facebook*.

A articulação entre Educação e Estudos Culturais, no Brasil, tem sido um processo com perspectivas inovadoras. Porém, é importante pontuar, essas inovações nunca são dadas como estáveis ou definitivas, “[...] trata-se de uma aproximação realizada com cautela, sempre sujeita e aberta a questionamentos e discussões” (COSTA e WORTMANN, 2016, p. 336). Essas articulações circundam um processo de inventar conexões entre elementos aparentemente não similares, ou que parecem desconjuntados. As novas conexões possuem a possibilidade de serem desfeitas ou substituídas, em determinados momentos e circunstâncias, pela desarticulação de velhas conexões ou pela instituição de novas articulações (COSTA e WORTMANN, 2016).

Nesse processo articulatório, como mostram Costa e Wortmann (2016), é importante ressaltar que não são estabelecidos enlaces definitivos, contudo dele decorrem infinitas versões rizomáticas implantadas em diferentes níveis: o

epistemológico (a articulação corresponde a um modo de pensar as estruturas como um jogo de correspondências, não correspondências e contradições); o político (a articulação é um caminho para colocar em destaque a estrutura e os jogos de poder vinculados a relações de dominação e de subordinação) e o estratégico (a articulação provê mecanismos para configurar a intervenção no interior de uma particular formação, conjuntura ou contexto social).

Convém lembrar que são os enfoques em alguns momentos mais culturalistas, em outros mais foucaultianos da produtividade dos artefatos da mídia na construção de representações e de modos de ser, e, também, os autores brasileiros e estrangeiros com suas pesquisas, que subsidiam os trabalhos que analisam como as Pedagogias Culturais operam (ANDRADE e COSTA, 2015a).

Na breve revisão dos trabalhos acima, foi possível perceber o quanto os artefatos da mídia educam, regulam condutas, subjetivam e, como são pesquisas atuais, mostram como a pedagogia ensina comportamentos, hábitos e valores considerados adequados em relação aos corpos.

No próximo capítulo, apresento alguns apontamentos sobre corpo e beleza, a fim de embasar as análises sobre as representações produzidas pela *fan page* do *Facebook* da revista *Corpo a Corpo*.

### 3 APONTAMENTOS SOBRE CORPO E BELEZA

Na perspectiva dos Estudos Culturais, na qual este estudo se inscreve, o corpo é compreendido como um construto histórico, social e cultural. Assim, o corpo é bem mais do que a matéria que o compõe, “[...] o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc” (GOELLNER, 2010, p. 28). Ou seja, o corpo não é uma base material estável e universal sobre a qual algo acontece, ele é provisório, mutável e mutante, pois é propenso a incontáveis intervenções, sejam científicas, tecnológicas, culturais ou discursivas.

O corpo, portanto, não compreende apenas ossos, músculos, vísceras, células, etc. O corpo é, também, as roupas que o vestem, os acessórios que o enfeitam, as máquinas que nele se acoplam, os medicamentos que o regulam, as imagens que dele se fazem, as teorias científicas que o tematizam, as tecnologias que o modificam, as histórias que dele se contam, e, ainda, os significados que dele se produzem. Os significados, é importante ressaltar, são sempre instáveis, temporários, dependentes da época e do local em que se produzem. Em suma, o corpo é, outrossim, efeito da ação da linguagem que não apenas descreve o que já existe, mas também, o que cria. A linguagem como indicou Goellner (2010), constitui o corpo ao nomeá-lo, ao classificá-lo como anormal ou normal, como jovem ou velho, como feio, belo, saudável ou doente, entre outros exemplos.

Dar ênfase à dimensão cultural do corpo não significa negar a sua materialidade, mas chamar a atenção para o conjunto de aspectos que o constituem. Dessa forma, o corpo está atrelado às representações que circulam na mídia, tais como as que podemos observar em revistas, jornais, filmes, novelas e programas de TV, *blogs*, entre outros, assim como pelos discursos científicos produzidos pela medicina, pela biologia, pela cultura, pela economia, etc. E é por esse motivo que não podemos dizer que há um único e inequívoco significado atribuído a qualquer corpo, ou seja, não há um sentido intrínseco ou colado à matéria que o compõe. Por assim dizer, podemos compreender os esforços que se multiplicam para produzir determinados tipos de corpos a partir do uso de cosméticos e de próteses, de intervenções cirúrgicas, da prática de exercícios físicos, da procura por dietas

alimentares, etc, todos voltados para garantir a juventude, a longevidade, a saúde e a beleza.

O corpo é sempre "biocultural", tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual, então seria irrelevante tentar separar a obra da natureza daquela realizada pelos indivíduos (SANT'ANNA, 2006). Conforme acrescenta a mesma autora, o corpo é um território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades sem fim, campo de forças que não cessa de inquietar e confrontar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida. Pode ser considerado um verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo manifesta diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia, mas, ao mesmo tempo, pode escondê-los (SANT'ANNA, 2006).

Logo, pensar o corpo como algo produzido na cultura e pela cultura é, ao mesmo tempo, um desafio e uma necessidade, pois é preciso desnaturalizar o modo como o corpo é observado, abordado, explicado, classificado, tratado, investido e controlado (GOELLNER, 2010). Por esse motivo, neste capítulo apresento alguns elementos a respeito das formas como os seres humanos pensaram o corpo em outros momentos históricos e agiram a fim de transformá-lo para que se compreenda como se produziram as relações entre beleza e saúde que estão em vigor neste início do século XXI.

A construção dos significados relativos ao corpo na cultura exige compreender os modos como o corpo se tornou investido de saberes e poderes. De acordo com Foucault (1995, p. 243), o poder é

[...] um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações.

De acordo com essa acepção, o poder possui um lado produtivo e não se serve somente para reprimir e, se foi possível constituir saberes sobre o corpo, isso se deu associado a mecanismos disciplinares (FOUCAULT, 2012).

Para relacionar saber e poder, Foucault emprega a palavra genealogia, que fora utilizada anteriormente por Nietzsche, para designar uma metodologia em que a

finalidade é a analítica do poder. A genealogia não tenta explicar o que é o poder; ela quer desmontá-lo para analisar suas manifestações em qualquer campo que se manifeste (da moral, da política, do conhecimento, do desejo) e deixa-lo à mostra. À vista disso, Foucault desenvolveu a ideia de que o poder atua no que possuímos de mais concreto: nossos corpos. A genealogia procura descentrar e desestatizar o poder, tentando, para isso, apreender suas manifestações nas práticas, discursivas ou não, que se estruturam e se combinam, e nos atravessam e nos conformam (VEIGA-NETO, 2005).

É relevante indicar que a genealogia se opõe à pesquisa da "origem" que

[...] se esforça para recolher nela a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo. Procurar uma tal origem é tentar reencontrar “o que era imediatamente”, o “aquilo mesmo” de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira (FOUCAULT, 2012, p.17).

Mesmo que este trabalho não busque realizar uma genealogia é importante recorrer a alguns dos seus elementos como inspiração para ajudar a indicar condições de possibilidade para que neste início de século XXI os corpos sejam investidos de poder tal como vou abordar ao longo desta dissertação.

Durante a época clássica, houve uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. A partir desse momento, foi possível encontrar sinais da grande atenção dedicada ao corpo – um corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece e responde, que se torna hábil e capaz de multiplicar as forças que o investem. A esse respeito Foucault (1987, p.118) explicou que “[...] é dócil o corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Uma docilidade que, segundo o autor, se produz na articulação entre poderes e saberes que investem o corpo “[...] que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1987, p.118).

O poder, portanto, possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. E é justamente esse aspecto que explica o fato de que tem como alvo o corpo humano, não para supliciá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo. Foi

esse tipo específico de poder que Foucault chamou de disciplina ou poder disciplinar (MACHADO, 2012).

De acordo com Foucault (1987), as técnicas do poder disciplinar são o exame, a vigilância e a sanção normalizadora que, de forma combinada, servem para intensificar o exercício das relações de poder e da produção de saber.

O indivíduo é vigiado e modelado por tecnologias disciplinares e esses procedimentos modificam o limite da individualidade produzindo o enquadramento disciplinar no qual

[...] a criança, o doente, o louco, o condenado se tornarão, cada vez mais facilmente a partir do século XVIII e segundo uma via que é a dos mecanismos da disciplina, objeto de descrições individuais e de relatos biográficos. Esta transcrição por escrito das existências reais não é mais um processo de heroificação; funciona como processo de objetivação e de sujeição (FOUCAULT, 1987, p. 159).

O poder que Foucault configura diferencia-se de qualquer acepção que o localize no Estado ou em alguma instituição. O poder não é algo que se encontra estático, em um determinado lugar, capaz de se exercer meramente para fazer visível a luta das classes ou da superestrutura de uma sociedade. O que há são mecanismos e práticas de poder, que trabalham favorecidos pela construção de determinados discursos com propósitos bem específicos de controle e disciplinarização dos indivíduos.

O poder, portanto, está vinculado às microrrelações sociais. O autor explica que

[...] as relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, micro lutas de algum modo. Se é verdade que estas pequenas relações de poder são com frequência comandadas, induzidas do alto pelos grandes poderes de Estado ou pelas grandes dominações de classe, é preciso ainda dizer que, em sentido inverso, uma dominação de classe ou uma estrutura de Estado só podem bem funcionar se há, na base, essas pequenas relações de poder. O que seria o poder de Estado, aquele que impõe, por exemplo, o serviço militar, senão houvesse em torno de cada indivíduo todo um feixe de relações de poder que o liga a seus pais, a seu patrão, a seu professor – àquele que sabe, àquele que lhe enfiou na cabeça tal e tal ideia? (FOUCAULT, 1977, p. 231).

Logo, o poder é, primeiramente, uma estratégia, trama de relações, batalha perpétua e não algo que conserva e possui. Em toda a parte,

[...] as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme que procuro fazer aparecer do que a dominação morna e estável de um aparelho uniformizante (FOUCAULT, 1977, p. 232).

A disciplina não quer produzir corpos sobre os quais seja preciso incidir constantemente uma parcela de coerção e intimidação porque esse procedimento seria alheio aos seus mecanismos por ser até mesmo dispendioso na economia de forças empregadas. Assim, para esta economia,

[...] é mais interessante fabricar corpos “submissos, e exercitados, corpos dóceis”, cuja submissão não represente uma inércia de obediência conseguida por um controle ininterrupto, mas esteja associada a uma impressão de autonomia na vinculação a engrenagens postas em funcionamento em diversas instituições (FONSECA, 1995, p. 51).

Por conseguinte, o efeito conseguido pela punição disciplinar é a afirmação do poder da norma. A normalização não é resultado de uma forma de repressão, mas técnicas de sanções voltadas para uma operacionalidade. Além disso, envolve a classificação e a qualificação de atos e comportamentos sutis, obriga à escolha entre valores, permitindo a diferenciação dos indivíduos e a mensuração de sua natureza e capacidade. E, ainda põe em funcionamento um sistema de exercícios repetitivos de acordo com uma conformidade esperada e traça um limite entre os que estão de acordo com a normalidade que estabelece e os que não estão (FONSECA, 1995).

Por sua vez, a sanção normalizadora é um instrumento decisivo no mecanismo disciplinar, pois permite uma utilização real de todos os elementos conseguidos pela vigilância, de modo que, incidindo sobre a esfera individual, consiga efeitos comuns no sentido de uma normalização. Como quando afirma Fonseca (1995, p.58), a sanção normalizadora “[...] não faz com que todos sejam iguais, mas sim que todos pareçam, ao redor de um padrão de normalidade”.

Com o propósito de aperfeiçoar o mecanismo de controle das atividades, a disciplina promove a sintonia dos gestos com a atitude global do corpo e, também,

com o objeto manipulado. Esta sintonia aumenta a eficiência ao mesmo tempo em que facilita o controle. Em vista disso, Foucault (1987, p. 132). afirma que “[...] o corpo, tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber”.

A nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc.

A segunda tomada de poder, no que lhe diz respeito, não é individualizante, mas é massificante, pois se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie. A propósito disso,

[...] depois da análise anátomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma “biopolítica” da espécie humana (FOUCAULT, 2005, p.289).

A biopolítica engloba as ações políticas que atuam na direção de governar a vida, governar a população através do que foi nomeado por Foucault como biopoder. Apesar de o biopoder ser algo novo, ele não descartará a técnica disciplinar, mas irá integrá-la. Assim sendo, o biopoder não eliminará o poder disciplinar porque ele está em outro nível na escala do poder, isto é, na medida em que a técnica disciplinar se dirige ao homem-corpo, o biopoder se dirige ao homem-espécie (FOUCAULT, 2005).

Então, de que se trata essa nova tecnologia do poder, essa biopolítica, esse biopoder que se instala? Trata-se, como esclarece Foucault (2005), de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, da taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. A doença como fenômeno da população, não mais como a morte que se acomete com brutalidade sobre a vida, é a epidemia. São esses fenômenos

[...] que se começa a levar em conta no final do século XVIII e que trazem a introdução de uma medicina que vai ter, agora, a função maior da higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normalização do saber, e que adquire também o aspecto de campanha de aprendizado da higiene e da medicalização da população (FOUCAULT, 2005, p. 291).

A partir deste momento,

[...] é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação; a morte é o limite, o momento que lhe escapa; ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais 'privado' (FOUCAULT, 1988, p. 151).

Anteriormente, como esclarece Foucault (2005, p. 293),

[...] as disciplinas lidavam praticamente com o indivíduo e com o seu corpo. Não é exatamente com a sociedade que se lida nessa nova tecnologia de poder (ou, enfim, com o corpo social como tratam os juristas); não é tampouco com o indivíduo-corpo.

Porém, com o biopoder, o que passa a ser investido é um corpo múltiplo que não é infinito e cujos fenômenos podem ser mensurados através das estatísticas, assim a biopolítica

[...] lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder, acho que aparece nesse momento (FOUCAULT, 2005, p. 293)

O biopoder, certamente, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pode ser garantido com a inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. Mas as análises sobre essa questão mostram que o investimento de poderes e saberes sobre o corpo não se limitam a produção de trabalhadores para as indústrias, o poder sobre a vida tem aparecido atrelado a diferentes discursos ligados à promoção de uma melhor qualidade de vida para a população tal como os que são ligados aos cuidados com a saúde, com o bem-estar e a adoção de um estilo de vida mais saudável. Esses discursos apresentam maneiras vistas como eficazes de informar os indivíduos sobre as condutas que esses deverão seguir com seus corpos caso tenham como objetivo viver mais e melhor.

Diante do que foi exposto, o conhecimento sobre os corpos permite o governo sobre os corpos e acaba delimitando o que deve ser feito em relação às estratégias e técnicas de disciplinamento, o que pode ser chamado de culto ao corpo. Logo, explorar histórias procurando mediar o passado e o presente, identificar

rompimentos e rastros, ajustar os olhares, desconstruir e desnaturalizar discursos provenientes de diferentes tempos e espaços será necessário para a compreensão do que hoje simboliza um corpo desejável e aceitável.

Segundo Goellner (2010), elementos que compõem o culto ao corpo que hoje vivenciamos e que passam por todas as classes sociais e faixa etárias, tem uma importante relação com o que se iniciou no século XVIII e se intensificou no século XIX. E um aspecto importante a ser considerado é o conjunto variado de possibilidades que são ofertadas atualmente para prover as necessidades de um corpo saudável e digno de aceitação: academias de ginástica, treinamentos personalizados, modalidades esportivas variadas, cirurgias plásticas, tratamentos estéticos, cosméticos que utilizam tecnologias de última geração, planos alimentares, aplicativos digitais, entre outras novidades que surgem a cada dia. Diante de todas essas possibilidades é inevitável questionar quando e como começaram essas inquietações em relação aos corpos na humanidade.

Os jogos e os esportes fazem parte da vida das pessoas há muito tempo e é difícil estabelecer com precisão em qual um momento ou em qual cultura tenham surgido. Os jogos físicos não eram considerados esportes por não possuírem dispositivo funcional e nem organização seletiva, ou seja, não eram orientados por regras e objetivos, nem buscavam a participação da coletividade. Embora, na Europa dos séculos XVI e XVII estivessem presentes em determinados espaços e momentos visavam, por exemplo, a preparação de guerreiros ou a demonstração de força.

O vigor corporal e suas manifestações continuam sendo um sinal de poder, mesmo após a passagem de vários séculos, pois é praticamente impossível imaginar um grande personagem sem que sua vitalidade e força física sejam exaltadas. E entre os séculos XVI e XVII, os jogos de força frontal deixaram de existir para surgirem modalidades mais tênues com alvos que exigem dos participantes destreza e boa pontaria (VIGARELLO, 2012).

De acordo com Guterres (2012), os jogos físicos deixaram de ser exercícios de guerra ou de cavaleiros e começaram a valorizar as aparências, a postura dos participantes e as roupas mesmo que ainda não existisse uma preocupação formal com a realização dos exercícios.

Segundo Vigarello (2012), no início do século XVIII, com o enfraquecimento do modelo militar nobre e uma nova ênfase nos valores burgueses, outro panorama

surge em relação às práticas corporais porque algumas passam a ser vinculadas a jogos de aposta. E é, também, no século XVIII que há uma mudança em relação ao movimento gestual e suas representações, dado que ocorre um tríplice deslocamento, científico, cultural e social que incide sobre a visão clássica do exercício corporal. Nesse século, percebe-se o benefício sanitário do exercício sobre o corpo, pois saúde consolidada, órgãos reforçados. Também, nesse período, considerava-se que o movimento físico ajudava na evacuação, pois ajudava a agitar as partes, contrair os órgãos e expulsar humores que poderiam ficar estagnados. Assim, o jogo passava a ser visto como exercício, como uma atividade benéfica que purificava agindo por fricção e aquecimento, uma vez que, nos jogos, o corpo refletiria uma visão particular do orgânico e o movimento físico ajudaria a evacuar as partes internas, expulsando humores e evitando a estagnação (VIGARELLO, 2012).

Já nas primeiras décadas do século XIX, a Europa torna-se um cenário de rupturas profundas e marcantes na forma de configurar e educar o corpo. Os exercícios físicos, conforme Soares (2006), ainda não fazem parte dos hábitos difundidos para a população em geral, hábito que muito depressa se introduzirá na vida civil, atualizando-se de maneira impressionante e permanecendo até os dias atuais.

O modo como os exercícios físicos começam a ser pensados nesse momento indica uma aproximação e um acordo mais desenvolvido com a ciência, permitindo analisar o movimento humano, calcular as forças produzidas bem como as velocidades dos tempos de execução, o que indica uma preocupação com as performances e com a eficácia desses mesmos movimentos em diferentes âmbitos da vida (SOARES, 2006).

A ciência do século XIX que classifica e analisa o corpo no seu detalhe é aquela que certificará uma educação do corpo visando transformá-lo em útil e produtivo. Este pensamento é a base da crença de que o corpo produtivo é como uma máquina produtora de energia que não pode nem desperdiçar forças, nem exercitar-se além do desejado (GOELLNER, 2010). E como ressalta Soares, trata-se de

[...] circunscrever o corpo e o movimento humano como um objeto de estudo para além de objeto de curiosidade ou de entretenimento também revela dimensões importantes do lugar ocupado pelas pedagogias e de seu poder sobre o corpo, de sua capacidade mesma de nele intervir (2006, p. 77).

É importante lembrar que é nesse período que o poder soberano que antes costumava impor a morte sofre um deslocamento e passa a se afirmar como um poder que gere a vida, então, o biopoder passa a ser a nova modalidade de exercício do poder soberano sobre os corpos (DUARTE, 2008).

Para Foucault (2012, p. 146), "[...] o domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo". Essas atitudes conduzem ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso. O poder não vacila, ele recua, se desloca, investe em outros lugares. É o que podemos chamar de regulação da vida.

Ao mesmo tempo, no século XIX, a expansão industrial capitalista possibilitou que cuidados com o corpo ganhassem novas tendências. Surgia a necessidade de disciplinar o corpo do trabalhador para este se tornar apto a acompanhar o ritmo da máquina. E foi em meio ao processo de industrialização surgiram outros problemas relativos à saúde dos trabalhadores: doenças, mortalidade, vícios e problemas posturais. A classe social mais favorecida no início do século XIX tinha clareza em relação à importância da força física do trabalhador (SOARES, 2001, p. 48).

O corpo, nesse período, constitui-se como um importante instrumento de trabalho. A ginástica contribui para o desenvolvimento da destreza específica e para uma disposição precisa das forças, conforme aponta Soares (2008). E devido a isto, a educação do corpo foi incentivada e incorporada em programas oficiais de ensino de diversos países em nome da saúde e do bem-estar do indivíduo (GOELLNER, 2010).

A noção de que o corpo em sua exterioridade traduz uma posição moral interna tem sido amplamente tratada no Ocidente desde o século XVIII e de forma mais acentuada a partir do século XIX pelos discursos médico, jurídico, pedagógico e literário. Esse é um tempo de ajustamento dos discursos sobre educação do corpo, sintonizados na retidão de posturas e comportamentos, que visava à erradicação das anatomias disformes e dos espíritos desconformes, o que Vigarello denominou de pedagogia dos corpos retos (SOARES E FRAGA, 2003).

A ginástica é uma pedagogia que incide sobre o corpo individual e regula o corpo social, tornando o que podemos denominar de corpo sadio, corpo dócil (SOARES, 2008). Sob o mesmo ponto de vista, Goellner argumenta que

[...] o corpo passou a ser alvo de diferentes métodos disciplinares, entendidos como um conjunto de saberes e poderes que investiram no corpo e nele se instauraram: as aparelhagens para corrigir as anatomias defeituosas, os banhos de mar, as medições e classificações dos segmentos corporais, a modelagem do corpo pela atividade física, a classificação das paixões, a definição do que seriam desvios sexuais, por exemplo, compunham um conjunto de saberes e práticas voltadas para a educação da gestualidade, a correção do corpo, sua limpeza e higienização (2010, p. 35).

A medicina, nessa época, torna-se um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos com a finalidade de disciplinar e regulamentar os corpos. O corpo sadio evidenciado pelo esporte e pelas ginásticas exalta o higienismo, o qual ainda vivenciamos, e que, de algum modo, compõe a regulação da vida de que fala Foucault (2005).

O conceito de higiene foi tomado como propriedade pelo movimento eugenista brasileiro, no início do século XX, para tornar efetivo o seu discurso, pois sua preocupação era com medidas de higiene familiar e sanitária, demonstrando objetivos políticos, já que visava, através dessas medidas, a disciplinarização da população (ANDRADE, 2003).

A palavra higiene, nessa conjuntura, adquire outro significado que deixa de designar o que é *são* e, conseqüentemente, de qualificar a saúde e passa a constituir um conjunto de dispositivos e de saberes que atuam sobre o corpo. A higiene "[...] torna-se um campo específico da medicina que objetiva qualificar não apenas a higiene do corpo, mas a higiene da cidade conferindo, a ambos, mais energia e vigor" (GOELLNER, 2010, p. 35). Por esse motivo, o corpo produzido com base nessas acepções demandava alteração nos hábitos cotidianos dos indivíduos no que se referia aos cuidados sobre si.

A medicina e a beleza aliadas à saúde confirmam a importância da vigilância higiênica e os médicos eram os responsáveis pela organização social e moral das famílias de elite que, até início do século XX, tratavam da beleza com produtos ainda considerados remédios tal como os tônicos e as loções (SANT'ANNA, 2006).

A partir do século XX o corpo tem sido cada vez mais definido por sua aparência. Ao abordar essa questão Fischler (2005, p. 69) diz que "[...] uma das características de nossa época é a lipofobia, sua obsessão pela magreza, sua rejeição quase maníaca à obesidade". A obesidade então passou a ser vista como

um sinal tangível de falta de controle, impulsividade, auto-indulgência, enquanto que o corpo magro é um testemunho da auto-disciplina, uma forma de domínio da mente sobre o corpo e da capacidade de fazer sacrifício em nome da boa forma.

A feiura, é vista como ligada profundamente com a gordura e o envelhecimento, é uma das formas de exclusão que incide sobre os corpos (NOVAES, 2011).

Assim,

[...] o corpo gordo torna-se um corpo estrangeiro, no seu sentido de não pertencimento àquele lugar, alguém estranho, um forasteiro aos olhos dos “padrões normais” que os indivíduos enquanto massa insistem em retroalimentar sem questionamentos, sem reflexões, sem muitas críticas (MATTOS, ZOBOLI e MEZZARROBA, 2012, p. 102).

Essas afirmações ajudam a perceber porque a perda de peso é uma exigência de nossos dias e porque há uma urgência em queimar gorduras para ser considerado saudável. Então, a perda de peso é de certa forma, um ultimato para a conquista da beleza, da saúde e do bem-estar. A saúde passa, portanto, a ser cada vez mais associada com a boa forma, pois evitar fumar e beber, fazer dieta e praticar exercícios, por exemplo, são pontos comumente considerados necessários tanto para ter boa saúde quanto para conquistar e manter um corpo belo ainda que existam tanto aproximações, quanto resistências relativamente aos discursos vigentes relativamente à promoção de saúde como ressalta Lupton (2000).

De qualquer forma, a saúde e a boa forma seriam, como também indica a autora (LUPTON, 2000), algo a ser conquistado, uma tarefa individual associada com a responsabilidade que cada um/a possui ao adotar um determinado estilo de vida.

As celulites, as estrias, as rugas e as gordurinhas sobrando fazem parte do conjunto das desordens orgânicas da vida contemporânea, pois são alvo de um intenso investimento da indústria dos cosméticos e do *fitness*, na busca dos mais rebuscados artefatos para a eliminação de excessos (SOARES e FRAGA, 2003, p. 78). Para eliminar os excessos, a prática de atividade física é considerada essencial porque a palavra de ordem livrar-se, livrar-se dos excessos, dos vícios, ou seja, de tudo o que diminui a expectativa de vida das pessoas e do que pode trazer algum ônus aos programas de previdência (SOARES, 2008).

O desejo desesperado por um corpo útil, firme, bonito e atemporal é compreendido como o resultado de um investimento pessoal e, de certa forma, econômico, é buscado em formas idealizadas e homogêneas não importam as consequências nem os riscos decorrentes (SOARES E FRAGA, 2003). Ainda de acordo esses autores,

[...] os corpos jovens, esbeltos, longilíneos, altos, saudáveis e ativos de hoje são aqueles que há muito tempo encarnaram a retidão. A aparência externa tornou-se uma preta subjetiva mais profunda, que potencializa o sujeito a exterminar em si mesmo todo o tipo de desvio que o desalinha física e moralmente. A introjeção desses princípios torna-se mais profunda no momento em que procedimentos estéticos tortuosos se tornam mais banais. Ceras quentes para arrancar pêlos, aplicações de botox, lipoaspirações, cirurgias redutoras, implantes de silicone, injeções de hormônio hGH, aparelhos ortodônticos compõem o instrumental corretivo contemporâneo destinado a dar aos corpos uma aparência "naturalmente" reta - um corpo *in natura* (SOARES E FRAGA, 2003, p.87).

A expressão *in natura*, cabe destacar, não está relacionada somente aos corpos que nasceram e tornaram-se desconcertantes sem nenhum esforço, como nos faz crer a mídia, mas está também relacionado àqueles que conseguiram incorporar de modos menos visíveis os mecanismos de correção, ou seja, conseguiram incorporar na própria carne um conjunto de procedimentos destinados à eliminação das deformidades de um modo tão perfeito que a retidão parece brotar naturalmente de dentro do corpo (SOARES E FRAGA, 2003).

Nesse território de movimentações reguladas destaca que estão atravessadas relações de poder que incluem/excluem, classificam, demarcam fronteiras, normalizam, assombram, hierarquizam e posicionam. Trata-se de um poder que não é outorgado nem delegado, mas disputado por sujeitos que estão situados socialmente de forma assimétrica.

O culto ao corpo e a busca por estilos de vida saudáveis são imperativos permanentes na vida das pessoas, os cuidados com a saúde e com o próprio corpo formam práticas culturais da contemporaneidade e espalham a noção de que somente é gordo, velho, doente e feio quem quiser. Sob esse ponto de vista, Le Breton (2007, p. 30) enuncia que

[...] a relação do indivíduo com seu corpo ocorre sob a égide do domínio de si. O homem contemporâneo é convidado a construir o corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o

envelhecimento ou a fragilidade, manter sua “saúde potencial”. O corpo é hoje um motivo da apresentação de si.

Para promover a saúde, uma das formas é incentivar a saúde positiva, isto é, prevenir as doenças, mais do que tratá-las, e para isso, a mídia é uma grande aliada, lançando no mercado ideias de comportamentos e atitudes saudáveis. De acordo com Castiel e Diaz (2007, p. 73),

[...] o respectivo controle de riscos relacionados ao estilo de vida tende a seguir a mesma racionalidade, sendo, muitas vezes, apresentado pelos especialistas da promoção da saúde como algo ligado à esfera privada, da responsabilidade dos indivíduos, colocada em termos de escolhas comportamentais.

Vários profissionais da área da saúde em conjunto com a mídia, elaboram as mais diversas informações e programas para combater os efeitos dos comportamentos de alto risco como fumar, comer alimentos gordurosos, abusar de álcool e drogas, não realizar exames médicos periódicos e não realizar atividade física de forma suficiente (CASTIEL E DIAZ, 2007).

O sedentarismo é outro aspecto a ser considerado, pois as associações entre a inatividade física e o aparecimento de patologias se repetem entre os argumentos para uma melhor condição de vida/qualidade de vida, conforme apontou Gonçalves (2010). Por esse motivo, a escolha de um estilo de vida saudável passa pelo combate ao sedentarismo entre outros modos de adoção de hábitos considerados saudáveis tais como os relacionados à alimentação, à hidratação, ao combate ao tabagismo e ao alcoolismo, por exemplo.

O corpo, enfim, transformou-se em um empreendimento a ser administrado da melhor maneira possível no interesse do sujeito e de seu sentimento de estética e em conformidade com Le Breton (2007, p. 31). é “[...] importante gerir seu corpo como se gerem outros patrimônios do qual o corpo se diferencia cada vez menos”.

O culto ao corpo contemporâneo provoca distinções, hierarquizações, classificações e origina inumeráveis seres diferentes a partir dos modos como os sujeitos são nomeados a partir dos seus corpos. E como destaca Le Breton (2007, p. 31) “[...] é por seu corpo que você é julgado e classificado”.

Esse breve panorama serve para mostrar como os padrões de beleza e de valorização do corpo vem mudando ao longo dos tempos e como são representados. O interesse e a busca por um corpo belo e saudável encontram-se

com a possibilidade de controle sobre si mesmo que as revistas tentam promover. Tornar o corpo um projeto proporciona ao sujeito a possibilidade de agir sobre o próprio corpo.

As representações de corpo na mídia fazem parte desse processo de multiplicação dos diferentes significados referentes ao exercício físico e ao corpo na pós-modernidade. Nos anos 1980, a temática corpo ganhou mais espaço no Brasil quando surgiram as duas maiores revistas voltadas ao tema, a Boa forma (1984) e a Corpo a corpo (1987), que abriram o caminho para uma fonte que vem sendo habilmente explorado pelas indústrias editoriais até hoje (CASTRO, 2007, p. 59).

Como é possível perceber, a mídia e a educação fazem parte do universo da cultura (ANDRADE, 2004, p. 109)

[...] produzindo modelos de vida, modos de ser, de viver, de ver o mundo, produzindo, reforçando e veiculando uma gama de ensinamentos às pessoas. Esses ensinamentos colocam em ação estratégias pedagógicas de interpelação dos sujeitos.

Essas estratégias correspondem ao que já referi acima como Pedagogias Culturais. A análise dos modos como as aprendizagens que conectam corpo, cultura e mídia são relevantes em função de que muitas vezes,

[...] foge a nossa percepção que as aprendizagens do corpo não se dão unicamente no ambiente da escola. O corpo constrói conhecimentos continuamente na convivência, na relação, na interação com o outro. O outro pode materializar-se, de modo muito intenso hoje, através da mídia e dos seus múltiplos artefatos como novelas, filmes, livros, jogos, internet, revistas, música, etc (ANDRADE. 2002, p. 107).

A forma como revistas, programas de televisão, *sites*, livros e outros artefatos abordam os estilos de vida e o culto ao corpo aliando-os à beleza. Porém, não parece suficiente praticar algum exercício físico ou modalidade esportiva. Há uma inscrição dos corpos, também, nas malhas do consumo. O corpo considerado sadio requisita uma vestimenta de acordo, um calçado especial, um regime alimentar e repouso adequados, um instrutor especial e particular e, ainda, precisa tornar-se um espectador especial, amante do espetáculo esportivo difundido pelas mídias de massa contemporâneas (SOARES, 2008).

Pode-se dizer, portanto, que “[...] o culto ao corpo é, hoje, preocupação geral, que atravessa todos os setores, classes sociais e faixas etárias, apoiado no discurso da estética e da preocupação com a saúde” (CASTRO, 2007, p. 30).

Dessa forma, Andrade (2003, p. 122), aponta que

[...] esse corpo do mercado de consumo é constantemente construído e reconstruído nessas discursividades, adquire uma materialidade que é, ao mesmo tempo, um produto do poder que gera divisões sociais. A inserção do corpo nessa rede de saberes que dizem sobre ele estabelece, sempre, novas relações de poder.

Como já referi, o corpo como construto cultural e histórico, bem como suas representações, abrem muitas possibilidades para estudo e investigação. Um dos pontos que se conectam com as discussões sobre corpo diz respeito ao modo como se produzem os gêneros. A perspectiva dos Estudos Culturais auxilia a compreender que os gêneros são construídos nas relações sociais que em uma grande variedade de situações insere os indivíduos em formas de reforço a divisão binária que divide o mundo em homens e mulheres. Essas formas acabam por produzir e ensinar o que é entendido como positivo ou negativo para cada um/a.

A educação, de forma ampla, é um dos processos mais eficientes na constituição das identidades de gênero e sexual. Para Sabat (2010, p. 149),

[...] em qualquer sociedade, os inúmeros artefatos educativos existentes têm como principal função conformar os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais. Grande parte desses artefatos educativos está inserida na área cultural como, por exemplo, televisão, cinema, revistas, livros ou histórias em quadrinhos.

Os artefatos em questão são revestidos de características que podem ser vistas como "inocentes", como prazer e diversão, que também educam e produzem conhecimento, pois funcionam como pedagogias culturais. A mídia, portanto, pode ser considerada como um dos mecanismos educativos presentes nas instâncias socioculturais porque não possui somente características como prazer e diversão, mas também educa e produz conhecimentos. E ao funcionar como um mecanismo que educa e produz conhecimentos ela contribui para produzir identidades, o que inclui as identidades de gênero. De acordo com Andrade (2010, p. 109),

[...] somos constantemente bombardeadas por informações que nos chegam principalmente através da mídia e que nos ensinam como devemos nos relacionar com o mundo; informações que se pretendem verdadeiras e universais.

A mídia ajuda a fazer “sujeitos” de um determinado “tipo”. Ela ensina modos de ser e modos de estar no mundo. A mídia também pode ser considerada um mecanismo pedagógico em que representações são construídas a partir de um conjunto de práticas socialmente estabelecidas. Apesar de que, possamos encontrar simultaneamente neste espaço algumas frestas que dão passagem a formas alternativas de compreensão do mundo e representações outras que não as hegemônicas (SABAT, 2010, p.150).

A mídia trabalha em grande parte com imagens. As imagens produzem uma pedagogia, uma forma de ensinar as coisas do mundo, produzem conceitos ou pré-conceitos sobre diversos aspectos sociais, produzem formas de pensar e agir, de estar no mundo e de se relacionar com ele. Nas revistas, de um modo geral, a construção de imagens que valorizam determinado tipo de comportamento, de estilo de vida, de corpo ou de pessoa, é uma forma de regulação social que reproduz padrões mais comumente aceitos em uma sociedade (SABAT, 2010, p.150). Assim, é comum observarmos nas revistas corpos vistos como "perfeitos", os quais exibem o bíceps, a panturrilha, o abdome rígido e trincado, algo como "a escultura perfeita, a obra de arte a ser admirada" (NOVAES, 2011, p. 484).

Depois de realizada esta revisão sobre as teorizações que contribuíram para fundamentar essa pesquisa e suas temáticas, no capítulo seguinte, mostro a construção dos caminhos metodológicos utilizados para analisar os questionamentos iniciais e o modo como foi organizada a pesquisa.

## 4 ELABORAÇÕES METODOLÓGICAS

Neste capítulo, apresento as minhas escolhas metodológicas para indicar os modos como a pesquisa foi organizada e como está embasada para abordar as representações de corpo e beleza na *fan page* da revista Corpo a Corpo no *Facebook*.

### 4.1 Caminhada investigativa

O viés dos Estudos Culturais não apresenta os mesmos traçados metodológicos que nos acostumamos a ver em diversos trabalhos acadêmicos, pois proporciona uma grande variedade de possibilidades de análise e de formas de construção dos trabalhos, o que não significa, apesar de sua heterogeneidade, que possam ser considerados como tudo ou qualquer coisa e como trabalhos que abdicuem de rigor.

Pesquisas que se inserem em correntes teóricas denominadas pós-críticas não se referem a um método de pesquisa, no sentido habitual do termo. Em trabalhos inseridos no campo dos Estudos Culturais recorrentemente explicitam que seus procedimentos metodológicos foram construídos no processo de investigação, de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas (MEYER e PARAÍSO, 2012, p. 15).

Como explicado acima, os Estudos Culturais não têm uma metodologia *a priori*, as metodologias vão sendo produzidas, criadas, elaboradas e adequadas ao longo da pesquisa e o/a pesquisador/a tem a liberdade de se apropriar de metodologias que entenda como necessárias para a obtenção de conhecimento. Para Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 40), os Estudos Culturais,

[...] têm se apropriado de teorias e metodologias da antropologia, psicologia, lingüística, teoria da arte, crítica literária, filosofia, ciência política, musicologia. Suas pesquisas utilizam-se da etnografia, da análise textual e do discurso, da psicanálise e de tantos outros caminhos investigativos que são inventados para poder compor seus objetos de estudo e corresponder a seus propósitos. Eles percorrem disciplinas e metodologias para dar conta de suas preocupações, motivações e interesses políticos.

Para pensar nas revistas como artefatos culturais que praticam uma Pedagogia Cultural precisei me desprender de certos modelos e de algumas certezas para realizar a pesquisa. Antes de entrar em contato com os Estudos Culturais não havia pensado na possibilidade de questionar as formas fixas de definir o corpo, a beleza e a saúde, nem de promover discussões sobre as representações em relação ao tema expostas nas revistas.

Dessa forma, para examinar com mais profundidade as questões iniciais levantadas por essa pesquisa, tentei articular, ao longo da escrita, conceitos fundamentais para a sequência do trabalho ajustadas pelas lentes pós-estruturalistas dos Estudos Culturais.

A "metodologia" é um termo tomado nas pesquisas pós-estruturalistas de modo bem mais livre do que o sentido moderno atribuído ao termo "método". A metodologia pode ser vista como certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações. Em síntese, o método seria uma forma de interrogação e um conjunto de estratégias analíticas de descrição (MEYER e PARAÍSO, 2012).

Para realizar uma pesquisa pós-crítica é necessário um afastamento daquilo que é rígido, das essências, das convicções, das certezas universais e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamentos vigorosos para fazer interrogações, descrições e análises dos questionamentos que nos tiram do lugar, que nos fazem hesitar diante de algumas certezas cristalizadas e nos auxiliam a encontrar um caminho. Essas pesquisas têm influenciado expressivamente as investigações na área da educação e da saúde (MEYER e PARAÍSO, 2012).

A aventura de investigar sem ter um caminho seguro a percorrer durante o processo de pesquisa não significa que não existirão poucas ou nenhuma dúvida, pois é necessária uma organização do trabalho: planejamento, anotações, avaliações, ressignificações para passearmos entre os objetos de investigação e o que há de produções sobre ele (MEYER e PARAÍSO, 2012). Não devemos esquecer que o/a pesquisador/a não é isento de opiniões porque suas escolhas precisam ser nomeadas durante a pesquisa.

Na construção da pesquisa pós-crítica em Educação é necessário construir percursos, estratégias e procedimentos próprios que permitam respostas para as

nossas questões de pesquisa distanciando-nos das prescrições, do “é isso”, do “devemos fazer assim” (MEYER e PARAÍSO, 2012, p. 30).

Para realizar a pesquisa, escolhi como artefato cultural a ser analisado a *fan page* do *Facebook* da revista Corpo a Corpo da Editora Escala, versão que possui livre acesso através dessa mídia social. A escolha de uma publicação vinculada a essa revista em particular se deu devido a ir ao encontro de uma temática que desperta meu interesse. Já fui assinante da versão impressa da revista durante algum tempo e, depois, comprava algumas versões impressas nas bancas, tendo oportunidade de acompanhar o conteúdo. Além disso, instigou-me o modo como essa revista aciona conhecimentos acerca do corpo como informações simples, neste caso informações científicas explicadas para pessoas leigas. Essa estratégia ajuda a fazer com que os discursos veiculados por ela pareçam necessariamente verdadeiros e se tornem hegemônicos. Aliás, como mostrou Andrade (2004), essas “verdades” são vitais na subjetivação, na produção de identidades, na elaboração de modelos de vida, modos de ser, de viver, de ver o mundo.

Apesar do grande número de revistas com essas características, a Corpo a Corpo foi escolhida por possuir uma versão eletrônica inserida no *site* de mídia social *Facebook*. A escolha se deu por essa ser uma das versões mais recentes da publicação e por possuir acesso livre, pois não há necessidade de ser assinante da revista para acessar o conteúdo, basta ter um perfil no *Facebook*.

O avanço dos *sites* de mídia social é hoje efetivo e o *Facebook* tornou-se um imperativo que congrega bilhões de usuários em diferentes partes do mundo e de diferentes faixas etárias. Esse e muitos outros *sites* de mídia social constituem-se em uma ferramenta importante para construir o espaço social no cotidiano dos usuários e, assim, gerar novas práticas e ressignificar seus usos (RECUERO, 2014).

Antes de o *Facebook* conquistar a preferência dos usuários da internet, já existiam outros *sites* de relacionamento e *blogs* que abriram a oportunidade de escrever, publicar e editar textos e opiniões próprias ou de outrem. Em todos esses gêneros textuais a comunicação se dava inicialmente pela linguagem escrita e, com o passar do tempo, a escrita foi combinada com a oralidade modificando a apresentação e a formalidade dos textos. É interessante pontuar que se trata de uma escrita que tende a certa informalidade, a uma menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela escassez do tempo (MARCUSCHI, 2010).

Partindo dessa escolha, foi necessário delimitar o que seria pesquisado em função da quantidade de postagens realizadas na *fan page* da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook*. De acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (2012, p. 53), a pesquisa “[...] tem a intenção de avançar ou aprimorar o conhecimento sobre o mundo que nos cerca e, para isso, requer a realização de experimentos ou observações”. Seria interessante observar todos os aspectos que envolvem a temática escolhida, independente do tema ou da área pesquisada, levando em conta todas as variáveis e reconhecendo as peculiaridades de seus arranjos na composição de cada fenômeno. Mas, a enormidade e a complexidade do mundo inviabilizam a realização de observações com esse grau de abrangência, e os/as pesquisadores/as são obrigados a escolher uma parte do que existe no mundo e focar nela sua atenção. Esse subconjunto do que está disponível para análise é o que chamamos de *corpus* da pesquisa (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2012).

Nessa perspectiva, o tema, o repertório e as filiações teóricas do/a pesquisador/a também implicam em direcionamentos para as problematizações possíveis naquela pesquisa e para a escolha dos procedimentos metodológicos e estratégias a serem utilizados. Ou seja, ao valorizar alguns fatores e pontos de vista e deixar outros em segundo plano, os próprios processos de problematização que dão origem à pesquisa implicam os modos de selecionar o que fará parte do *corpus* de pesquisa. Como destacam Fragoso, Recuero e Amaral, todo recorte realizado é artificial e sua construção “[...] é o momento em que os sucessivos processos de simplificação e subdivisão que têm lugar durante as empreitadas científicas são mais evidentes” (2012, p. 54).

Realizar essa atividade na internet, como pontuaram as autoras Fragoso, Recuero e Amaral (2012), é particularmente difícil em função de sua escala (seus componentes contam-se aos milhões e bilhões), de sua heterogeneidade (grande variação entre as unidades e entre os contextos) e de seu dinamismo (todos os elementos são permanentemente passíveis de alteração e a configuração do conjunto se modifica a cada momento). Para exemplificar, é possível observar que nos últimos anos o número de computadores conectados à internet cresceu milhares de vezes, sendo que o número de pessoas com acesso à rede é estimado em milhões e a estimativa de páginas gira em torno de bilhões.

Dessa forma, cada uma dessas páginas pode abrigar informação em diversos formatos combinando textos, imagens estáticas ou em movimento, sons que

representam conteúdos diferenciados e que podem ser alterados a qualquer momento. O mesmo panorama imenso, complexo e dinâmico é encontrado quando se limita o universo de observação a uma parcela de uma parcela da internet, como no caso dessa pesquisa, o *Facebook* que representa apenas uma pequeníssima parte da web. A escolha da *fan page* da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook* se deu, em parte, por essa ideia de dinamismo que a internet possui, por fazer as informações circularem muito rápido e serem de fácil acesso.

Ao percorrer a página da *fan page* da revista no *Facebook*, é possível encher os olhos com as variadas matérias sobre pessoas famosas, sobre a dieta ideal, sobre cuidados com a pele e com os cabelos, conhecer as últimas novidades em cosméticos e visualizar dicas de saúde e de beleza.

Para efeitos de análise, portanto, foi preciso realizar um recorte do material disponibilizado pela *fan page* da revista *Corpo a Corpo*. Inicialmente foram examinadas as postagens realizadas no período de janeiro de 2015 a janeiro de 2016, visando examinar os modos como a revista *Corpo a Corpo* ensina sobre corpo e beleza. No entanto, o material compreendido nesse período ainda seria demasiado para o âmbito desse trabalho. Situação essa que exigiu refinar a seleção de material ainda mais e foi quando percebi que tal delimitação não seria tão simples.

Então, somando as ideias da banca de qualificação ao auxílio de minha orientadora, a opção foi pela análise das postagens associadas ao uso de *hashtags*. As *hashtags* são expressões utilizadas pelos/as usuários/as da internet para sinalizar uma palavra-chave e, assim, filtrar as mensagens em relação a um único assunto ou tema. Elas servem para criar categorias de conteúdos publicados na internet por assunto ou por palavras-chave e, também, para mostrar sentimentos nas mídias sociais. Para criar uma *hashtag*, é necessário colocar o símbolo *hash* (#), que significa jogo da velha em inglês, antes da palavra escolhida (ALVES, 2014).

Tendo em vista que o objetivo do trabalho foi analisar representações de corpo e beleza e o *site* de mídia social *Facebook* utiliza essas duas palavras acompanhadas de *hashtags* (#corpo e # beleza), optei por explorar todas as postagens associadas a elas. Porém, elas não foram utilizadas durante todos os meses compreendidos no período de janeiro de 2015 a janeiro de 2016, levando-me a um novo recorte temporal que correspondeu a maior concentração do uso dessas duas *hashtags*: os meses de maio e junho de 2015. Após elencar as postagens

componentes da pesquisa, organizei uma planilha com todas as postagens compreendidas no critério de seleção adotado.

Na própria *fan page* da revista no *Facebook* há a possibilidade de filtrar o assunto de interesse, como é possível observar na figura abaixo. E, assim, no período de 27 a 30 de junho de 2016 foi realizada essa etapa do trabalho.

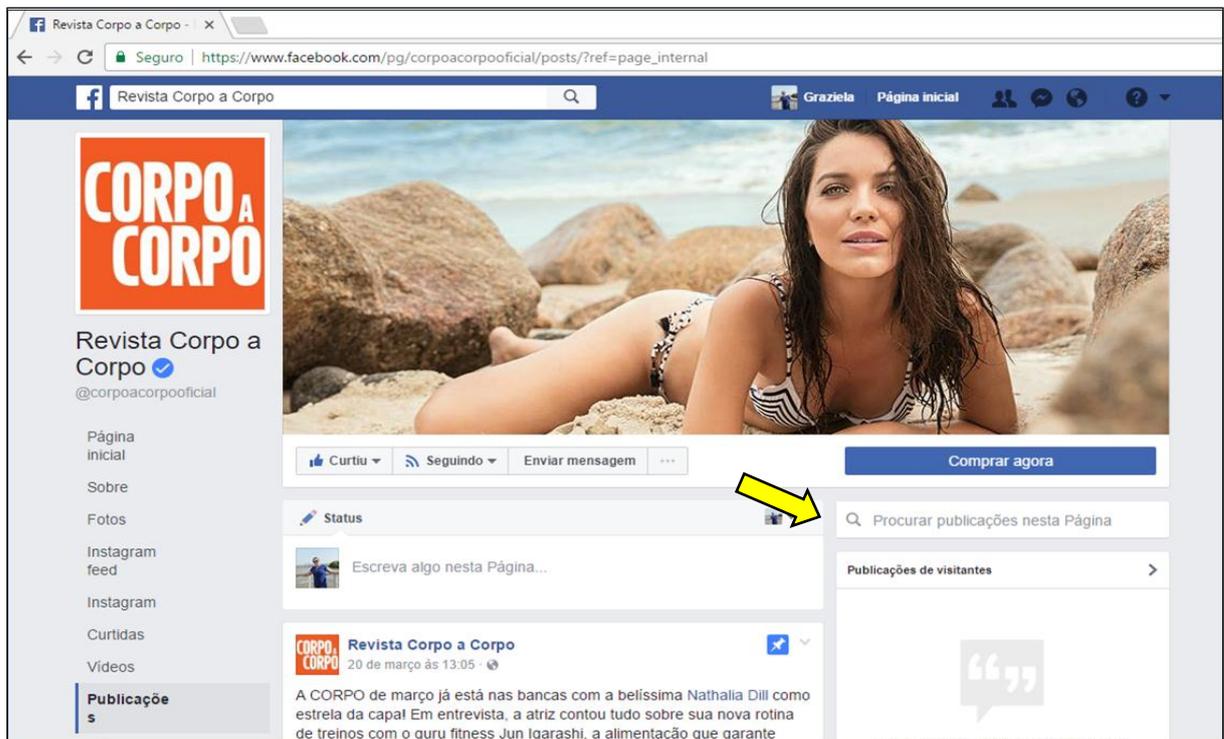


Figura 1<sup>3</sup>.

A análise cultural oportuniza diversas possibilidades de investigação, o que possibilita ao pesquisador construir o seu próprio caminho de pesquisa. Essa tarefa, embora pareça simples a um primeiro olhar, pode se tornar complexa devido ao surgimento de um leque de alternativas e de ser, de certa forma, como um roteiro aberto.

A partir desse momento, o *corpus* de análise deixou de ser toda a *fan page* da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook* e passou a ser composto pelas postagens em que apareciam *#beleza* e *#corpo* nessa página, nos meses de maio e junho de 2015. O movimento de acessar o *site* oficial da revista pôde ser observado em vários

<sup>3</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorpooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorpooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em mar 2017.

momentos, pois este também serviu como fonte de pesquisa para a realização do trabalho.

A seguir, apresento a revista *Corpo a Corpo* e sua versão criada no *Facebook*.

#### **4.2 A revista *Corpo a Corpo* e sua versão no *site* de mídia social *Facebook***

Por todo o lado, podemos observar corpos magros e esbeltos, com seus quilos a menos, seus cabelos sedosos, suas peles e seus sorrisos perfeitos, sua dieta e sua rotina diária de exercícios, sejam de atrizes, atores, cantores/as, pessoas famosas ou não, que se apresentam em diversos meios de comunicação como exemplares do que é bom, bonito e saudável para encontrar o caminho da felicidade.

As maneiras de projetar o embelezamento e a feiura, assim como os modos de representar o corpo, modificam-se de acordo com a época e com a influência da cultura e da mídia, colocam em ação estratégias pedagógicas de interpelação dos sujeitos. Essas estratégias são as pedagogias culturais, e atuam diretamente sobre os corpos dos sujeitos, educando-os, moldando-os, governando-os. É sempre bom lembrar que existe pedagogia em qualquer espaço ou ambiente em que se ensina alguma coisa a alguém, em qualquer instância onde sujeitos são instruídos, onde conhecimentos são produzidos, indicando modos de proceder e construindo verdades e, é através dessas estratégias que o poder é organizado e difundido. A mídia, através das revistas, elege os sujeitos de quem e para quem fala, demarcando os lugares que devem ocupar socialmente e, ao mesmo tempo, acaba por excluir outros que não se encaixem nessas condições. O sujeito para quem a revista endereça seus discursos não é o mesmo de algumas décadas atrás, já que na contemporaneidade os sujeitos aparentam ser mais independentes nas relações com seus corpos (ANDRADE, 2002, 2004).

Como já referi, a *fan page* da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook* foi escolhida como objeto de análise por constituir-se como uma forma de pedagogia cultural que coloca em circulação diversas representações sobre corpo e beleza.

A revista *Corpo a Corpo* da Editora Escala nasceu como um guia de qualidade de vida no ano de 1987, o Guia *Corpo a Corpo*, uma espécie de livro com encadernação especial graficamente bem acabado e, do ponto de vista temático,

bastante abrangente (CASTRO, 2007). Devido ao grande sucesso da primeira edição, uma segunda foi colocada nas bancas, mas rapidamente esgotou, o que levou à transformação do guia em uma revista mensal, que originalmente se propunha a realizar uma abordagem alternativa, tematizando o corpo como qualidade de vida, os riscos do universo, o ser humano, a vida na Terra. Em meados dos anos 1990, a revista se reposicionou, definindo-se como um veículo que se preocupa com a beleza da mulher (CASTRO, 2007).

No *site* oficial, na página de assinaturas, a revista é definida da seguinte forma: “Corpo a Corpo é a mais completa revista de beleza do país, pois valoriza a essência de cada mulher”<sup>4</sup>.

O depoimento da editora-chefe da revista, Cáren Nakashima, serve para ratificar a relação entre corpo e beleza:

Elevar a autoestima e olhar para a melhor versão de si mesma no espelho é o que move as mulheres hoje. E a revista Corpo a Corpo é a companheira nessa missão. Porque sabe que a alimentação balanceada, o treino certo, a massagem relaxante e as cores dos batons da moda são trunfos na hora de ir para o campo de batalha. Com informação fácil e direta, em um layout moderno e dinâmico, a publicação entrega todos os meses o que há de novo e eficiente em beleza, nutrição, fitness e bem-estar (CORPO A CORPO, 2015, p. 2).

Ao acessar o Midia Kit<sup>5</sup>, que consiste em uma apresentação focada nas qualidades e no potencial rentável de um negócio, presente no *site* da Corpo a Corpo, obtém-se a informação de que a maioria dos leitores são mulheres, com idades entre 20 e 39 anos.

Assim sendo, podemos depreender que as revistas, os filmes, os livros, os comerciais de televisão, são feitos para alguém, para um público imaginado, mas o que acontece, muitas vezes, é que os/as editores/as não atingem apenas os públicos que foram pensados como mais prováveis. O que ocorre com frequência é um erro de alvo, pois o modo de endereçamento nunca é único ou unificado (ELLSWORTH, 2001). No caso do artefato em questão, nada impede que homens e

---

<sup>4</sup> Página de assinaturas da revista Corpo a Corpo disponível em: <<http://assine.ibanca.com.br/vitrine/feminina/corpo-a-corpo-2.html>>. Acesso em 15 set 2015.

<sup>5</sup> Mídia kit da revista Corpo a Corpo disponível em: <[http://midiakit.escala.com.br/?page\\_id=169](http://midiakit.escala.com.br/?page_id=169)>. Acesso em 15 set 2015.

leitoras de outras faixas etárias também tenham acesso ao seu conteúdo e a suas representações de corpo.

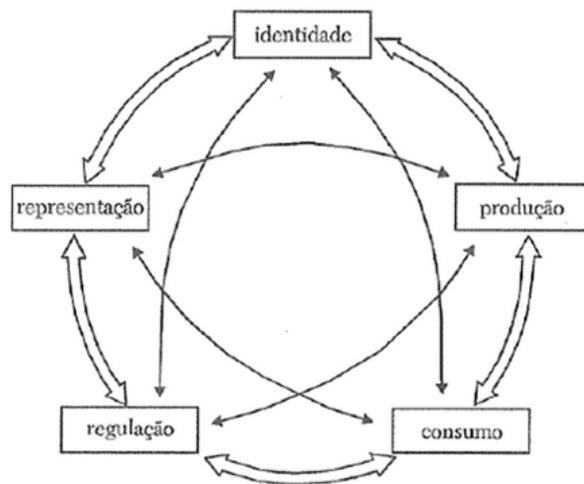
Na página da revista no *site* de mídia social *Facebook*, que está disponível desde agosto de 2012, são colocadas imagens selecionadas de algumas reportagens acompanhadas de um texto curto que leva ao *site* oficial da revista, no qual está a matéria completa. O leitor pode acompanhar dicas de beleza, exercícios, dietas e a famosa da capa da edição do mês sem a necessidade de ser assinante. O conteúdo pode ser curtido, comentado e/ou compartilhado conforme o interesse em relação ao assunto a qualquer hora, em qualquer lugar e em diferentes dispositivos digitais (microcomputadores, tablets, celulares, etc.). Os comentários, as curtidas e os compartilhamentos não foram selecionados para o *corpus* de pesquisa porque não apresentaram um número significativo e nem indicaram relação direta com a temática da pesquisa.

### **4.3 A Representação Cultural**

As análises propostas nesse trabalho foram desenvolvidas a partir da noção de representação cultural. A representação foi central para a condução deste estudo e foi compreendida aqui como um modo de produzir significados na cultura, ressaltando que esses significados são produzidos através da linguagem e das relações de poder.

Nos Estudos Culturais, a representação, conforme Wortmann (2001, p. 156), “é uma das práticas centrais na produção da cultura e um ‘momento’ chave no chamado ‘circuito da cultura’, no qual os significados são produzidos, e circulam, através de diversos processos e práticas”.

Os significados podem ser distribuídos somente através de um acesso comum à linguagem, ou seja, a linguagem é central para o significado e a cultura sempre tem sido considerada como o repositório chave dos valores e significados culturais (HALL, 1997b). Como podemos observar no “circuito da cultura” (figura 2), todos os processos de circulação das diferentes instâncias culturais (identidade, produção, representação, regulação, consumo) são dependentes entre si. Essa circularidade de valores simbólicos rege a atividade e o processo de significação dos diversos campos sociais.



**Figura 2 – O circuito da cultura<sup>6</sup>**

A representação vinculada à perspectiva dos Estudos Culturais não enxerga a linguagem como um reflexo dos eventos do mundo. Na linguagem utilizamos sinais e símbolos que representam para outras pessoas nossos conceitos e, assim, funciona como um sistema de representação. A representação através da linguagem é, por conseguinte, central para os processos que produzem os significados, ou seja, ela participa da constituição das coisas, não é vista como um simples reflexo (HALL, 1997b). Atribuímos significado às coisas através da forma como as representamos, das palavras que utilizamos nas histórias que contamos sobre as coisas, das imagens que produzimos, das emoções que associamos às mesmas, das maneiras como as classificamos e as conceituamos, os valores que lhes damos (HALL, 1997b). Mas, a representação nunca dá conta totalmente dos significados. O autor cita como exemplo a linguagem dos semáforos, através dos significados atribuídos arbitrariamente e culturalmente para as três cores (vermelho, amarelo e verde) para fazer referência ao fato de que o sentido se dá pela distinção entre as funções atribuídas a cada cor, mesmo que isto no sentido original não esteja associado às cores, pois são significados construídos e partilhados socialmente.

O significado é contestado e até mesmo rigorosamente disputado porque em qualquer cultura, em uma mesma época, há sempre diferentes circuitos de significação circulando, o que remete a produção dos significados estar sempre

<sup>6</sup> O circuito da cultura, segundo Paul de Gay (1997). Fonte: Woodward (2000, p. 69).

associada a lutas de poder, inscrita em relações de poder. E nesse processo se define, por exemplo, o que é considerado "normal" ou não em uma cultura, ou ainda, quem pertence a um determinado grupo ou dele é/está (WORTMANN, 2001). E Hall (1997b), destaca que, frequentemente, a produção de significados se inscreve em binários opostos, os quais são constantemente extraídos dado que as representações interagem entre si, substituindo umas às outras, deslocando umas às outras numa cadeia interminável.

Em qualquer cultura, há sempre uma grande diversidade de significados acerca de todo e qualquer tópico e mais de uma forma de interpretar ou representá-lo. Mas também, os significados culturais não estão apenas "na cabeça", pois organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossas condutas e, conseqüentemente, tem efeitos reais, práticos. A representação e o discurso tratam a cultura, os grupos, os sujeitos e os conhecimentos como produções históricas, como construções (FISCHER, 2000).

O corpo, que nesta pesquisa é visto como cultural e construído pela linguagem, também pode ser considerado como uma representação, pois é por meio da linguagem que a representação, a identidade e o poder estão essencialmente relacionados e implicados naquilo que é dito sobre as coisas e sobre o corpo (ANDRADE, 2002).

São os participantes de uma cultura que dão significância às pessoas, aos objetos e eventos, às coisas "em si" raramente, se é que alguma vez tem significados únicos, fixos e intocáveis (HALL, 1997b, p. 3).

A linguagem, neste sentido, é uma prática, um exercício de significação. Todo e qualquer sistema de representação que funcione desta maneira pode ser pensado, em termos gerais, conforme os princípios de representação através da linguagem. A representação faz com que sejamos posicionados como sujeitos, já que "é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos" (WOODWARD, 2000, p. 17). Diante dessa perspectiva, as revistas podem ser consideradas um sistema de representação, pois utilizam imagens e textos para comunicar significados para as pessoas.

As representações, como é importante mostrar, podem circular, ganhar força e produzir efeitos porque estão associadas ao poder. O poder não é sinônimo de repressão ou de uma lei que diz não. Segundo o Foucault (2012, p. 45),

[...] o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considera-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que instância negativa que tem por função reprimir.

Por esse motivo é possível indicar que essa noção de representação está intimamente associada à compreensão de discurso de Michel Foucault, para quem o discurso “[...] não é tratado como um conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2008, p. 55). E é importante lembrar que os discursos sempre estão inscritos em jogos de poder. Nesse processo, o poder liga-se ao saber. Os efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros, nem falsos, o que importa é que a verdade não existe fora do poder ou sem o poder, a verdade é deste mundo (FOUCAULT, 2012). Ou seja, a linguagem assinala o que é tomado como verdade em um tempo e espaço.

Mesmo que este estudo não busque realizar uma análise do discurso, mostrar a dimensão discursiva da representação cultural auxilia a demonstrar como ela funciona para colocar em circulação determinados saberes, determinadas práticas, determinados objetos e, com isso, produzir determinados sujeitos.

As revistas colocam em circulação saberes de diferentes campos do saber/poder, contudo produzem ao mesmo tempo um discurso próprio que colabora para a produção de sujeitos, de um jeito de viver o corpo, a saúde e a beleza, estabelecendo que o ser humano não pode mais ser concebido fora das relações sociais que o constitui, nem fora dos discursos que o significam (ANDRADE, 2002, p 63).

Após a explicitação dos encaminhamentos metodológicos utilizados e da noção de representação, apresento as análises realizadas.

## **5. #CORPO, #BELEZA: CORPOS FEMININOS BELOS E SAUDÁVEIS EM POSTAGENS DA CORPO A CORPO**

Neste capítulo apresento os eixos temáticos desenvolvidos a partir da sistematização e do exame minucioso do material de pesquisa. O corpo visto como um construto histórico, social e cultural é digno de ser analisado de acordo com as representações que circulam no momento. Devido ao tempo, que considero curto para uma pesquisa que apresenta uma temática tão ampla, foi necessário um olhar especial sobre o *corpus* de análise focalizando os três eixos que serão apresentados a seguir.

A partir do exame das postagens realizadas na *fan page* da revista Corpo a Corpo no *Facebook*, no período de maio e junho de 2015, associadas às *hashtags* corpo e beleza, a análise ficou organizada da seguinte forma:

- 5.1 Mulher na rede: os corpos educados;
- 5.2 Cuidados pessoais + cosméticos: o combo ideal para ser bela e saudável;
- 5.3 Corpo como projeto: responsabilidade particular.

### **5.1 Mulher na rede: os corpos educados**

Como mencionei anteriormente, as mídias sociais são veículos que produzem e colocam em circulação determinadas representações culturais de corpo. Para fazer isso, um artefato cultural se vale de recursos que ajudam a endereçar seus textos para determinados públicos, o que Ellsworth (2001) denomina modos de endereçamento.

Nesta seção, o foco da análise serão os corpos priorizados nas postagens, os corpos que são “capturados” pela rede virtual da revista. A página oficial da revista Corpo a Corpo no *Facebook*, em diversos momentos, faz referência direta a mulheres e/ou alude a temas considerados femininos, como se pode ver nas postagens que apresentarei na sequência. A relação com o corpo feminino ficou mais evidente nas postagens em que, além das *hashtags* utilizadas para o recorte do material, apresentavam também a #mulher.

A partir desse ponto, percebi algumas particularidades em relação ao assunto e selecionei os *posts* que mais indicavam compatibilidade com o desenvolvimento da pesquisa. E sempre lembrando que a mídia é uma instância, na qual o poder se

exercita, que disciplina, regula e educa os corpos da mesma forma que qualquer outra instância educativa, o que a constitui como uma pedagogia cultural. Os *sites* de mídia social, sejam eles vinculados a revistas ou não, fazem parte de uma pedagogia que direciona a produção de identidades que tenciona a produção de determinado tipo de corpo feminino. Como lembra COSTA (2010), as pedagogias culturais formatam a nossa identidade, envolvem nosso desejo, capturam nossa imaginação e constroem a nossa consciência.

Dentro desse pensamento, a postagem apresentada a seguir, associada à *hashtag* *corpo*, faz referência direta às mulheres mostrando que o uso incorreto de uma peça de roupa considerada exclusiva delas, o sutiã, pode causar lesões em várias partes do corpo.

**Revista Corpo a Corpo**

12 de maio de 2015

Cerca de 70% das mulheres usam o modelo errado de sutiã, o que pode causar lesões na postura e dores nas mamas, costas e ombros. Pensando nisso, preparamos dicas práticas para você saber como é a peça ideal para você → <http://goo.gl/1RcDe3>

#Sutiã #SutiãPerfeito #SutiãIdeal #Saúde #BemEstar #Mulher #Corpo #revistacorpoacorporo



**Figura 3<sup>7</sup>.**

O texto da postagem acima apresenta um dado bastante interessante: “Cerca de 70% das mulheres usam o modelo errado sutiã e chama a atenção ao listar consequências do uso incorreto da peça no corpo feminino: *pode causar lesões na*

<sup>7</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorpooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorpooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em jun 2016.

*postura e dores nas mamas, costas e ombros*”. A chamada, com tal estratégia, provoca o interesse da leitora/internauta para que esta conheça os possíveis danos que o uso incorreto do sutiã esteja causando a sua saúde e para que conheça, também, dicas para ajudar na escolha do modelo ideal dessa peça de roupa para a leitora: “*Pensando nisso, preparamos dicas práticas para você saber como é a peça ideal para você*”.

O uso do pronome “você” faz com que a leitora daquela publicação sinta que o texto foi feito especialmente para ela como há muito tempo vem sendo realizado em periódicos (especialmente as revistas) endereçados para mulheres. E no caso deste *post*, a palavra você aparece duas vezes, porém, não é possível saber se foi colocada intencionalmente ou se passou despercebida pela revisão. Como lembra Sant’Anna (2014, p. 102),

[...] em meados do século passado, as revistas femininas adotaram um tom amigável e descontraído. A mensagem “você pode corrigir os defeitos da sua aparência e ficar bela” substituiu definitivamente a frase “a senhora poderá disfarçar os problemas da idade”

Passaram a utilizar “você” e começaram a deixar de lado a palavra “senhora”, o que transformou a relação entre leitoras e revistas, pois as “conselheiras de beleza” passaram a ser vistas como amigas e confidentes, daquelas em que se pode confiar sem nenhum embaraço. Esse tratamento em relação às leitoras é observado nas revistas atualmente e nas postagens da *fan page* mantida pela revista Corpo a Corpo no *Facebook*.

Para fortalecer ainda mais essa relação de confiança, são consultados especialistas de diversas áreas que são vistos como autoridades para tratar de assuntos específicos como ginecologistas, dermatologistas, nutricionistas, professores/as de educação física, entre outros. Os especialistas ou colaboradores podem ser considerados “as novas autoridades” contemporâneas segundo Bauman (2001). De acordo com o autor, “[...] o melhor conselheiro é o que está ciente do fato de que aqueles que receberão os conselhos querem uma lição-objeto” (BAUMAN, 2001, p. 78). Ou seja, os conselhos precisam ser simples para que o indivíduo possa resolver os problemas por conta própria e pelo esforço individual. E Bauman (2001, p. 78) finaliza esclarecendo que “[...] o que as pessoas em busca de conselho

precisam (ou acreditam precisar) é um exemplo de como outros homens e mulheres, diante de problemas semelhantes, se desincumbem deles”.

Os adjetivos “perfeito” e “ideal”, que acompanham a palavra sutiã, são mostrados nas *hashtags* que acompanham o texto, assim, demonstram a preocupação com o bem-estar da leitora/internauta, inclusive demonstram isso colocando #BemEstar na postagem.

A apresentação de dados estatísticos, no caso 70%, pode ser pensada como uma estratégia para tornar a publicação, de certa forma, mais confiável, acionando a compreensão de que levantamentos quantitativos podem validar as afirmações feitas na postagem. Embora, não seja divulgado pela *Pan Page* de onde foram retirados esses dados, quem realizou a pesquisa ou qualquer outra informação a ela relacionada.

Além disso, o texto utiliza a expressão “dicas práticas” para passar a sensação de que é muito fácil fazer o que a revista propõe. Analisando separadamente as palavras, “dica” é definida como uma informação ou indicação boa, um breve conselho, uma informação privilegiada (FERREIRA, 2010). E a palavra “prática”, no dicionário é o ato ou efeito de realizar algo, fazer existir (FERREIRA, 2010). Ao juntar as duas palavras, o *site* de mídia social opta por palavras que transmitam agilidade, o que combina com o ambiente virtual, no qual o meio é fluido e o tempo é escasso (MARCUSCHI, 2010).

A postagem é composta por uma imagem de uma modelo com aparência jovem, maquiada, utilizando um sutiã cujo modelo parece elevar e aproximar as mamas, valorizando esta parte do corpo. Cabe aqui lembrar que os padrões de beleza têm valorizado seios maiores, o que tem levado muitas mulheres a usar sutiãs que os valorizem (ou os façam parecer maiores e firmes) ou, ainda, a fazer cirurgias plásticas para a implantação de próteses. Na reportagem de referência no *site*<sup>8</sup> da revista Corpo a Corpo, são colocadas ilustrações de cada parte do sutiã e explicações de como escolher o melhor para cada corpo.

Na outra postagem escolhida, mais uma vez a tônica é a de fornecer “dicas” para que a leitora/internauta possa lidar com uma determinada situação de forma prática e objetiva. Neste caso, as dicas são dedicadas a evitar os efeitos

---

<sup>8</sup> Disponível em <<http://corpoacorpo.uol.com.br/blogs/mulher-de-corpo/6-dicas-para-escolher-o-sutia-perfeito/8520>>. Acesso em jun 2016.

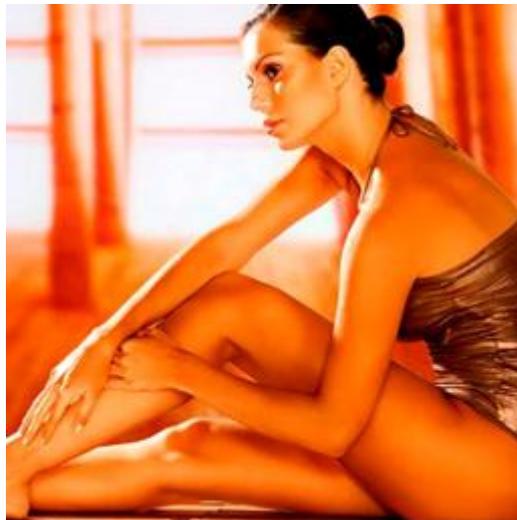
indesejáveis do ciclo menstrual que afeta grande parte das mulheres: o inchaço corporal e o desconforto causado pela TPM (Tensão Pré-Menstrual).

**Revista Corpo a Corpo**

5 de maio de 2015

É comum reter mais líquido que o normal durante o período pré-menstrual. Pensando nisso, consultamos uma especialista para listar 4 dicas espertas para você dar adeus ao inchaço e amenizar o desconforto causado pela TPM → <http://goo.gl/5FGZtq>

#TPM #Inchaço #XôInchaço #Mulher #Corpo #Saúde #CorpoSaudável #corpoacorporo #revistacorporoacorporo



**Figura 4<sup>9</sup>.**

O texto verbal da postagem mostra que a revista consultou um especialista para listar as “dicas espertas” que resolvem os incômodos do período. A imagem que compõe a postagem é de uma modelo sentada, aparentemente jovem, com os cabelos presos em um coque, tocando o próprio corpo. Ela olha serenamente para algum ponto, está aparentemente tranquila.

Quando a leitora acessa o *link*<sup>10</sup> da reportagem, é direcionada para o *site* da revista, lá encontra uma explicação sobre as alterações hormonais pelas quais o corpo feminino passa nesse momento do mês e que ocasionam os sintomas que podem estar perturbando-a.

<sup>9</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em jun 2016.

<sup>10</sup> Disponível em <<http://corpoacorporo.uol.com.br/corpo-e-rostho/cuidados-com-o-corpo/4-dicas-para-eliminar-o-inchaco-durante-a-tpm/8451>>. Acesso em jun 2016.

Depois, na matéria do *site*<sup>11</sup> segue uma lista com as dicas para amenizar esses sintomas como cuidar da alimentação, beber bastante água, praticar exercícios diariamente e fazer drenagem linfática, que, segundo a especialista entrevistada é uma solução bastante eficaz contra o inchaço corporal.

Na postagem 3 (figura 5), continuam as dicas e as opiniões de especialistas sobre assuntos variados e que podem interessar a todas as leitoras: *“Cortar as pontas do cabelo auxiliam no crescimento? Carboidrato à noite engorda? Algumas coisas que estamos acostumadas a ouvir podem não ser corretas. Confira as opiniões de especialistas sobre 5 mitos de beleza que você, com certeza, já ouviu falar por aí”*. Pode-se perceber que há uma aparente preocupação por parte da revista em relação a procedimentos que possam prejudicar a leitora e, a partir daí, mais uma vez, entra em ação a voz do especialista que procura esclarecer “5 mitos de beleza” que a mulher está acostumada a ouvir.

### **Revista Corpo a Corpo**

6 de maio de 2015

Cortar as pontas do cabelo auxiliam no crescimento? Carboidrato à noite engorda? Algumas coisas que estamos acostumadas a ouvir podem não ser corretas. Confira as opiniões de especialistas sobre 5 mitos de beleza que você, com certeza, já ouviu falar por aí → <http://goo.gl/nqmRAO>

#Beleza #Mitos #MitosDeBeleza #Cabelo #Pele #Corpo #Saúde #Mulher  
#corpoacorporo #revistacorpoacorporo



**Figura 5<sup>12</sup>.**

<sup>11</sup> Disponível em <<http://corpoacorporo.uol.com.br/blogs/mulher-de-corpo/5-mitos-comuns-de-beleza/8459>>. Acesso em jun 2016.

<sup>12</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em jun 2016.

A imagem de uma modelo de aparência jovem que toca seus cabelos longos e volumosos pode fazer com que a leitora demonstre interesse pelas dicas. Além disso, a maquiagem leve e a pele lisa juntamente com o olhar poderoso da modelo e seus cabelos esvoaçantes podem despertar o desejo da mulher de tornar-se semelhante a ela. Essa missão não é impossível já que os especialistas entrevistados se propõem a derrubar “mitos” fornecendo dicas de como “agir corretamente”. Dessa forma, é possível perceber que a revista dispõe de assuntos que pretendem educar o corpo da mulher.

Já a postagem seguinte aborda um assunto que mexe bastante com a vida da mulher: a maternidade. A decisão de ter ou não filhos, a idade certa para engravidar, os cuidados com o corpo antes, durante e depois da gestação, o tipo de parto, a amamentação são somente alguns dos muitos discursos que incidem sobre o corpo feminino. Essa postagem foi escolhida porque a pergunta que contém o link para a matéria me chamou a atenção: *“Tenho mais de 30 anos, posso engravidar?”*. O questionamento é bem interessante e fiquei pensando para quem seria direcionado, para mulheres com mais de 30 até quantos anos?

No texto verbal da postagem a revista deixa claro que ouviu um especialista para tirar todas as dúvidas, as *“suas dúvidas”* sobre a gravidez depois dos 30 anos. A imagem apresenta uma gestante com roupas confortáveis segurando uma garrafa transparente em uma das mãos, aparentemente contendo água. Essa mulher de aspecto jovem está apoiando uma das mãos sobre a barriga já crescida. Ela tem um leve sorriso nos lábios e parece tranquila e bem disposta depois de uma atividade física, talvez uma caminhada ao ar livre.

**Revista Corpo a Corpo**

5 de junho de 2015

Consultamos um especialista para tirar todas as suas dúvidas sobre a gravidez após os 30 anos de idade.

#gravidez #mulher #corpo #gestação #saúde #corpoacorporo #revistacorporoacorporo



Tenho mais de 30 anos, posso engravidar?

**Figura 6<sup>13</sup>.**

O corpo grávido é tema de muitas pesquisas e matérias de revistas, *sites* e programas de televisão, os quais apresentam inúmeras dicas de cuidados que vão desde a alimentação saudável para engordar somente o considerado ideal, os tratamentos estéticos como massagens para aliviar possíveis desconfortos, os exercícios liberados para realizar durante a gestação e os indicados para depois do parto. Inclusive, é possível acompanhar diversas artistas famosas mostrando em revistas e mídias sociais o seu cotidiano durante e depois da gravidez.

A matéria conduz ao *site*<sup>14</sup> oficial da revista e nele encontram-se as instruções do especialista. O texto fala da queda de fertilidade da mulher depois dos 30 anos, mas há uma frase que tranquiliza a leitora que porventura esteja tentando engravidar

<sup>13</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em jun 2016.

<sup>14</sup> Disponível em <<http://corpoacorporo.uol.com.br/blogs/blogs/mulher-de-corpo/tenho-mais-de-30-anos-posso-engravidar/8748>>. Acesso em jun 2016.

nessa faixa etária: *“Se você está tentando, mas, sem sucesso, pare, respire fundo e siga as instruções do especialista”*.

A primeira instrução do especialista entrevistado já responde a minha dúvida inicial: *“Antes de qualquer coisa, as mulheres de 30 a 35 anos que desejam engravidar precisam consultar um ginecologista para fazer exames detalhados para saber se está tudo certo para uma gestação”*.

O uso do pronome “você”, como ocorre em outras postagens, estreita o relacionamento entre as partes e estabelece uma relação de cumplicidade entre ambas, seguindo com a ideia de a revista ser um manual para a educação do corpo feminino grávido também.

Além da preocupação com a queda na fertilidade, muitos outros cuidados são exigidos de uma grávida como manter alimentação saudável, controlar o peso adquirido durante o período, cuidar a aparência dos cabelos e manter a pele sem manchas e, ainda, praticar atividades físicas.

Na tese de Schwengber (2006), intitulada *“Donas de si? A educação de corpos grávidos no contexto da revista Pais & Filhos”*, a autora investigou como o discurso das práticas corporais governa e regula os corpos grávidos. A autora mostra ainda como essas práticas se constituem como elementos importantes de um discurso de “cuidado de si” e como produzem diferentes posições de sujeito em relação às mães. A leitura da tese foi muito interessante e contribuiu para que eu pudesse enxergar que as publicações relacionadas a revista Corpo a Corpo, mesmo não sendo voltadas diretamente para gestantes e seus bebês, também colocam em circulação saberes que constituem as mulheres que pretendem engravidar, como no caso da pergunta presente na postagem, ou já estão grávidas.

Para Schwengber (2006), as práticas corporais relativas ao pré-natal tornaram-se mais incisivas depois de alguns acontecimentos nas décadas de 1970 e 1980, como a

[...] expansão das ideias de parto humanizado, a expansão do tempo de lazer, a explosão publicitária de um mercado do corpo (que investe mais específica e pontualmente nos corpos femininos), a afirmação das mulheres no mercado de trabalho, as férias remuneradas, a popularização do acesso às praias, a ascensão dos modelos de fisionomia famélica e a súbita valorização na moda de rostos e corpos que parecem vender “saúde” fazem com que ser uma gestante esportista seja cada vez mais valorizado, quase um

pré-requisito de uma gravidez bem-sucedida (SCHWENGBER, 2006, p. 125).

Todas essas mudanças continuam sendo importantes para a constituição dos corpos femininos e para o que tem sido considerado como uma forma de ser responsável de agir em relação à maternidade. De algum modo, criam-se obrigações de cuidados com o próprio corpo para todas as mulheres que estejam grávidas ou que possam vir a gestar uma criança. Cuidados esses sempre sustentados por saberes que os indicam como imperativos dos quais não é possível se afastar.

Acredito que esse ponto seja uma parte importante dos argumentos que sustentam as análises desta pesquisa, ela ajuda a mostrar como o conhecimento sobre si e sobre o próprio corpo está atrelado à constituição de corpos femininos. A revista *Corpo a Corpo*, seja em sua versão impressa ou em sua versão eletrônica, produz discursos que instigam os sujeitos a ocuparem espaços criados em redes de poder-saber.

Retomando o propósito desta seção, indico que a partir dos excertos apresentados é possível refletir acerca dos modos como a *fan page* do *Facebook* da revista *Corpo a Corpo* endereça seus textos a mulheres relativamente jovens e em idade fértil, ou seja, que estejam preferencialmente na faixa etária que a revista pretende atingir, de 20 a 39 anos. As outras faixas etárias que não entram diretamente nas pretensões da revista podem ser atingidas, mas elas se constituem em uma forma de “erro de alvo” como mostrarei a seguir.

O conceito de modos de endereçamento, que surgiu originalmente nos estudos do cinema, discute como se estabelecem relações entre um filme e o seu desejado público. Trata-se de uma discussão que inverte a pergunta sobre o que o/a espectador/a espera do filme, passando-se a perguntar sobre quem o filme pensa que o/a seu/sua espectador/a é.

Os filmes, os programas e os comerciais de televisão, as revistas, os jornais, os panfletos, os desenhos animados, entre outros tantos exemplos de artefatos culturais, são feitos para alguém, bem como os *sites* de mídia social que são objeto de análise deste trabalho. Os artefatos em questão procuram atingir determinados públicos-alvo. Porém isso não impede que, na maioria das vezes, exista alguma distância entre os públicos pretendidos e os que efetivamente têm contato com os

artefatos. Essas distâncias podem ser as mais variadas, incluído elementos de ordem econômica, temporal, social, geográfica, ideológica, de gênero e de raça (ELLSWORTH, 2001).

Por esse motivo, mesmo que um artefato cultural seja endereçado para alguém há sempre um “erro de alvo”, o texto cultural não atinge exatamente e nem apenas os/as espectadores/as que são objeto do endereçamento. As teorizações vindas do cinema, citadas por Ellsworth (2001, p. 11), questionam “[...] quem este filme pensa que você é?”, da mesma forma podemos questionar quem a página oficial da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook* pensa que quem a lê é? Seriam somente mulheres? Seriam mulheres que se preocupam com a própria saúde? Mulheres que praticam ou gostariam de praticar exercícios e atividades físicas regularmente? Mulheres que têm interesse por uma alimentação saudável? Ou, ainda, mulheres que acreditam que a beleza e a saúde andam juntas?

Os tópicos publicados deixam traços intencionais e não intencionais nas postagens e mostram as suposições dos/as editores/as em relação ao tipo de audiência do material. Porém, embora possamos desconfiar que mulheres em idade reprodutiva constituam o público preferencial da revista *Corpo a Corpo*, não há nenhuma garantia de que apenas essas pessoas entrem em contato com esse material.

Dessa forma, é importante ressaltar que quem produz a *fan page* da revista pode “errar o alvo” do endereçamento em inúmeras circunstâncias, já que é dirigida a alguém que é imaginado e, normalmente, há grande diferença entre o/a leitor/a imaginado e o/a leitor/a que consumirá a revista de fato. Afinal, o artefato cultural é consumido por grupos que não são nem muito pequenos nem homogêneos. Como esclarece Ellsworth (2001, p. 42),

[...] todos os modos de endereçamento “erram” seus públicos de uma forma ou de outra. Não existe nenhum ajuste exato entre endereço e resposta, o que nos faz concluir que não há como garantir a resposta a um determinado modo de endereçamento.

Porém, é importante indicar que esse “erro de alvo” não é um problema a ser combatido, como esclareceu Ellsworth (2001). Esse “erro” acaba garantindo que o artefato cultural circule em âmbitos mais amplos do que foi inicialmente previsto, com um número muito maior de espectadores/as entrando em contato com o que é

veiculado. Uma situação que poderá resultar em ganho em relação ao investimento realizado pelos/as editores daquele texto cultural.

Diante dos apontamentos, retomando elementos já destacados nas postagens apresentadas, é possível dizer que a *fan page* da revista *Corpo a Corpo* tende a ser direcionada para a educação de mulheres ao referi-las diretamente usando, em muitos momentos, a palavra *mulher* e, também, por colocar em circulação temáticas que supostamente são de seu interesse. Essa é uma das formas pelas quais a *fan page* da *Corpo a Corpo* no *Facebook* pratica uma pedagogia cultural de gênero, pois promove a produção e a circulação de saberes e conhecimentos, os quais mobilizam potentes efeitos de verdade que acabam por contribuir para a construção da identidades dos sujeitos.

As aprendizagens sobre a relação que as pessoas estabelecem com seus corpos não se dão apenas no interior das famílias ou na escola, todavia, se dão em muitos lugares e através de diferentes instâncias culturais de diversificadas formas e de diferentes intensidades. Cada instância cultural apresenta particularidades e deixa traços nos corpos, produzindo identidade e subjetividades (SABAT, 2010). É importante indicar que a palavra gênero começou a ser utilizada, a princípio, vinculada aos Estudos Feministas, o que causou algumas discussões no ambiente acadêmico.

Os Estudos Feministas consideram que gênero e sexualidade são construções históricas, sociais e culturais. Assim, o que se poderia dizer, de forma mais geral, seria que as diferentes definições dirigem-se a um ponto, o de que o conceito de gênero pretendia romper a equação na qual a colagem de um determinado gênero a um sexo anatômico e que resultava em diferenças e desigualdades entre homens e mulheres eram construídas social e culturalmente, e, não biologicamente determinadas (MEYER, 2010).

Para a presente pesquisa é, imprescindível, “[...] entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos” (LOURO, 1997, p. 24) ao lado de etnia, classe ou nacionalidade. Isso exige compreender que

[...] ao aproximarmos às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, é possível compreender os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias (LOURO, 1997, p. 24).

A afirmação de que o gênero institui a identidade do sujeito (LOURO, 1997), não tem como objetivo negar a biologia, contudo, pretende ressaltar a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. As identidades são forjadas através dos discursos que perpassam os indivíduos e que os convidam a ocuparem uma ou outra posição de sujeito (HALL, 2002). Ou seja, o sujeito é efeito do discurso, o discurso é que cria lugares e posições para o sujeito.

O conjunto de normas sobre o que é considerado natural em relação a gênero e sexualidade em determinado contexto histórico e social foi o que Judith Butler (2000) definiu como heteronormatividade. A heterossexualidade compulsória é a conduta que sustenta a heteronormatividade compreendida como a matriz normativa que supõe que os sujeitos são heterossexuais (BUTLER, 2000). Na *fan page* da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook* é priorizado um gênero específico em suas postagens, o gênero feminino.

Além da discussão relativa aos modos de endereçamento promovidos e ao gênero, é interessante pontuar que o referido *site* de mídia social parece funcionar como um manual. Aliás, como já foi destacado antes, um manual endereçado, particularmente, para as mulheres ao abordar temáticas consideradas femininas e que estão associadas a determinados estilos de vida, a maternidade, aos cuidados com a pele e com os cabelos, entre outros. Olhar essa peculiaridade das referidas postagens permitiu-me tecer uma aproximação entre esse material e alguns manuais de civilidade.

Conforme Silveira (2010), um manual é um gênero discursivo-textual no qual predominam orientações utilizando os verbos no modo imperativo e no infinitivo, sempre procurando um diálogo direto com quem lê. Para manter este diálogo estreito, o manual apresenta-se como uma obra de caráter didático, ou seja, como um livro que orienta a execução de uma tarefa ou técnica buscando, ao máximo, evitar as ambiguidades, oferecer saberes e deveres idealizados, oferecer aconselhamentos aos/às leitores/as para que assumam posições previstas como a melhor de todas (COSTA, 2008).

O pioneiro dos manuais, como registrou Elias (1994), é a obra *De Civilitate Morium Puerilium*, de Erasmo de Rotterdam, publicada em 1530. O autor caracteriza este livro como um tratado sobre um assunto muito simples que é o comportamento de pessoas em sociedade ou o “[...] decoro corporal externo”, especialmente, embora não de forma exclusiva (ELIAS, 1994, p. 69). A análise sobre a referida obra,

registrada no livro de nome *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*, detalha conselhos que podem ser vistos atualmente como estranhos, pois se referem ao lugar onde as pessoas deviam enxugar o nariz, por exemplo. Porém, o autor ressalta que,

[...] nem sempre pode nossa consciência, sem hesitação, recordar essa outra fase de nossa própria história. Perdeu-se para nós a franqueza despreocupada com que Erasmo e seu tempo podiam discutir todas as áreas da conduta humana. Grande parte do que ele diz ultrapassa nosso patamar de delicadeza (ELIAS, 1994, p. 72).

As revistas femininas, desde o início de suas publicações, ensinavam o ideal de mulher da sociedade patriarcal como aquela que sabe cozinhar, bordar, cuidar da casa e possui bons costumes. Por isso, é possível dizer que essas revistas acabam funcionando como manuais que colocam em circulação matérias, a partir das quais as mulheres podem construir seus corpos e suas identidades de gênero e sexualidade, etc. Um importante exemplo disso foi o manual para moças que, na década de 1940, circulava no nordeste do Brasil com o propósito preparar jovens para assumir os deveres de esposa, mãe e dona de casa (HOLANDA e CAVALCANTE, 2013).

Além desse manual, Holanda e Cavalcante (2013) apontaram o livro publicado em 1948, com o título *Do amor ao casamento: a comunhão de vida segundo a natureza*, escrito por Hans Wirtz (autor alemão refugiado na Suíça e membro da Ordem Terceira de São Francisco) como exemplo de manual de costumes e civilidade católica para casais. Mas cabe ressaltar, como mostraram as autoras, boa parte da obra visava, principalmente, a preparação de moças para assumir os deveres de esposa, mãe e dona de casa. A Igreja católica interessava-se pelos livros de Wirtz, pois havia a preocupação com a manutenção da família patriarcal, já que, nas décadas de 1940 e 1950, as mulheres passaram a ter maior participação no mercado de trabalho assumindo diferentes ocupações.

O homem possuía o papel de provedor da casa e da família, assim, a mulher assumia junto à família as responsabilidades de organização e de administração do lar. Com as mudanças econômicas e sociais, a mulher precisou e desejou sair de casa em busca de um emprego. Essa nova configuração de sociedade e de família resultou, em muitos casos, em uma sobrecarga de atribuições para a mulher que

passou a acumular, além do trabalho doméstico tradicional, uma carreira profissional e a participação direta no sustento da família (HOLANDA e CAVALCANTE, 2013).

Esse contexto parece ter feito os antigos manuais para moças e senhoras mudarem o foco sem deixar completamente de existir. Um exemplo interessante das prescrições para mulheres é o da atriz americana Jane Fonda, que nos anos 1980 escreveu um livro citando sua própria vida como modelo de cuidados com o corpo. No livro, a atriz mandava uma mensagem direta sobre a ação que ela tem sobre si mesma dizendo: “Gosto muito de pensar que meu corpo é produto de mim mesma, é meu sangue e entranhas. É minha responsabilidade” (BAUMAN, 2001, p.79).

No Brasil, a atriz Yoná Magalhães tentou reproduzir o mesmo processo originado por Jane Fonda. A atriz brasileira revelou seus exercícios diários de musculação, alongamento e ginástica aeróbica, os quais considerava como seus segredos de eterna juventude, em diversas revistas (MIRA, 2001, p. 22).

Aliás, pela persuasão que os manuais buscam promover em seus/suas leitores/as é possível aproximar o gênero discursivo-textual manual, também, com a chamada “literatura de autoajuda”.

A literatura que originou os sistemas de autoajuda, de acordo com Rüdiger (2010), construiu-se historicamente com a transformação da crença no poder da mente em fenômeno de cultura de massa. Apesar disso, suas origens não se confundem com a propagação dessa crença pela indústria da cultura, ou seja, “[...] autoajuda constitui expressão que deve seu emprego corrente a um livro homônimo de formidável sucesso, escrito com espírito totalmente diferente pelo médico e publicista vitoriano Samuel Smiles, em 1859” (RÜDIGER, 2010, p. 36). O livro apresentava uma compilação de palestras de Smiles dirigida a um grupo de trabalhadores que buscavam conhecimento e pretendia mostrar o bem que cada um de nós pode fazer para si próprio. Nesta circunstância, a autoajuda significava força de vontade aplicada ao cultivo dos bons hábitos e o conceito-chave não era realização ou prazer e, sim, caráter. E Rüdiger (2010, p. 165) esclarece ainda que,

[...] a literatura do gênero, sabemos, é formada, sobretudo por manuais e textos de prática, que contêm, basicamente, uma metodologia para conquista do sucesso material, isto é, riqueza e poder; um conceito a respeito da autorrealização pessoal e sobre os meios de como obtê-la; e uma dimensão transcendente, que vincula a realização individual à ordem moral que rege o universo.

Portanto, é possível caracterizar textualmente a literatura de autoajuda pelo tom prescritivo que tem como objetivo principal propor regras de conduta e fornecer conselhos. Os livros de autoajuda são constituídos como manuais para serem empregados de forma imediata, ou seja, são textos consumidos para ser objeto de aplicação prática por parte de quem os lê (RÜDIGER, 2010). Assim, a literatura de autoajuda dissemina um conjunto de modelos que acaba por influenciar seu público a pensar sobre si mesmo e abastece seus leitores com uma espécie de roteiro para ação e, também, subjetivação, ou seja, para a produção de um tipo particular de indivíduo.

A prescrição em forma de “dicas” passa a ideia de rapidez, de que não demandará muito tempo para a leitura e, também, para que sejam postas em prática sem muito esforço. A linguagem utilizada no texto procura persuadir a leitora com uma chamada que lembra uma “receita”, pois apresenta as ações serem seguidas tal como se faz presente nos excertos que elenquei acima: *“preparamos dicas práticas para você saber como é a peça ideal para você”, “Pensando nisso, consultamos uma especialista para listar 4 dicas espertas para você dar adeus ao inchaço e amenizar o desconforto causado pela TPM” e “Confira as opiniões de especialistas sobre 5 mitos de beleza que você, com certeza, já ouviu falar por aí”*.

Afinal, segundo o que se depreende dos “manuais de autoajuda” a mulher contemporânea é cheia de afazeres e precisa encaixar os cuidados com seu corpo e sua saúde de maneira fácil no seu cotidiano. Por isso, há recorrência em usar exemplos e modelos a serem seguidos, assim como, dicas e recomendações que permitem tomar as experiências de outras pessoas para construir a própria identidade.

## **5.2 Cuidados pessoais + cosméticos: o combo “ideal” para ser bela e saudável**

Nesta seção, abordo as formas como a *fan page* da revista Corpo a Corpo no *Facebook* articula beleza com saúde em representações culturais de corpos. A palavra combo mencionada no título é de origem inglesa e significa combinação, é uma palavra bastante utilizada na publicidade para designar a compra de um conjunto de produtos por um preço razoável, ou seja, uma combinação vantajosa. Eu escolhi a palavra combo para captar a noção que as revistas tentam passar ao

utilizar combinações de procedimentos que poderiam ser vantajosos e benéficos para as leitoras.

No *site*<sup>15</sup> da revista, é possível observar a seguinte descrição:

Corpo a Corpo é a mais completa revista de beleza do país, pois valoriza a essência de cada mulher. Em suas páginas, a leitora encontrará informações para ter um visual mais bonito e saudável, um corpo mais torneado, além de dicas sobre moda, pele e cabelo. Uma revista atual, feita para a mulher que sabe o quanto a beleza é fundamental na vida contemporânea.

Dessa forma, constata-se a preocupação da revista com a beleza da mulher que, para isso, enumera, como um manual, assuntos para que a leitora/internauta os coloque em prática e modifique o seu corpo e, o torne, além de belo, mais saudável.

A perseguição pelo corpo “em forma” configurou-se como a busca por um ideal de vida, no qual a beleza e saúde são fortemente articuladas. Trata-se de um ideal vinculado a determinados estilos de vida. Um estilo de vida é descrito por Freire Filho (2003), em linhas gerais, como o reflexo da sensibilidade ou da atitude revelada pelo indivíduo na escolha de algumas mercadorias e de alguns padrões de consumo, bem como na conexão desses recursos como modo de expressão pessoal e distinção social. Assim, a individualidade e a identidade são moldadas dentro de escolhas e estruturas coletivas mais amplas. Nessa perspectiva, qualquer pessoa poderia “trocar” de estilo de vida através da mudança de hábitos, de escolhas mais saudáveis em vários aspectos como na alimentação.

A ênfase nas recomendações para que as pessoas pratiquem exercícios, controlem sua alimentação, evitem o tabagismo, não consumam álcool e drogas, recusem atividades com alto risco de causar danos ao corpo e façam exames médicos com regularidade são importantes tópicos da associação entre os cuidados com a saúde e o estilo de vida adotado. A promoção de estilos de vida saudável está ligada aos esforços de medicina em atuar cada vez mais na prevenção e não no tratamento de doenças, como Castiel e Diaz (2007). Uma forma de atuação da medicina que tem sido, muitas vezes, apresentada por especialistas como uma responsabilidade dos indivíduos que diz respeito a suas escolhas comportamentais.

---

<sup>15</sup> *Site* oficial da revista Corpo a Corpo disponível em <<http://corpoacorpo.uol.com.br/>>.

Ou seja, uma forma de medicina que investe recomendações para que as pessoas evitem os comportamentos de risco. Para Ortega,

[...] a ideologia da saúde e da perfeição corporal nos faz acreditar que uma saúde pobre deriva exclusivamente de uma falha de caráter, um defeito de personalidade, uma fraqueza individual, uma falta de vontade (2003, p. 72).

Por mais que a prevenção nos termos aqui apresentados possa representar um esforço salutar, é importante destacar que os dados utilizados para tais prescrições médicas, como apontaram Castiel e Diaz (2007), enfatizam apenas as ações dos indivíduos sem levar em conta, na imensa maioria das vezes, os aspectos socioculturais e econômicos envolvidos. Seria utópico, por exemplo, pensar que alguém que não dispõe do mínimo de refeições diárias para não passar fome possa fazer escolhas alimentares em função do potencial nutricional do alimento.

Desse modo, desconsidera-se em grande medida as possibilidades de indivíduos terem acesso ao que comporia um estilo de vida saudável, atribuindo a cada um/a grande parte da reponsabilidade pelos problemas de saúde que venha a lhe acometer.

Na *fan page* da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook*, é possível observar o entrelaçamento entre beleza e saúde em diferentes momentos, nos quais um padrão corporal magro, esguio, firme, liso e jovem é apresentado como “normal” e/ou “adequado”. Para abordar essa temática, selecionei as postagens que serão analisadas no decorrer deste capítulo. Essas postagens fazem alusão a práticas de manutenção do corpo que resultam em melhoria da saúde e na produção de uma aparência jovial que são investidas de forma bastante intensa nos corpos femininos.

A próxima postagem (figura 7) apresenta os cuidados de uma atriz famosa com a beleza. O texto enaltece os cuidados da atriz com seu corpo dizendo que é possível chegar os 40 anos de idade “*com tudo em cima*” e, ainda, “*esbanjar beleza*”. Os cuidados da referida atriz com a pele mostram que não é preciso mostrar as rugas, mesmo em uma faixa etária em que elas costumam aparecer.

**Revista Corpo a Corpo**

17 de maio de 2015

A atriz Danielle Winits mostra que é perfeitamente possível caminhar para os 40 com tudo em cima e esbanjando beleza. Confira os cuidados da loira com a pele  
 → <http://bit.ly/1bUkCDr>

#DanielleWinits #Pele #Rosto #Beleza #Revistacorpoacorporo



**Figura 7<sup>16</sup>.**

As rugas e outros problemas referentes ao envelhecimento aparentam ser de fácil solução simplesmente seguindo os “conselhos” de discursos especializados em saúde e bem-estar. Os discursos relativos à promoção da saúde constroem, tanto explícita quanto implicitamente, certos tipos de sujeito (LUPTON, 2000). Um ideal de beleza que valoriza os corpos jovens apesar da mortalidade e das doenças, ao longo dos séculos, terem sido reduzidas a partir dos avanços tecnocientíficos e, da expectativa de vida ter aumentado sensivelmente em todo o mundo. Como afirma Sibilia (2012, p. 85), “[...] não é fácil ser velho no mundo contemporâneo – ser velha, então, pior ainda!”.

No texto que pode ser acessado através do *link*<sup>17</sup> disponibilizado na postagem, “a atriz Danielle Winits mostra que é perfeitamente possível caminhar

<sup>16</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorpooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorpooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em jun 2016.

*para os 40 com tudo em cima e esbanjando beleza*” e divide com as leitoras seus cuidados pessoais com a aparência. O texto tem foco em se contrapor à compreensão de que é praticamente impossível para uma mulher chegar aos 40 anos “*com tudo em cima*” e, ainda por cima, “*esbanjando beleza*”. Na ilustração da postagem, a atriz está ao ar livre, levantando os cabelos, com uma roupa confortável e com uma maquiagem leve que lembra a aparência de “cara lavada”, passando a impressão de uma mulher madura e de bem com a vida. A presença de mulheres famosas na revista, seja na capa, seja nas matérias especiais, é uma estratégia bastante utilizada. É o que Gutterres (2012) chama de abordagem testemunhal, isto é, o uso de personalidades ou autoridades para testemunhar em favor do que está sendo divulgado.

O texto que acompanha a postagem me lembrou de um questionamento de Sibilia (2012, p. 88),

[...] por que, apesar de todos esses evidentes avanços e considerando as claras vantagens que implica viver nestes começos do século XXI, é tão difícil assim ser velho (ou velha) no mundo contemporâneo?

As palavras “velho” ou “velha” podem soar como ofensivas e, por isso, são suavizadas com expressões politicamente corretas como “terceira idade” ou “melhor idade”, sendo esta última formulação considerada por Sibilia como o “[...] cúmulo dos eufemismos e da hipocrisia” (2012, p. 88), mas que tem se popularizado de forma incrível em anos recentes. Em relação às mulheres, a exigência em não parecer “velha” tende a ser maior. Sobre o assunto, Sant’Anna ressalta que

[...] a diferença entre envelhecer e “envelhecer mal” tornou-se cada vez mais difícil de ser percebida. Mesmo quando se está na “flor da idade” – expressão curiosamente menos utilizada hoje do que no passado –, há sinais da velhice a combater e a prevenir (2014, p. 167).

De acordo com Sant’Anna (2014), os conselhos posteriores à década de 1960 referem-se à velhice como se esta devesse ser um estado passageiro, assim, surge a ideia de que se está velho e não a de que se é velho, ou seja, uma indecência passível de ser revertida, curada ou, pelo menos grandemente amenizada com o

---

<sup>17</sup> Disponível em <<http://corpoacorpo.uol.com.br/famosas/segredo-das-famosas/segredos-de-beleza-de-danielle-winitz/8484>>. Acesso em jun2016.

recurso das cirurgias plásticas. Em numerosos anúncios para cosméticos e vitaminas, envelhecer sem ser velho deixou de ser uma contradição em termos. No Brasil, artigos na imprensa dos anos 1960 e 1970 já anunciavam o sucesso de alguns cirurgiões plásticos e, também, a possibilidade de pagar a crédito essas operações. Contudo, foi depois das décadas de 1980 que as cirurgias ganharam destaque publicitário até então desconhecido (SANT'ANNA, 2014).

Continuando a análise dos cuidados da atriz, o texto destaca que *“a loira é cuidadosa com o rosto”* e jamais dorme maquiada. Ela aplica um creme na região em volta dos olhos pela manhã e à noite, o que *“ajuda a combater o inchaço que eventualmente aparece quando estamos cansadas”* diz. E para os cabelos há um cuidado extra com a hidratação. Esses cuidados vão ao encontro do padrão de beleza atual, pele lisa e cabelos viçosos, porém é importante lembrar que tanto os padrões de beleza quanto sua associação à necessidade de cuidados corporais modificaram-se com o passar dos tempos.

Segundo Flor (2010), séculos antes de Cristo, a mulher egípcia tomava banho com uma mistura de água e carbonato de cal, usava uma pasta de argila do lodo do Nilo e fazia esfoliações com pedra-pomes para cuidar da sua pele. Como é possível compreender no relato dessa situação específica, a beleza estava relacionada principalmente com os cuidados da pele e higiene. Já durante a Idade Média, a beleza passa a ter uma conotação bem mais negativa, uma vez que a formosura era muitas vezes considerada como fruto do pecado.

A procura pela beleza abrange uma história rica em invenções, o primeiro creme em pote industrializado foi fabricado pelos ingleses e se chamava Simon, em 1860. Nesse mesmo ano, Eugène Rimmel lançou uma máscara para pintar os cílios. Na década seguinte, os ingleses inventaram o xampu, misturando sabão negro com cristais de soda. E, em 1897, a empresa japonesa Sisheido criou uma loção embelezadora com o nome ocidental de Eudermine. A venda de fórmulas embelezadoras com ingredientes danosos para a saúde ou inócuos também apareceram nessa época (SANT'ANNA, 2014).

No Brasil, antes da proclamação da república, a beleza já era vendida em forma de pós, perucas, perfumes, além de roupas e joias. Conforme relata Sant'Anna (2014), a difusão da fotografia potencializou a importância da aparência física, enquanto o uso dos espelhos tornou-se comum e a contemplação diária de si mesmo tornou-se uma necessidade, instigando o apreço ou o desgosto pela própria

silhueta. Os cuidados da atriz com a aparência, pelo que se depreende do seu relato, são diários, assim torna-se mais fácil apreciar a própria silhueta no espelho.

Considero importante trazer alguns excertos, como os que estão acima, sobre a história da beleza para embasar a análise e conseguir atingir o objetivo do capítulo, que é associar a beleza com a saúde.

A palavra hidratação chama a atenção por ser utilizada em relação aos cabelos e não ao corpo como seria de costume. As palavras hidratação e nutrição são relacionadas também à pele e ao cabelo, pois, além de hidratar e nutrir o corpo todo com uma alimentação saudável é necessário ter esse cuidado específico com algumas áreas. No entanto, se esses cuidados simples não forem suficientes e os cremes não resolverem, há a possibilidade do uso de substâncias específicas como a novidade que aparece na postagem abaixo.

### **Revista Corpo a Corpo**

5 de maio de 2015

Bom dia!

Quer ter uma pele mais bonita e protegida? A dica de hoje é o antioxidante Tiron. A substância protege a pele de quase 100% dos danos da radiação UVA. Conheça esse e outros benefícios do antioxidante Tiron → <http://goo.gl/5nUOaE>

#mulherdecorpo #antioxidanteTiron #proteçãoUVA #pele #Tiron  
#proteção #beleza #saúde #revistaCorpoaCorpo

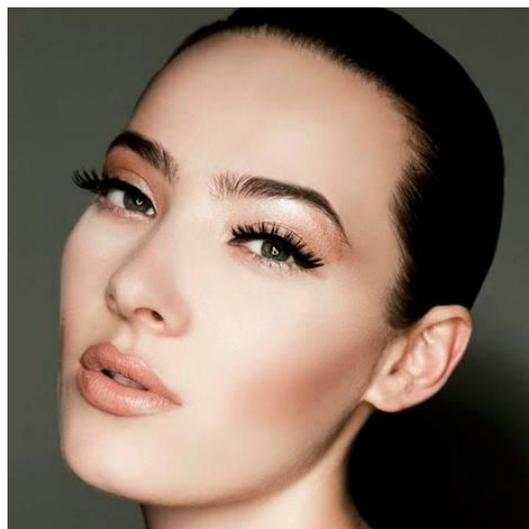


Figura 8<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorpooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorpooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em jun 2016.

O que mais chama a atenção na postagem, primeiramente, é a imagem de uma mulher aparentemente jovem, com maquiagem leve em tons claros, com a pele extremamente lisa e clara. Ela encara diretamente a leitora/internauta com seus cílios grandes e curvados. Assim, ela demonstra na própria pele os benefícios do antioxidante<sup>19</sup> que a revista está promovendo. A chamada da revista também é tentadora: *“Quer ter uma pele mais bonita e protegida? A dica de hoje é o antioxidante Tiron. A substância protege a pele de quase 100% dos danos da radiação UVA. Conheça esse e outros benefícios do antioxidante Tiron”*. E, assim, faz acreditar que toda mulher pode desfrutar desses benefícios.

Ao acessar o *link*<sup>20</sup> para a matéria da revista online, disponibilizado na postagem, são retomados os benefícios apresentados no texto da postagem e é explicado que ainda está sendo testado um protetor solar com essa substância sintética. E que não há previsão para o Tiron ser disponibilizado no mercado. E a matéria é encerrada com uma dica importante sobre a proteção solar: *“Vale lembrar que quem toma sol sem proteção acelera o envelhecimento da pele quatro vezes mais do que quem não se expõe”*.

O cosmético ainda não está à venda, mas como colocou em sua descrição, vista anteriormente, a revista Corpo a Corpo é atual e feita para a mulher que sabe que a beleza é fundamental na contemporaneidade. E, também, como a revista é uma amiga e conselheira fiel traz essa novidade para o conhecimento da leitora que poderá ser uma futura consumidora da substância.

Para Moraes (2006), em sua dissertação “Você bonita de verdade 24 horas por dia: cosméticos faciais e pedagogias do rejuvenescimento”, o uso de cosméticos faciais promete a transformação do rosto, uma transformação rápida, teoricamente conquistada em poucas semanas ou dias. A autora lembra que essa promessa é feita em relação ao rejuvenescimento e não como uma forma de modificação de *fan page* como no caso de uma cirurgia plástica. Os cosméticos faciais são associados à necessidade de valorização da autoestima e ao status social porque podem tornar a usuária mais visível, sem marcas, cortes ou cicatrizes.

---

<sup>19</sup> Substâncias antioxidantes são aquelas que têm a função de defender as células do ataque dos radicais livres, inimigos produzidos pelo nosso próprio corpo que causam envelhecimento precoce e algumas doenças. Podem ser naturais (presentes nos alimentos) ou sintéticas (produzidas em laboratório). Disponível em < <http://corpoacorpo.uol.com.br/nutricao-saude/254/artigo161899-1.asp>>. Acesso em jan 2017.

<sup>20</sup> Disponível em <<http://corpoacorpo.uol.com.br/blogs/blogs/mulher-de-corpo/conheca-o-poder-do-antioxidante-tiron/8445>>. Acesso em jun 2016.

O olhar contemporâneo despreza o que julga errado, feio, enrugado e adiposo e tenta consertá-lo ou escondê-lo, o que faz com que a procura por meios mais duradouros de deixar a pele lisa seja intensificada, mesmo que em muitas situações possa ocorrer o sacrifício da própria vida como falhas em cirurgias plásticas, excessos em dietas e exercícios ou consumo de substâncias que podem causar danos à saúde.

Uma das substâncias, muito utilizadas atualmente, para manter a pele lisa é o *botox*, que escolheu a atriz hollywoodiana Virginia Madsen para ser a protagonista da publicidade da famosa substância, cujo atributo consistiria em preservar o aspecto juvenil dos rostos que começam a enrugar. A atriz revela que não ter o aspecto de uma mulher de 25 anos ao injetar regularmente essa mágica substância sob a pele do seu rosto, ela só quer parecer ela mesma (SIBILIA, 2012).

As postagens destacadas nessa seção aludem de diferentes formas à relação entre beleza e saúde, enfatizando os cuidados corporais e os estilos de vida que possibilitam a manutenção de uma aparência jovem. A relação entre beleza e saúde pode ser vista como uma sobreposição, como chama a atenção Andrade (2002), pois esses dois termos são, frequentemente confundidos ou tomados como sinônimos porque tanto a conquista da beleza quanto a conquista da saúde são assimiladas como responsabilidade individual que deve ser sempre renovada. Em relação ao corpo feminino, essa responsabilização, de acordo com Andrade (2002, p. 122), pode ser entendida “[...] como um exercício de poder sobre si mesma, como controle e como cuidado de si, o que significa investir, sempre, em prevenção”. Essa relação entre beleza e saúde pode ser observada nas postagens associadas às *hashtags* beleza e saúde.

Cria-se, especialmente para as mulheres, um dever cultural de ser bela. Uma beleza que estaria, como Novaes e Vilhena (2003) destacam, ao alcance de todas, visto que depende de esforços pessoais relativos ao corpo, entre os quais está a prática de exercícios, o uso de cosméticos, os cuidados alimentares, etc. Uma beleza que se torna responsabilidade, dever social e moral, e cuja busca é considerada uma atividade prazerosa, um tempo dedicado para si, para “cuidar de si”. Mais um motivo reforça a obrigação com a aparência, pois como algo que dá prazer, que configura uma forma de descontração e de “libertação” poderia ser rechaçado?

Outra postagem que selecionei (figura 9) traz um tratamento corporal que elimina a gordura corporal: “A tecnologia inovadora promete eliminar até 25% da gordura localizada. Venha conferir!”.

As *hashtags* que acompanham a postagem são tentadoras: cuidados com o corpo, método que elimina gordura, o que é criolipólise a jato, tecnologia para eliminar gordura, como eliminar gordura.

**Revista Corpo a Corpo**

2 de junho de 2015

A tecnologia inovadora promete eliminar até 25% da gordura localizada. Venha conferir!

#cuidadoscomocorpo #métodoqueeliminagordura #oqueécriolipóliseajato#tecnologia paraeliminaragordura #comoeliminaragordura #conheça #informação #saúde #beleza #revistaCorpoaCorpo



Conheça a criolipólise a jato

**Figura 9<sup>21</sup>.**

A modelo que ilustra a postagem está nua, com os cabelos levemente molhados. Ela possui uma aparência jovem e tem uma silhueta magra, uma das

<sup>21</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorpooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorpooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em jun 2016.

mãos toca o ombro e a barriga está encolhida, não há uma dobra na pele ou qualquer saliência aparente em seu corpo.

A imagem da moça evidencia o que a cultura audiovisual atual promove: a preferência por corpos lisos e sem marcas. Mostrar sinais de envelhecimento pode ser considerado como um sinal de fraqueza ou de derrota e, dessa forma, seriam moralmente condenáveis, ou, como diz Sibilia (2012), “[...] uma obscenidade”. Hoje em dia é comum a rejeição por tudo o que pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido. Então, é possível acrescentar, também, a rejeição em relação à gordura.

A postagem traz para as leitoras da revista *Corpo a Corpo* a possibilidade de conhecer um tratamento novo, eficaz e rápido contra a gordura corporal. O procedimento promete “eliminar até 25% de gordura” e os resultados aparecem depois de 15 dias do início do tratamento. Ao acessar o texto no *site*<sup>22</sup> da revista, há uma rápida explicação sobre a tecnologia criolipólise a jato: ela congela as células do tecido adiposo para conseguir aniquilar as gorduras indesejáveis que ficam estocadas em determinadas partes do corpo. A quantidade de sessões recomendadas varia de uma a três, com intervalos de seis a oito semanas. Não é informado o preço de cada sessão.

A gordura que em séculos anteriores já foi vista como saúde, beleza e, até mesmo, sedução, passou a ser vista de forma inversa na segunda metade do século XX (ANDRADE, 2002).

A moda em várias ocasiões interferiu nas formas aceitáveis dos corpos. Um exemplo, foram as calças *saint-tropez*, nos anos 1960 e 1970, que soltavam a cintura e apertavam os quadris, valorizando barrigas magras e nádegas definidas que começavam a empinar. O cós baixo das calças, bem como o uso do biquíni, requeria que toda a barriga fosse magra, firme e bronzeada e passou a ser considerado feio ostentar alguma saliência ou flacidez logo abaixo do umbigo (SANT’ANNA, 2014).

Esse comportamento, nas palavras de Sant’Anna (2014), leva a pensar que anos antes da invenção da “barriga negativa”, foi criada uma severa repulsa à gordura acumulada no ventre. Atualmente, o vocabulário dessa exigência é criativo, incluindo a barriga zero, chapada, seca, trincada e, talvez a mais trabalhosa de

---

<sup>22</sup> Disponível em <<http://corpoacorpo.uol.com.br/corpo-e-rost/corpo-e-rost/cuidados-com-o-corpo/conheca-a-criolipolise-a-jato/8721>>. Acesso em jun 2016.

todas: a barriga tanquinho. Como constata Sant'Anna (2014, p. 128), “[...] houve um progressivo aumento das expressões designando as barrigas julgadas belas porque praticamente inexistentes enquanto barrigas, no sentido antigo desse termo”.

As representações culturais sobre a gordura assumem um caráter ambíguo no cenário atual, pois os gordos recebem um tratamento que pode ser chamado de contraditório. Por um lado, são associados a pessoas simpáticas, amáveis e brincalhonas, mas por outro são associados à depressão, egoísmo desenfreado e irresponsabilidade (LE BRETON, 2005). Os obesos seriam culpados ou vítimas? São vítimas da hereditariedade ou de maus hábitos?

O corpo tem sido definido cada vez mais por sua aparência e a lipofobia é uma das características dessa época. Há uma obsessão pela magreza, uma rejeição quase maníaca à obesidade (LE BRETON, 2005). Por conseguinte, a obesidade passou a ser vista como um sinal tangível de falta de controle, impulsividade, auto-indulgência, enquanto que o corpo magro é um testemunho da auto-disciplina, uma forma de domínio da mente sobre o corpo e da capacidade de fazer sacrifícios em nome da boa forma. Esses sacrifícios incluem cuidados corporais, tratamentos para eliminar as gorduras, o consumo de alimentos saudáveis, que além de trazer energia e nutrição para o corpo precisam possuir características especiais e exercícios físicos. E quando esses sacrifícios não forem suficientes, é possível ainda, recorrer a cirurgias.

Como lembra Andrade (2003), as compreensões em relação à saúde e à beleza sofreram importantes deslocamentos em relação a períodos anteriores. Em séculos anteriores, a gordura foi sinônimo de saúde e beleza. Ao longo do século XX, essa representação cedeu espaço ao corpo magro, liso, leve e delicado como ideal de beleza. A gordura, por sua vez, passou a ser tomado como falta de controle, compulsão, sedentarismo, doença e feiura.

A gordura já foi associada, também, à força física e à prosperidade, enquanto a magreza era vista como miséria e desalinhamento, no entanto, assume atualmente uma forma de exclusão (NOVAES E VILHENA, 2003). Assim, a gordura, por sua vez, passou a ter que ser queimada ou derretida para que possa ser extraída do corpo que ficará melhor sem ela, ou ainda, do qual ela só faria parte somente em situações desfavoráveis. A gordura se configurou como excesso e como vergonha, como coisa a ser escondida. A gordura é, portanto, rechaçada tanto no âmbito da beleza quanto no âmbito da saúde.

Para Lupton (2000), a compreensão de que a saúde pode ser conquistada através do esforço pessoal de manter um corpo bem nutrido, magro e ativo reforçam a associação entre saúde, boa forma e beleza. Isso ocorreria em função da noção fortemente aceita de que a manutenção da saúde exige auto-controle, auto-disciplina, perseverança e força de vontade. Dessa forma, a obesidade torna-se sinal tangível de desleixo e o corpo magro, ao contrário, um indicador de um indivíduo virtuoso. Criam-se condições, por conseguinte, para que os indivíduos se culpem pelas doenças que, por ventura, venham a ter. Criam-se condições para a emissão de julgamentos morais relativos às doenças. O corpo acaba assumindo a função de ser “[...] um signo externo de uma posição moral interna” (LUPTON, 2000, p. 29). Não é por acaso que o que se compreende por corpo saudável coincide com o que tem sido apontado como corpo “em forma”.

A postagem que apresento a seguir (figura 10), faz uma relação entre nutrição e estética, outra via pela qual a *fan page* da revista Corpo a Corpo no *Facebook* produz/reproduz o vínculo entre beleza e saúde também diz respeito à alimentação.

Na postagem, a imagem de uma mulher jovem, de cabelos compridos, o rosto não aparece por inteiro, pois parece ser apenas um apoio para a bebida que é a protagonista da matéria. Ela segura uma xícara de chá. A xícara é transparente e é possível enxergar algumas folhas utilizadas para preparar a infusão no fundo do recipiente.

**Revista Corpo a Corpo**

10 de junho de 2015

Os termogênicos são repletos de benefícios. Mas tome cuidado com a ingestão exagerada!

#termogênicos #alimentos termogênicos #tratamentos #tratamentos estéticos #corpo #nutrição #corpoacorporo #revistacorpoacorporo



Alimentos termogênicos potencializam os tratamentos estéticos  
Por acelerar a queima de gordura, os alimentos termogênicos ajudam a potencializar os resultados de tratamentos estéticos corporais.

**Figura 10<sup>23</sup>.**

A postagem acima trata dos alimentos termogênicos e afirma que eles podem potencializar os tratamentos corporais. Essa afirmação chamou a minha atenção no momento de escolha do material, pois mostra a relação da alimentação com a saúde e a beleza.

Os alimentos termogênicos, de acordo com o texto do *site*<sup>24</sup> da revista, são aqueles que aceleram a queima de energia pelo organismo e, se usados de forma correta, vão trazer benefícios. Mas, de acordo com a especialista consultada: “O cuidado com a ingestão exagerada e o consumo de todos os alimentos ao mesmo tempo é importante porque em grandes quantidades, além de desconforto gástrico, podem causar insônia, irritação, agitação e dores de cabeça”.

<sup>23</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em jun 2016.

<sup>24</sup> Disponível em <<http://corpoacorporo.uol.com.br/dieta/dieta/nutricao/alimentos-termogonicos-potencializam-os-tratamentos-esteticos/8787>>. Acesso em jun 2016.

Contudo, o que eu considerarei mais importante foi a relação desses alimentos com tratamentos estéticos, inclusive com a criolipólise abordada no *post* anterior. O texto esclarece que alguns alimentos podem otimizar os resultados, principalmente os termogênicos. Alguns alimentos listados com essas características são: pimenta vermelha, gengibre, chá verde, canela e guaraná em pó.

A alimentação atualmente agrega vários adjetivos como equilibrada, natural, consciente, entre outros e

[...] as identificações variam tanto quanto os produtos e os seus significados. Mesmo para aqueles que buscam emagrecer, não faltam receitas conjugando dieta com bem-estar, prescrições de regime intimamente associadas ao prazer de comer, enquanto que, em vários restaurantes e lanchonetes, os menus específicos para a aquisição da boa forma deixaram de ser consideradas extravagâncias de uma minoria para funcionar como uma exigência de massa (SANT'ANNA, 2003, p. 42).

Somos levados a nunca esquecer que podemos ser tudo o que queremos desde que as mudanças alimentares em destaque no momento façam parte da nossa rotina. A máxima que diz que “somos o que comemos” leva a crer que através da comida é possível modificarmos a aparência, transformarmos o lado emocional e, até mesmo, reinventarmos nossa subjetividade (SANT'ANNA, 2003). Na visão de Andrade (2003, p. 42), é “[...] como se fosse possível aplicar a regra ‘dizes o que comes e eu te direi quem és e o que serás’, ou seja, por meio do que é ingerido diariamente é possível modificar a intimidade de cada um”.

O ato de comer, além de ser necessário para a manutenção da vida, através do qual o nosso organismo retira energia para funcionar pode ser considerado um ato social e cultural, pois a escolha dos alimentos envolve vários aspectos, já que “[...] não comemos qualquer coisa, nem a qualquer momento” (CAMARGO, 2008, p. 25).

O poder atribuído à comida está presente de modo constante nos conselhos sobre beleza e saúde da imprensa atual, inclusive na *fan page* que é objeto desta pesquisa. Durante as décadas de 1960 e 1970, a sexualidade é que ocupava o lugar preferido para o conhecimento do próprio corpo, agora, como diz Sant'Anna (2003, p. 42), é a alimentação que ganha notoriedade, funcionando como um “[...] índice identitário fundamental”. O que Sant'Anna (2003) chama de a “espetacularização” da comida faz parte de algo muito mais abrangente: a transformação do corpo em

assunto prioritário e urgente. Essa transformação inclui o agravamento, tanto das preocupações com a saúde, bem como dos investimentos médicos e industriais destinados a "recriar esse corpo" diariamente, juntamente com a combinação dos padrões da moda e das flutuações dos desejos, necessidades e sonhos pessoais.

A escolha dos alimentos considerados saudáveis e com benefícios extras, como é o caso dos termogênicos, mostra a preocupação atual com a alimentação. O cuidado e a atenção com a alimentação são exigências da vida contemporânea e influenciam no bem-estar e, também, na conquista do corpo almejado. Tema que a página oficial da Corpo a Corpo no *Facebook* não deixa de abordar, a fim de educar a leitora/internauta em relação ao que trará benefícios para a sua saúde e beleza.

A associação entre beleza e saúde com foco nos corpos femininos tem aludido, como já referi anteriormente, também, aos corpos grávidos.

### **Revista Corpo a Corpo**

7 de maio de 2015

Bom dia!

Após dar à luz, muitas mães ficam preocupadas em perder o peso que ganharam. Para comemorar o Dia das Mães, veja as dicas das famosas para se cuidar durante e depois da gravidez → <http://goo.gl/NTKn6Z>

#DiaDasMães #FelizDiaDasMães #Mãe #Gravidez #Corpo #Famosas  
#BellaFalconi #Wanessa #JaqueKhury #JuKnust #Mamães #Beleza  
#CorpoSaudável #Saúde #corpoacorporo #revistacorporoacorporo



**Figura 11<sup>25</sup>.**

<sup>25</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em jun 2016.

Durante a gestação, são várias as alterações que podem ocorrer no corpo da futura mamãe: aumento da celulite, surgimento de varizes, manchas na pele, aparecimento de estrias, no entanto, o que mais chama a atenção ao ler a postagem e a reportagem da revista diz respeito ao aumento do peso corporal.

Levando em consideração esse aspecto, o texto da postagem (figura 11) evidencia essa preocupação: “*Após dar à luz, muitas mamães ficam preocupadas em perder o peso que ganharam*”. E aproveitando a proximidade do dia das mães, a *fan page* da Corpo a Corpo no *Facebook* procurou passar dicas às leitoras para se cuidarem durante a gravidez e no período pós-parto: “*Para comemorar o Dia das Mães, veja as dicas das famosas para se cuidar durante e depois da gravidez*”. E imagens de atrizes e cantoras, algumas exibindo a barriga da gestação, outras já com seus bebês, são utilizadas para enfatizar esses cuidados.

Ao acessar a matéria disponível no *site*<sup>26</sup>, a leitora encontra um resumo dos cuidados dessas famosas durante e após o parto. Algumas das mamães confessaram que relaxaram na alimentação e ganharam alguns quilos, mas logo após o nascimento do bebê e a liberação do médico retomaram a rotina de exercícios. Percebi uma preocupação na fala das entrevistadas em relação ao medo de não recuperarem o corpo que tinham antes da gestação. Há, também, a descrição da rotina de exercícios e da dieta que cada uma adotou no período pós-parto.

A urgência em voltar a ser como antes ou de apagar todos os resquícios da gestação torna-se um imperativo e, como declara Novaes,

[...] a cultura atual parece demonstrar que nem mesmo a gravidez justifica as marcas de envelhecimento deixadas pela natureza; logo, os traços remanescentes do processo da maternidade devem ser extirpados do corpo feminino (2006, p. 214).

Os discursos de domínios diferentes evocam a gravidez, tornando-a de certa forma um campo de batalha, uma espécie de campo de saber-poder. Os corpos dos indivíduos passam a ser vistos como aprendizes corporais que podem ser administrados mesmo ainda dentro do útero até a hora da sua morte (SCHWENGBER, 2006).

<sup>26</sup> Disponível em <<http://corpoacopo.uol.com.br/famosas/segredo-das-famosas/dia-das-maes-cuidados-das-famosas-durante-e-apos-a-gravidez/8463>>. Acesso em jun 2016.

A gravidez associada à gordura é tratada como um campo patológico como menciona Gutterres (2012), em sua dissertação de mestrado. Ao mesmo tempo em que engordar não é saudável, de acordo com essa perspectiva, é também necessário e característico da gestação o aumento de peso, assim, a mulher grávida precisa comer com moderação e praticar exercícios.

Como é possível perceber, há uma exigência enorme sobre os corpos grávidos e pós-grávidos. A mãe tem uma obrigação de mostrar o corpo recuperado em poucos meses ou até mesmo semanas. Essa situação é confirmada pelo que é divulgado na mídia. A todo o momento, mulheres famosas mostram em programas de televisão, revistas e em suas mídias sociais fotos de seus corpos já recuperados pouco tempo depois do parto.

Há também que se considerar que as possibilidades de produzir um corpo belo e saudável podem não ser democráticas. O ideal de beleza que a mídia tem enfatizado e que aponta que só é feio e gordo quem quer, e, só envelhece quem não se cuida, acaba sendo uma possibilidade restrita a alguns grupos com maior disponibilidade de recursos. Assim, estar e manter-se “em forma” se configura como símbolo de sucesso pessoal, de reponsabilidade individual, que qualifica vencedores/as e, também, uma forma de distinção social.

Existem promessas da tecnociência de manter tudo sob controle, deixando nas mãos de cada indivíduo as decisões relativas a seu próprio destino. Os discursos midiáticos garantem que em breve esse projeto será tecnicamente possível, inclusive o sonho mais ambicioso de todos, o de preservar a juventude e, de alguma forma, rumar para a imortalidade (SIBILIA, 2012). Por enquanto, talvez seja possível tentar frear os efeitos da velhice com a ajuda de uma alimentação balanceada, de cuidados com a pele e com os cabelos, do uso de cosméticos, além de exercícios físicos e, quem sabe, assim haja a possibilidade de envelhecer “*com tudo em cima e esbanjando beleza*”. Talvez, mais do que nunca, o corpo possa ser um importante projeto a ser executado por cada um/a de nós.

### 5.3 Corpo como projeto: responsabilidade particular

O terceiro ponto a abordar, volta o olhar para o corpo como um objeto de intervenção, no qual e sobre o qual cada um/a pode e deve agir sobre o próprio corpo com a intenção de melhorá-lo, lapidá-lo, de modo a torná-lo algo sempre melhor. A *fan page* da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook* aponta diversos meios, como exercícios físicos, dicas de cuidados para iniciar atividades na academia, inspiração através do treino de famosa, tudo que pode ser utilizado para “conquistar” um determinado tipo de corpo. Essa abordagem reforça a ideia de tomar o corpo como um objeto que pode ser esculpido, construído, transformado, ou seja, um “projeto” a ser realizado por um indivíduo cada vez mais responsabilizado por si mesmo em função das implicações dessas ações para a população.

Destaco que esse aspecto não deixou de aparecer nos pontos já discutidos nesta dissertação. No entanto, aqui focalizarei a consecução de tal “projeto” relacionando-o às possibilidades abertas pelo que Foucault (2012, 2005) denominou de biopoder. Os investimentos do poder sobre o corpo que compreenderam mecanismos disciplinares e reguladores se processaram em tempos em que o corpo foi deixando de ser tomado como algo sagrado e, portanto, impedido de ser objeto de intervenção humana. Porém, a entrada do corpo para a política criou condições para que ele passasse a ser modificado por constituir-se como objeto imperfeito, como um rascunho que necessita ser corrigido (LE BRETON, 2007).

Como mostrou Foucault (1987, p. 163) a época clássica registrou

[...] na descoberta do corpo como objeto e alvo do poder. Encontramos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam.

Assim, cada vez mais o corpo passou a ser visto como um território aberto às mais variadas possibilidades de intervenção, responsáveis por configurações mais sofisticadas de coerção e disciplinamento, assim, decodificar, separar e fragmentar as partes do corpo para melhor analisá-lo e treiná-lo (SOARES e FRAGA, 2003).

Para desenvolver essa discussão aponto que para iniciar qualquer mudança em relação ao corpo seria necessário, segundo apontam as postagens da *fan page* *Corpo a Corpo* no *Facebook*, começar a movimentar o corpo e, para isso, o melhor

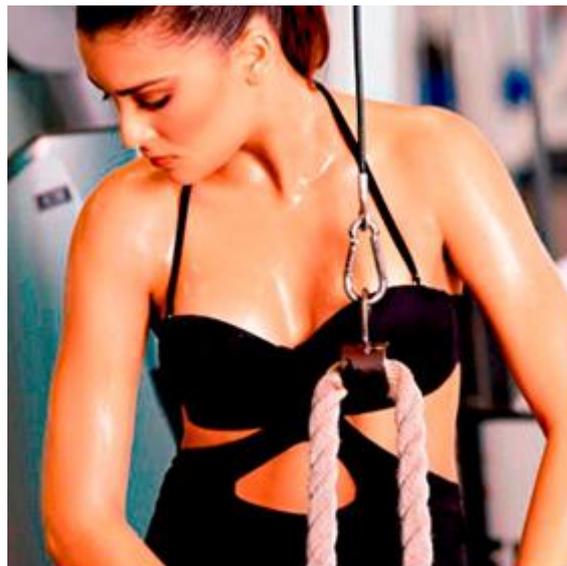
seria matricular-se em uma academia para ter o acompanhamento de profissionais habilitados. Entre as várias modalidades oferecidas pelas academias, a musculação é uma das mais conhecidas. No entanto, para que surjam os efeitos desejados é preciso executar os movimentos corretamente. A postagem a seguir, traz para o conhecimento da leitora os seis erros mais comuns que acontecem no treino de musculação e ensina como evitá-los.

### **Revista Corpo a Corpo**

8 de maio de 2015

Você pratica musculação e não tem o resultado esperado? Isso pode estar relacionado diretamente na forma que você executa os exercícios. Conheça os 6 erros mais comuns que acontecem no treino e aprenda a evitá-los → <http://goo.gl/wdu7R0>

#Musculação #Erros #Treino #Academia #Fitness #Fit #Exercícios  
#Corpo #revistacorpoacorporo #corpoacorporo



**Figura 12<sup>27</sup>.**

A imagem da postagem apresenta uma modelo jovem, com o corpo suado e executando um exercício em um aparelho. Podemos depreender da postagem que não adianta praticar os exercícios regularmente se não forem executados de forma

<sup>27</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em jun 2016.

correta, pois, assim, os resultados não aparecerão. E a voz do especialista presente na matéria<sup>28</sup> auxilia na correção do que pode estar saindo diferente do esperado.

Mesmo que, como explicou Guterres (2012), tenha vigorado a uma compreensão alargada de atividade física que inclui qualquer movimento muscular que resulte em gasto energético, o que incluiria no rol de atividades tanto os esforços realizados no trabalho e nas atividades diárias quanto às atividades orientadas por profissionais de educação física, não são todas essas práticas que produzem o tipo de corpo que recebe os qualificativos associados à beleza e à saúde. Além disso, o acesso às condições para produzir esse corpo tem sido muito desigual. Há atividades relacionadas ao trabalho, por exemplo, que produzem gasto de energia, ao mesmo tempo em que provocam lesões graves pelo esforço repetitivo. Isso indica que não ficar parado não necessariamente garante que se tenha boa forma física e saúde.

A aparente facilidade das dicas ajuda a leitora/internauta a “criar” uma rotina e incorporar com certa disciplina o que foi proposto pela revista na forma de novos hábitos. As estratégias disciplinares que surgiram nas instituições de sequestro (escola, quartéis, conventos, hospitais, fábricas) e se espalharam por toda a sociedade acionam um regime de poder que se investe sobre o corpo de cada indivíduo para treiná-lo. O efeito disso é a aproximação de cada gesto de um padrão ótimo. A correção de cada ato se dá com a colocação de cada um em relação aos outros indivíduos e em função de uma regra comum, produzindo uma individualidade que o distingue dos demais, como observa Foucault (1987).

A indicação do que é certo ou errado pode ajudar no disciplinamento dos corpos das leitoras do *site* de mídia social na medida em que estabelece uma norma a ser observada por todas. Observar a norma resultaria na possibilidade de chegar de forma mais rápida ao seu objetivo, seja a perda de peso, seja a melhora em sua saúde e, ainda, incorporar esses hábitos como um novo estilo de vida.

Além disso, para obter melhores resultados, o corpo tende a ser fragmentado como no caso apresentado pela próxima postagem. Nela, são oferecidos exercícios específicos para os glúteos, mas poderiam ser para os braços, abdômen, coxas, panturrilhas, entre outros. Outro aspecto que pode ser pensado como estratégia,

---

<sup>28</sup>Disponível em <<http://corpoacorpo.uol.com.br/fitness/treino-na-academia/6-erros-comuns-na-musculacao/8475>>. Acesso em jun 2016.

incorpora elementos dos mecanismos disciplinares que, além de distribuir os indivíduos no espaço para obter mais funcionalidade ou dividir tarefas para otimizar o tempo de execução, por exemplo, passou a buscar a eficácia de cada gesto, passou a atentar para cada pequeno movimento, controlar cada detalhe do corpo (FOUCAULT, 1987).

A postagem seguinte (figura 13) mostra a imagem de uma modelo jovem e sorridente subindo escadas. A modelo está com um short curto que realça bem os glúteos e, também, a parte posterior das coxas. O objetivo do *post* é levar a leitora a conquistar o “bumbum perfeito”. Para isso, são apresentadas quatro dicas de treinos mais potentes e de alimentação para que o bumbum dos sonhos seja conquistado.

### **Revista Corpo a Corpo**

6 de maio de 2015

Bumbum perfeito ativar! Potencialize os resultados dos treinos e da alimentação com 4 dicas incríveis para turbinar os glúteos →<http://goo.gl/XpjFqh>

#BumbumPerfeito #Dicas #Fitness #Treino #TreinoLocalizado #Exercícios #Corpo #corpoacorporo #revistacorporoacorporo



**Figura 13<sup>29</sup>.**

No *site*<sup>30</sup> oficial da revista aparecem as seguintes dicas:

<sup>29</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em jun 2016.

<sup>30</sup> Disponível em <<http://corpoacorporo.uol.com.br/fitness/treino-localizado/4-dicas-para-conquistar-o-bumbum-perfeito/8458>>. Acesso em jun 2016.

1. Xô, celulite: Arriscar alguns pulos nas aulas de jump estimula o sistema linfático e acaba com a retenção de líquido e os furinhos. O efeito é similar ao da drenagem linfática.
2. Menos volume: Aliar um cardio, como corrida ou bike, à musculação queima o excesso de gordura, deixando os glúteos do jeito que você quer.
3. Bumbum nas alturas: Uma das maneiras de deixá-lo empinado é adicionar algumas subidas à corrida, o que irá fortalecer a parte posterior da coxa.
4. Vai, popozuda! Para ganhar volume, invista em uma alimentação rica em proteínas e em suplementos como *whey protein*.

Resolvi listar parte da matéria porque considerei interessante a associação de vários elementos como exercícios diferentes para cada objetivo “deixar empinado” ou “diminuir o volume”, mas as dicas poderiam ser resumidas em exercícios e alimentação.

A revista mostra um tipo de corpo que considera padrão, no caso o “bumbum perfeito” não pode apresentar marcas, nem gorduras em excesso, deve ser empinado e deve possuir um volume adequado. A forma como o conteúdo é apresentado pela revista faz parecer que qualquer uma pode ter o bumbum da foto, não levando em consideração o biótipo da leitora.

Segundo a página oficial da Corpo a Corpo no *Facebook*, na figura 14, o exercício físico não precisa ser somente tradicional como a musculação, as academias esforçam-se para oferecer novas modalidades para atrair novas clientes e para não cair na monotonia.

### **Revista Corpo a Corpo**

4 de maio de 2015

Provas que testam os limites do corpo e da mente são a sensação da temporada. A gente garante que você vai amar rastejar na lama, carregar objetos pesados e até pendurar-se sobre uma piscina com gelo →<http://goo.gl/v8BjxU>

#Corrida #CorridaComObstáculos #Treino #TreinoFuncional #TreinoAeróbico #Fitness #Exercícios #Corpo #corpoacorpo #revistacorpoacorpo



**Figura 14**<sup>31</sup>.

A *fan page*, como já mencionei anteriormente, é direcionada para os corpos femininos através de suas dicas, prescrições e modelos disponibilizados. As figuras masculinas são praticamente inexistentes nas postagens. No caso da postagem analisada, o homem que aparece na imagem é o treinador (*personal trainer*) ou o parceiro de atividade.

Em relação à imagem, é possível perceber uma atividade que foge ao que era direcionado para as mulheres há algumas décadas, pois como está escrito no texto, “*Provas que testam os limites do corpo e da mente são a sensação da temporada. A gente garante que você vai amar rastejar na lama, carregar objetos pesados e até pendurar-se sobre uma piscina com gelo*”, as atividades envolvem o emprego da força física de forma mais efetiva. E na matéria do *site*<sup>32</sup> oficial é possível conhecer mais detalhes da corrida com obstáculos.

<sup>31</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorpooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorpooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em jun 2016.

<sup>32</sup> Disponível em <<http://corpoacorpo.uol.com.br//fitness/treino-aerobico/conheca-a-corrída-com-obstaculos/8441>>. Acesso em jun 2016.

A educação física destinada às meninas e mulheres, quando começou a ser incentivada, em especial no início do século XX, procurava não somente manter o entendimento de que o lar é o espaço da mulher, mas do mesmo modo, procurava não estimular o desenvolvimento de características masculinas como a ambição, a competitividade e a agressividade, isto é, além da personalidade da mulher que deveria ser moldada, o seu corpo também deveria ser disciplinado e “domesticado” (NOVAES, 2011). A força era vista como uma característica dos homens.

A atenção concedida à educação física para os corpos femininos não apresentava privilégio social para as mulheres naquele tempo, já que o exercício bem dosado e adequado às meninas deveria fazer parte do processo educacional desde o início. E educando as jovens estava se educando também as futuras mães que, no futuro, educariam suas filhas (SOARES e FRAGA, 2003).

Mesmo que o enfoque das atividades dedicadas às mulheres tenha mudado em muitos aspectos, a ênfase permanece sendo a de produzir um determinado tipo de corpo feminino a partir de uma série de recursos disponibilizados pelo mercado.

Portanto, todas as modalidades de intervenção sobre o corpo à disposição dos consumidores podem ser comparadas a um bufê, como fez Bauman (2001, p. 75), dizendo que “[...] o mundo cheio de possibilidades é como uma mesa de bufê com tantos pratos deliciosos que nem o mais dedicado comensal poderia esperar provar de todos”. Os comensais a que se refere Bauman (2001) são os consumidores que precisam fazer determinadas escolhas em detrimento a outras. Mas, cabe esclarecer, nenhum dos comensais está dispensado de fazer essas escolhas, pois não fazê-las significa ficar à margem das relações de consumo que se colocam como imperativos do tempo em que vivemos.

Da mesma forma, é possível dizer que os indivíduos não apenas são compelidos a fazer escolhas relativas aos cuidados com o corpo em função das relações de consumo, são instigados, também, como já argumentei antes, pela atribuição de responsabilidade de cada um pela sua aparência.

**Revista Corpo a Corpo**

18 de maio de 2015

Dona de medidas invejáveis, Camila Coelho conquistou o corpo sequinho com uma dieta sem neuroses e treino de musculação. Confira a entrevista completa e conheça todos os segredos de beleza da blogueira → <http://goo.gl/88rlvs>

#CamilaCoelho #TreinoDaCamilaCoelho #blogueira #Famosas#SegredosDasFamosas #Corpo #CorpoSequinho #Treino #Dieta #Musculação #TreinoDasFamosas #corpoacorporo #revistacorporoacorporo



**Figura 15<sup>33</sup>.**

No texto são utilizados adjetivos para dar ênfase ao incentivo à prática de exercícios físicos associados a uma dieta alimentar saudável, por esse motivo foram destacadas as medidas “invejáveis” e o corpo “sequinho” da famosa. As imagens presentes na postagem e no *site*<sup>34</sup> da revista mostram diferentes momentos em que a blogueira exhibe suas formas consideradas pela revista como “ideais”. Essas imagens ajudam a estimular as leitoras a praticarem os conselhos de beleza da famosa, seja em casa, no trabalho, na academia e podem ser vistas por pessoas diferentes, em vários contextos.

A escolha de pessoas famosas é vista de forma constante em publicações voltadas para mulheres e na página oficial da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook*

<sup>33</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/corpoacorporooficial/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em jun 2016.

<sup>34</sup> Disponível em <<http://corpoacorporo.uol.com.br/famosas/segredo-das-famosas/camila-coelho-revela-como-mantem-o-corpo-sequinho/8563>>. Acesso jun 2016.

não é diferente. A escolha da blogueira nessa postagem é somente um dos exemplos. A revista segue a tendência da mídia, na qual celebridades, nas mais variadas mídias sociais, dividem o seu cotidiano de cuidados com os chamados seguidores. Nas mídias sociais, essas famosas postam fotos de seus exercícios físicos, dos efeitos desses exercícios em seus corpos, de seus tratamentos estéticos e, também, das suas refeições diárias. E, em muitos momentos e entrevistas, essas celebridades adquirem/ocupam a posição de especialistas e suas considerações adquirem valor de verdade. Considerações que, aliás, não dizem respeito, necessariamente, à área de saberes que tornou a famosa conhecida. Mas, isto sim, que estão relacionadas à forma como a famosa investe em seu projeto corporal.

Para Moraes (2006), o tempo em que vivemos é um tempo no qual os variados meios de comunicação sugerem que para ser belo, ser saudável e estar em forma, bastaria querer “investir” nesse projeto. Desse modo, a juventude é um padrão a ser seguido, pois é a forma de obtenção de aceitação e, para isso, qualquer estratégia para adaptar-se é válida. Os modelos difundidos pela revista *Corpo a Corpo* estão disponíveis para colaborar nesse projeto de construção de um novo estilo de vida, de um novo corpo.

Na busca por um corpo novo, como já foi apontada acima, a alimentação é certamente uma grande aliada, por isso, nas últimas décadas do século XX, uma parcela da população que se sentia tocada pelo discurso da boa forma passou a substituir produtos com açúcar por alimentos *light* e *diet* (ANDRADE, 2002). E outro fator, a propaganda de produtos para emagrecer tornou-se regular na imprensa, assim como a obstinação em controlar o peso. Conforme Sant’Anna (2014, p. 131), “[...] foi quando as balanças da marca Filizola apareceram nas drogarias. E todos puderam conferir o próprio peso, com uma frequência antes desconhecida”. Outras dicas, como beber chá e muita água viraram fórmulas de sucesso nas reportagens sobre o assunto e vários conselhos de beleza incorporaram as tabelas de calorias. E, de acordo com a mesma autora, “[...] o adoçante surgiu em marcas diversas como símbolo de status, afirmando a suposição de que afinal, a dieta pode deixar de significar unicamente restrição e sofrimento. Podia-se emagrecer e comer doces” (SANT’ANNA, 2014, p. 131).

As estrelas de Hollywood e as modelos das décadas de 1960 e 1970, chamadas de manequins, já mostravam o que significava um considerável trabalho sobre o próprio corpo: dieta, uso de cosméticos, bronzamento e a exibição de um

ar irreverente, seguro de si. A publicidade da época propagava que ser bela era ser diferente (SANT'ANNA, 2014). Entretanto,

[...] para alcançar o pódio da singularidade pessoal, era preciso perder peso. Todas deviam ser singulares, especiais, diferentes, porém, magras. Na imprensa, uma nova valorização da magreza dos braços e pernas alongou a mulher e ampliou as possibilidades de embelezamento. Todo o corpo precisava ser “trabalhado” (SANT'ANNA, 2014, p. 129).

Essas prescrições continuam fazendo parte das publicações atuais das revistas, inclusive das publicações de Corpo a Corpo, pois como observamos nos conselhos da blogueira famosa, ela procura demonstrar todos os seus hábitos e cuidados com certa naturalidade e, assim, influenciar as leitoras.

Em relação à mídia, Castro (2007) afirma que a explosão publicitária no período pós-guerra foi o grande responsável pela difusão de hábitos relativos aos cuidados com o corpo e às práticas de higiene, beleza e esportivas, preconizadas por médicos e moralistas burgueses desde o início do século XX. Os profissionais da publicidade, não por acaso, ao colocarem imagens de estrelas de cinema com sorriso branco e cabelos brilhantes anunciando creme dental e xampu colocavam em jogo novas práticas, divulgavam uma nova maneira de lidar com o próprio corpo e também um conceito novo de higiene.

Apesar dos apologistas da indústria da publicidade argumentarem que a publicidade é predominantemente informativa, um exame cuidadoso das revistas, da televisão e de outros anúncios imagéticos indicam que ela é, muito além de informativa, extremamente persuasiva e simbólica. As suas imagens não apenas tentam vender o produto, ao associá-lo com certas qualidades socialmente desejáveis, mas que elas vendem uma visão de mundo, um estilo de vida e um sistema de valor correspondente aos imperativos do capitalismo de consumo (KELLNER, 1995).

O corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, é o ponto de atribuição por experiência do campo simbólico, é o mediador privilegiado e pivô da presença humana (LE BRETON, 2007).

Para o autor, o “[...] homem contemporâneo é convidado a construir o corpo, construir a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou fragilidade, manter sua ‘saúde potencial’” (LE BRETON, 2007, p. 30). O culto ao corpo

contemporâneo demarca um mundo em que a significação da existência é uma decisão própria do indivíduo, já que o corpo externo revelaria a relação interna do indivíduo com o mundo.

De acordo com Soares e Fraga (2003), a ideia de que o corpo em sua exterioridade traduz uma posição moral interna foi amplamente tratada no Ocidente desde o século XVIII e, de maneira mais evidente, a partir do século XIX, pelos discursos médico, jurídico, pedagógico e literário. Para os autores, esse foi “[...] tempo de ajustamento dos discursos sobre educação do corpo, sintonizados na retidão das posturas e comportamentos, que visava à erradicação das anatomias disformes [...]” (SOARES E FRAGA, 2003, p.80). Buscava-se disciplinar os corpos para que pudessem “transparecer” retidão, firmeza, agilidade e espírito empreendedor, ao mesmo tempo em que, um corpo flácido e curvado significava, cada vez mais, atitude “largada” e curvada, caos e desordem. A postura corporal ereta associada ao vigor físico eram tomados como fundamentais para o desenvolvimento de cidadãos/ãs moralmente retos/as. A aparência externa tornou-se algo que não é desconectado do interior dos indivíduos, cujo combate aos desalinhos se tornou digno de ação quanto à ação sobre os desvios morais. O corpo teria se tornado e segue sendo critério para julgar as pessoas.

Um dos exemplos mais conhecidos de ações que buscaram cumprir esse objetivo de retidão do corpo foi o espartilho, aparelho largamente utilizado pelas mulheres aristocratas e burguesas, do século XVI ao século XIX, para deixar seus corpos cada vez mais retilíneos. O espartilho era considerado, à época, perfeitamente ajustado ao pensamento das “damas”: nada de esforços físicos e desgastes desnecessários em favor do alinhamento, pois os sacrifícios eram designados às mulheres que precisavam empregar força física nas lides diárias (SOARES E FRAGA, 2003). Como definem Soares e Fraga (2003, p. 82), “[...] o espartilho, portanto, era um artefato destinado não só a endireitar, mas também a denotar uma diferença de classe, uma vez que, ao usá-lo, qualquer esforço físico era impossível”. Esse artefato era uma forma da moda demarcar de modo mais claro distinção entre a elite e o povo.

Contudo, o prestígio alcançado pelo espartilho foi alvo de inúmeros questionamentos. Nessa época “vozes especializadas”, tais como as de médicos e de pedagogos foram fundamentais para derrubar a utilização desse objeto visto como uma “prensa de corpos” (SOARES e FRAGA, 2003).

O biólogo e pedagogo francês Georges Demeny (1850-1917), de acordo com os estudos de Soares e Fraga (2003), era um dos críticos mais obstinados dos hábitos gerados pela moda e seus artifícios porque acreditava que a roupa deveria ser moldada pelo corpo e não o corpo pela roupa e, que esta, não deveria esconder os defeitos dos contornos corporais, já que um espartilho eliminaria toda graça natural do menor movimento e poderia tornar alguns músculos inativos. Esse especialista afirmava ainda que os hábitos saudáveis deveriam se sobrepor aos maus hábitos desde a mais tenra idade e, que, através da ginástica é que a educação física da mulher se tornaria completa, por isso, deveria iniciá-la o mais cedo possível para ter resultados mais eficientes (SOARES e FRAGA, 2003).

Por outro lado, observava-se o benefício sanitário do exercício sobre o corpo, pois saúde consolidada, órgãos reforçados. Considerava-se que o movimento físico ajudava na evacuação, pois ajudava a agitar as partes, contrair os órgãos e expulsar humores que poderiam ficar estagnados (VIGARELLO, 2012, p. 367).

Teria sido também no século XVIII, como mostrou Vigarello (2012), que os efeitos das atividades físicas sobre a saúde do corpo começavam a ser observados. Foi nesse período que se começou a dar atenção às fibras musculares mais do que aos humores.

O corpo, objeto e alvo do poder, local de intervenção, começa a ser olhado como objeto a ser medido e avaliado no que diz respeito a sua constituição física. As primeiras medições e correlações de altura e de peso dos corpos são um exemplo.

O culto ao corpo como é vivenciado na atualidade, baseado na aparência e no rendimento, parece ter tido início no final do século XVIII e ganhou força no século XIX quando o corpo conquista relevância nas relações entre os indivíduos. Assim, como já apontei anteriormente, forma-se uma moral das aparências que faz convergir o que se aparenta ser com o que se é (GOELLNER, 2010, p. 33).

Ao mesmo tempo, no século XIX, a expansão industrial capitalista possibilitou que cuidados com o corpo ganhassem novas tendências. Surgia a necessidade de disciplinar o corpo do trabalhador para este se tornar apto a acompanhar o ritmo da máquina. E foi em meio ao processo de industrialização que surgiram outros problemas relativos à saúde dos trabalhadores: doenças, mortalidade, vícios e problemas posturais.

A classe social mais favorecida no início do século XIX tinha clareza em relação à importância da força física do trabalhador (SOARES, 2001, p. 48). O

corpo, nesse período, constitui-se como um importante instrumento de trabalho. Foi durante a primeira revolução industrial que a preocupação com o corpo dos trabalhadores tornou-se central. Fazia-se necessário combater doenças, os vícios de todos os tipos (morais e posturais) e a mortalidade. Era necessário fortalecer os corpos dos trabalhadores para que suportassem as longas jornadas de trabalho em condições precárias. Criavam-se os métodos ginásticos cujos exercícios cumpriam um caráter disciplinador necessário às sociedades industriais.

O século XX inicia acentuando padrões aceitos nos séculos anteriores. As descobertas da medicina, a disseminação dos esportes e o fenômeno da moda contribuem decisivamente no processo de valorização de ideais e padrões de beleza, as silhuetas mudam, a cintura torna-se comprimida, o busto dilata e o corpo começa a ganhar uma figura atlética.

Enfim, muitas mudanças ocorrem ainda no início do século XX,

[...] as mulheres ganham expressão com as lutas feministas e nos Estados Unidos, em 1921, ocorre o primeiro concurso de beleza e as misses tornam-se exemplos de perfeição física, conquista social e econômica. A expansão do cinema norte-americano dissemina o padrão de beleza através das atrizes provocando um desejo para que todas conquistem o mesmo modelo (FLOR, 2010, p.3).

Outros momentos históricos que merecem destaque no estudo do corpo são: o uso de biquínis nos anos 1950, a revolução sexual e a difusão da pílula anticoncepcional (ambas nos anos 1960) e a chamada geração saúde nos anos 1980. Foi uma época em que

[...] o que era para ser brinquedo de criança acaba influenciando o padrão de beleza feminino, a boneca Barbie implanta uma nova estandardização da boa forma física (FLOR, 2010, p.3).

A revista *Corpo a Corpo*, cuja *fan page* no *Facebook* é objeto desta análise, teria contribuído para acentuar um ideal de corpo belo desde suas primeiras publicações, em 1987, ao praticar, junto a outros artefatos culturais dedicados aos mesmos temas, uma forma de pedagogia que valoriza a busca de um corpo jovem, magro, de peles lisas e carnes firmes.

O corpo deve ser gerido como um patrimônio, pois como resume Le Breton (2007, p. 31), pois “[...] é por seu corpo que você é julgado e classificado”.

Mas o que seriam as ginásticas senão táticas para gerir o corpo de cada um e o corpo da população? Como indicou Soares (2006) a ginástica pode ser pensada como expressão de um saber-poder, a medicina, que se constituiu no século XIX e se expandiu no século XX que investe tanto no corpo individual quanto na população, apresentando efeitos, simultaneamente, disciplinares e regulamentadores.

Como já mostrei anteriormente, as ações políticas que atuam na direção de governar a vida e governar a população foram nomeadas por Foucault (2005) como biopoder. Os mecanismos do biopoder, além de tomar o corpo de cada um como alvo, o inseriu em um corpo múltiplo, que não é infinito e que pode ser mensurado através de estatísticas.

É interessante pontuar que o biopoder, sem dúvida, foi indispensável para o desenvolvimento do capitalismo, que só pode ser garantido com a inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos (FOUCAULT, 2005).

Contudo, as análises sobre essa questão mostram que o investimento de poderes e saberes sobre o corpo não se limitam à produção de trabalhadores para as indústrias, já que o poder sobre a vida tem aparecido atrelado a diferentes discursos ligados à promoção de uma melhor qualidade de vida para a população (FOUCAULT, 2005). Esses discursos apresentam modos validados como eficazes de informar os indivíduos sobre as condutas que deverão seguir com seus corpos, caso tenham como propósito viver mais e melhor. Portanto, o poder sobre a vida compreende tanto as disciplinas do corpo quanto as regulações da população.

Como evidencia Soares (2006, p. 80, grifo da autora),

[...] que são hoje os alertas sempre mais alarmantes contra a obesidade e o sedentarismo das populações? A palavra de ordem é “livrar-se”, livrar-se dos excessos da alimentação, dos vícios, uma vez que eles sobrecarregam a previdência, oneram as seguradoras, diminuem a *expectativa de vida das populações!*

O imperativo de “cuidar” do corpo para que este seja magro, treinado, forte, belo, saudável e jovem se produziu atrelado a técnicas biopolíticas de gestão e controle da população que passaram a administrar, por exemplo, a natalidade, a incidência de doenças, as condições de habitação, as migrações. Esse imperativo que está associado à exigência de que cada um assuma cada vez mais seu corpo

como um importante projeto individual é necessário para que a gestão da população voltada para o objetivo de que se viva mais e melhor, seja eficaz. E Lupton (2000) chama a atenção para as oposições binárias saudável/doente, masculino/feminino, real/artificial, moral/venal, ativo/passivo, citando somente algumas, que são muito evidentes nos discursos sobre exercício e condicionamento físico.

Na contemporaneidade, a convocação ao autocontrole e à disciplina direciona os esforços para o controle do corpo. Sob esse ponto de vista, Ortega (2003), salienta que a obsessão atual com o domínio do corpo, de suas performances e movimentos desloca a tentativa de restaurar a ordem moral. Assim, “[...] o corpo torna-se o lugar da moral, é seu fundamento último e matriz da identidade pessoal” (ORTEGA, 2003, p. 67).

A existência das tecnologias que investem sobre o corpo de todos e de cada um tem exigido que, cada vez mais, cada indivíduo seja responsável por si sob o argumento de que isso contribui para a melhoria da população (FOUCAULT, 2005). Abster-se dos cuidados com seu corpo, portanto, vai contra os esforços de aumentar a vida, evitar as doenças e acidentes, melhorar as condições de higiene, prevenir as eventualidades. Assim, cada vez mais, o que tem sido apontado como descuido com o corpo é também tomado como aumento dos riscos relativos aos acidentes, às doenças e à morte.

É possível concluir que o conhecimento sobre os corpos permite o governo sobre os corpos, do mesmo modo que, acaba delimitando o que deve ser feito em relação às estratégias e técnicas de disciplinamento.

Dessas estratégias do biopoder que advém a imperativa necessidade de promover a prática de atividades físicas, de incentivar o controle da alimentação, de investir na prevenção das doenças, de estimular a redução da gordura corporal, de frear os efeitos do tempo, etc. Não parece mero acaso que essa imperativa necessidade se elabore atrelando saúde e beleza como já foi pontuado anteriormente. Como se pode apreender nas postagens analisadas, os corpos saudáveis são também os corpos mais belos, jovens e produtivos.

Porém, os extremos a que se pode chegar nessa busca pelo corpo ideal ocasiona efeitos indesejáveis. Do ponto de vista de Sibilia (2004), este árduo contexto da conquista do corpo ideal, faz com que estejam se tornando endêmicos certos distúrbios alimentares e distorções da imagem corporal, como a anorexia, a bulimia, a vigorexia e a ortorexia. Essas patologias que no passado constituíam

casos raros e isolados, no entanto, nos últimos tempos estão se espalhando de modo preocupante, já que

[...] a proliferação destes transtornos parece um efeito imprevisto — e certamente indesejado — da corpolatria contemporânea, da “moral das sensações” que vem solapando a velha “moral de sentimentos” na nossa sociedade guiada pelas leis do espetáculo, e o conseqüente aumento da importância que a performance sensorial do corpo e seu valor como imagem vêm desempenhando na construção dos nossos ideais de felicidade (SIBILIA, 2004, p. 139).

A bulimia e a anorexia eram distúrbios, de certo modo, desconhecidos pelo público leigo até pouco tempo, todavia nas últimas décadas têm se alastrado de rápida e maligna como um vírus, especialmente entre as adolescentes das classes médias e altas das grandes cidades do mundo ocidental, com notável incidência em certos países da América Latina (SIBILIA, 2004).

A *fan page* da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook*, como dito ao longo da análise, pode ser caracterizada como um manual norteador das condutas femininas porque a revista, no geral, funciona como um instrumento que educa e treina esses corpos e, a cada postagem, reforça essa conduta prescrevendo desde o que a leitora/internauta deve comer, o que usar, quais procedimentos adotar e quais atividades praticar para, com isso, mostrar que há um corpo a ser conquistado, um estilo de vida a ser adotado e, conseqüentemente, há um outro que precisa ser abandonado.

Essas estratégias multifacetadas de disciplinam os corpos trazem outros sentimentos, como revela Louro (2000, p. 36), é “[...] através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle”.

O controle e a censura, para Andrade (2002), são exercidos de maneira explícita, ou não, por diversas instâncias sociais e culturais e, são praticados pela revista/*site* de mídia social e pelo autogoverno, isto é, pelo controle de si. Essas características recebem avaliações positivas, em razão de que, refletem um desejo e um esforço individual de ser belo e saudável mostrando ser um indivíduo centrado em uma estética e em sua saúde através do rigor de dietas e exercícios. Desse modo, os corpos tornados um projeto estariam

[...] constantemente se auto-vigiando e vigiando os outros, checando saliências, gorduras, perda de tônus. Eles se olham ao espelho, lançam olhares discretos nos espaços públicos, os parceiros lembram uns aos outros que estão 'ficando muito gordos' e que devem se conter (LUPTON, 2000, p. 30).

Portanto, quando os esforços empreendidos na consecução do corpo-projeto falham, a revista expõe em suas postagens, de certa forma, a vergonha e a culpa em relação a parecer gorda ou flácida, a não desfilarem um corpo sequinho, a não conseguir controlar a quantidade e a qualidade dos alimentos que ingere, a não ser persistente em relação aos exercícios físicos em casa ou na academia. Enxergo dessa maneira porque os corpos presentes na análise desta pesquisa parecem que são controlados e vigiados, que seguem regras e que não cometem exageros, nem excessos porque estão implantados em um discurso que cinge bem-estar físico e boa forma com ser belo/a e estar saudável.

Durante a escrita do trabalho mencionei que a revista, por ser vista como uma pedagogia cultural inserida em uma mídia social ensina sobre corpo e beleza, mas, o fato de a revista ensinar significa que todos os corpos que tem contato com as postagens aprenderão da mesma forma? Ou será que há corpos que se opõem ou resistem?

Como ressalta Veiga-Neto (1995, p. 32), “[...] o poder se manifesta em todas as relações, como uma ação sobre outras ações possíveis, as resistências têm de se dar dentro da própria trama social e não a partir de um lugar externo”.

Os discursos de culpabilização e de responsabilização pessoal podem fazer sentido para alguns sujeitos, porém há outros que se opõem/resistem a esses discursos. A resistência, assim sendo, “[...] inclui modos de contestar ou de não aceitar o conjunto de máximas estabelecidas para a vida cotidiana” (LUPTON, 2000, p. 18). A autora esclarece que,

[...] as pessoas podem não aceitar os conselhos de saúde pública ou de promoção da saúde devido a um sentimento consciente de frustração, ressentimento ou tristeza, ou porque elas obtêm maior prazer e satisfação através de outras práticas de si, ou porque experimentam uma necessidade inconsciente que as faz assumir posições de sujeito e práticas corporais alternativas (LUPTON, 2000, p. 18).

O fato de o sujeito resistir aos apelos ou discursos da mídia em relação a um estilo de vida saudável implica muitas responsabilidades, contudo, isso não significa que não se é sujeito de tal discurso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS?

Todos os autores de livros, de artigos e de trabalhos acadêmicos que utilizei me conduziram e, também, de certa forma, me autorizaram a realizar essa articulação entre Estudos Culturais e Educação. O contato com as Pedagogias Culturais me fez refletir como esse espaço pedagógico produz e ensina modos de ser e de agir em diferentes ambientes do mundo além da escola.

O corpo, compreendido neste trabalho como um construto histórico, social e cultural relacionado às representações que circulam na mídia, tais como as que observamos em revistas, jornais, filmes, novelas, *blogs*, *fan pages*, *sites* de mídia social, ultrapassa os discursos científicos produzidos pelas diferentes áreas do conhecimento. Contudo, as formas de problematizar o corpo não são as mesmas em todas as épocas, por isso, procurei trazer durante todo o trabalho um pouco dessas mudanças e as formas como o corpo passou a ser representado com o passar do tempo.

A noção de representação cultural foi o conceito central para o desenvolvimento da pesquisa que buscou analisar quais as representações de corpo que são produzidas/reproduzidas na *fan page* da revista Corpo a Corpo no *Facebook*. A representação foi compreendida como um modo de produzir significados na cultura, ressaltando que esses significados são produzidos através da linguagem e das relações de poder.

A representação vinculada à perspectiva dos Estudos Culturais, em sua vertente pós-estuturalista, não compreende a linguagem como um reflexo dos eventos do mundo, mas sim, como constituinte do mundo. Portanto, a representação através da linguagem é, por consequência, central para os processos que produzem os significados, ou seja, ela participa da constituição das coisas, não é vista como um simples reflexo.

As representações acabam por nos constituir enquanto sujeitos porque ensinam comportamentos vistos como adequados, que acabam por influenciar os nossos modos de ser e de estar no mundo. É importante ressaltar que os sistemas de representação operam através de redes de poder e de saber que nomeiam, descrevem, classificam, identificam e diferenciam quem faz parte ou não de determinado grupo ou posição.

A mídia, de uma maneira geral, contribui para a divulgação do que chamamos na contemporaneidade de culto ao corpo. A *fan page* da revista Corpo a Corpo no *Facebook* por contribuir com essa preocupação com o corpo e com a beleza que, em muitos momentos, é atrelada à saúde, constitui-se pedagógico.

A vida das pessoas, atualmente, parece estar cada vez mais sendo conduzida por cuidados com a aparência, pois informações sobre corpo, beleza e saúde estão disponíveis a todo o momento em diferentes meios. A sensação é de que, além de cuidar do corpo, é preciso amá-lo, moldá-lo, torná-lo um projeto de vida, visto assim, o corpo é considerado como uma obra incompleta que necessita ser potencializada e ser transformada para que o indivíduo tenha uma vida considerada saudável.

Para uma melhor condução da pesquisa, a análise ficou dividida em três eixos temáticos: Mulher na rede: os corpos educados; Cuidados pessoais + cosméticos e Corpo como projeto: responsabilidade particular.

No primeiro eixo, focalizei os corpos priorizados nas postagens. Em referências diretas às mulheres, a *fan page* da revista Corpo a Corpo, procura ter um relacionamento íntimo com a leitora/internauta utilizando o pronome você. E em todas as postagens nessa mídia social, posicionou-se como uma amiga e conselheira, na qual a leitora pode e deve confiar, pois, para responder cada dúvida sempre são consultados especialistas na área, o que passa credibilidade e cria uma aceitação maior por parte de quem lê.

A página oficial no *Facebook* da revista Corpo a Corpo lembra, em vários momentos, os manuais antigos que eram feitos para moças e senhoras, o que os aproxima com a literatura de autoajuda, pois seu tom prescritivo propõe regras de conduta e fornece conselhos valiosos. Os manuais, bem como as postagens da revista, são objetos de aplicação prática, uma espécie de roteiro de ação e subjetivação.

Nesse ponto, a revista ajuda a mostrar como o conhecimento sobre si e sobre o próprio corpo está agarrado à constituição dos corpos. A revista Corpo a Corpo, em sua *fan page* no *Facebook*, produz discursos que instigam os sujeitos a ocuparem espaços criados em redes de poder-saber e, especialmente, os corpos femininos são capturados por essas redes. Assuntos como roupas íntimas, TPM, dúvidas sobre beleza e, até mesmo, gravidez são abordados.

A mulher que aparece representada nas postagens desse eixo temático é branca, jovem, com boa aparência, com a pele lisa, em idade fértil e, supostamente,

heterossexual. E que estejam, preferencialmente, na faixa etária que a revista pretende atingir, de 20 a 39 anos. Como afirma Louro (2000, p. 15), “[...] em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada”. A partir dessa referência é que outros sujeitos sociais se tornarão marcados, serão definidos e, também, serão denominados. Desta forma, “[...] a mulher é representada como o segundo sexo e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual” (LOURO, 2000, p. 15).

O que percebi é que há recorrência em usar modelos, dicas e recomendações para serem seguidas pelas mulheres, bem como modelos para serem tomados como exemplo para constituir a própria identidade e, assim, educar o corpo feminino para fazer as melhores escolhas em relação ao seu próprio corpo, portanto, a página oficial da Corpo a Corpo no *Facebook* pratica uma pedagogia cultural de gênero.

No segundo eixo, Cuidados pessoais + cosméticos: o combo ideal para ser belo e saudável, percebi o entrelaçamento beleza e saúde, pois as postagens priorizaram um padrão corporal magro, firme, jovem e liso como o que seria normal e adequado. Para isso, foram oferecidos para as leitoras cuidados de beleza de uma atriz famosa no alto de seus 40 anos; a descoberta de uma nova substância antioxidante para manter a pele jovem; um tratamento com tecnologia inovadora para eliminar a gordura; os benefícios dos alimentos termogênicos para dar uma força aos tratamentos corporais; e dicas de mulheres famosas para se cuidar antes e depois da gravidez.

Os corpos grávidos e pós-grávidos também são lembrados pelo *site* de mídia social da revista. Embora a Corpo a Corpo não seja especializada no assunto, considere importante ressaltar que esse momento da vida das mulheres, visto por muitas pessoas como sagrado, também não escapa das prescrições do que é benéfico para a beleza e a saúde das futuras e das recentes mães.

Ainda que muitas das famosas digam que não estão preocupadas com quantos quilos vão ganhar, que o importante é a saúde do bebê, nas falas das entrevistadas é possível perceber a urgência de recuperar o corpo de antes do período gestacional.

Todas as postagens deste eixo fizeram alusão às práticas de manutenção do corpo para a melhoria da saúde e a produção de um corpo mais belo e jovial. O ideal

de beleza que a mídia dá ênfase aponta que só é feio, gordo e velho quem quer e quem não se esforça porque as soluções parecem estar ao alcance de todos.

E no eixo terceiro temático, que denominei de Corpo como projeto: responsabilidade particular abordei o corpo como esse território aberto as muitas possibilidades de intervenção que observamos atualmente.

Esses investimentos e intervenções sobre os corpos foram possíveis depois que o corpo deixou de ser visto como algo sagrado e passou a ser tomado como um rascunho imperfeito e digno de correções.

A partir dessa ideia de corpo como objeto que pode ser esculpido, moldado, reconstruído e transformado, agrupei as postagens que reforçavam a ideia de um projeto particular. A noção de biopoder, desenvolvida por Foucault (2005), foi muito importante para a realização da análise, pois torna possível compreender como o corpo passa a ser investido como múltiplo e não como algo infinito em que os fenômenos podem ser mensurados através de estatísticas, de modo igual à biopolítica. O poder sobre a vida tem aparecido vinculado a diferentes discursos ligados à promoção de uma melhor qualidade de vida para a população tal como os que são ligados aos cuidados com a saúde, com o bem-estar e com a adoção de um estilo de vida mais saudável.

As postagens selecionadas mostram os erros mais comuns que acontecem nos treinos da academia, treinos específicos para uma determinada parte do corpo, exercícios físicos mais atuais e os conselhos de uma pessoa famosa para servir de inspiração para as leitoras.

Em todas essas postagens, percebi as recomendações propostas pela *fan page* da revista Corpo a Corpo no *Facebook* como práticas constituintes do discurso do “cuidado de si” e como esses discursos produzem diferentes posições de sujeito em relação ao próprio corpo.

Tudo o que é ensinado como certo e errado pela Corpo a Corpo ajuda a disciplinar as leitoras enquanto estabelece uma norma que deve ser seguida por todas. Seguir a norma levaria a resultados mais rápidos e eficazes em relação à perda de peso, a melhoria da saúde ou a incorporação de novos hábitos para a consecução de um estilo de vida mais saudável. Para isso, a tendência da mídia, que é repetida nas publicações da revista, em colocar pessoas famosas em suas matérias incentiva as leitoras a mudarem seus hábitos porque tal mudança pode ser algo fácil e agradável. Essas celebridades ocupam a posição de especialistas com

considerações que adquirem valor de verdade porque os resultados estão ali ao alcance dos olhos de todos ou em suas mídias sociais, nas quais esses famosos mostram o seu projeto particular de corpo.

As postagens da página oficial da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook* são sempre direcionadas para alguém, no caso da revista pesquisada, para as mulheres, porém, nada impede que homens e leitoras de outras faixas etárias também tenham acesso ao seu conteúdo e a suas representações de corpo. Esse fato pode ocorrer com frequência, o que Ellsworth (2001) chamou de “erro de alvo”, pois o modo de endereçamento nunca é único ou unificado.

Esses discursos apresentam maneiras vistas como eficazes de informar os indivíduos sobre as condutas que esses deverão seguir com seus corpos caso tenham como objetivo viver mais e melhor. No caso das mulheres, os exercícios são diferenciados dos realizados pelos homens porque estes devem ser bem dosados para que o corpo feminino não perca suas características tomadas como originais e torne-se disciplinado.

Os investimentos do poder sobre o corpo compreendem mecanismos disciplinares e reguladores que levam os indivíduos a fazer escolhas e a consumir determinados produtos, pois, como afirmou Bauman (2001), não há como ficar à margem das relações de consumo, já que se colocam como imperativos do tempo em que vivemos. No entanto, é sempre bom lembrar que as possibilidades de acesso para produzir um corpo belo e saudável nem sempre são democráticas, pois há grupos com maior disponibilidade financeira para investimentos pessoais do que outros.

A mídia elege os sujeitos de quem e para quem fala, delimitando os lugares que devem ser ocupados por cada um e é em torno desse entendimento que a *fan page* da revista *Corpo a Corpo* no *Facebook* produz e reproduz suas representações de corpo.

Eu pretendi com essa retomada de alguns pontos da análise mostrar que existe um fio invisível que conduz e que perpassa todo o trabalho, por isso, em muitos momentos, foi necessário repetir ideias e retomar pensamentos. E esse fio condutor forma, também, uma trama que mostra como os elementos se conectam para dar sentido e validar o foco da pesquisa.

A seleção do material, assim como a escolha dos autores, foi muito difícil e importante porque a definição do que entra e do que sai do trabalho está fortemente

atrelada com o caminho a ser percorrido e uma ideia que antes parecia interessante, muitas vezes, é deixada de lado para que a pesquisa siga o seu rumo.

A temática corpo, à primeira vista, parece um assunto simples e corriqueiro, pois nossos corpos são nomeados e comparados cotidianamente. Porém, nessa simplicidade há algo bem mais complexo que só um olhar mais atento consegue captar e foi o que pretendi com esse trabalho que se encaminha para o final. No entanto, se está no final, qual o motivo da interrogação no título do capítulo?

O ponto de interrogação foi colocado para indicar que esta dissertação realizou uma abordagem entre muitas que seriam possíveis e, também, para indicar que sempre há espaço para as resistências e para novas representações culturais relacionadas ao corpo, pois não há um fim.

Desse modo, acredito que o objetivo de analisar as representações de corpo produzidas/reproduzidas na *fan page* da revista Corpo a Corpo no *Facebook* tenha sido alcançado. Não tive a pretensão de realizar um trabalho completamente inédito, nem de apontar uma verdade, uma vez que tomei o corpo como um construto histórico, social e cultural, no qual em cada espaço/tempo diferentes marcas são e serão inscritas. Mas, espero ter contribuído de alguma forma com questionamentos para romper com certas lógicas cristalizadas e consagradas que, muitas vezes, aceitamos sem indagações.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Antonia. Facebook como espaço de luta para uma nova lei da comunicação. **Revista Comuninação, cultura e sociedade**. Unemat Alto Araguaia. v. 4, n. 4, set/dez, 2014.
- ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. **Perspectiva**, Florianópolis, v.33, n. 2, p. 843-862, mai/ago, 2015a.
- ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**, Canoas, v.17, n.34, p. 48-63, mai/ago, 2015b.
- ANDRADE, Sandra. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, Dagmar Estermann (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 107-120.
- ANDRADE, Sandra Andrade. Mídia impressa e educação do corpo feminino. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOLLNER, Silvana (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 5 ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.
- ANDRADE, Sandra. Saúde e beleza do corpo feminino: algumas representações no Brasil do século XX. **Revista Movimento**, v. 9, n. 1, p. 119-143, 2003.
- ANDRADE, Sandra. **Uma boa forma de ser feliz: representações de corpo feminino na revista Boa forma**. 2002. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo. In: Guacira Lopes Louro (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2000. p. 151-172.
- CAMARGO, Tatiana de Souza. **Você é o que você come? Os cuidados com a alimentação: Implicações na constituição dos sujeitos**. 2008, 194f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- CAMPOS, Eliana Vargas de. **Ensina-me a ser uma mulher Nova**. 2011. 151f. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2011.
- CASTIEL, Luis David e Diaz, Carlos Álvares-Dardet. **A Saúde Persecutória. Os limites da responsabilidade**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.
- CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. São Paulo: Annablume – FAPESP, 2007.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

CEVASCO, Maria Elisa. Estudos culturais fim de linha ou aposta na relevância? In: LISBOA FILHO, Flavi; BAPTISTA, Maria Manuel (orgs). **Estudos Culturais e Interfaces**. Objetos, metodologias e desenhos de investigação. Aveiro, Santa Maria: Editora da Universidade de Aveiro, 2016. p. 204-216.

COSTA, Marisa. Poder, discurso e política cultural: Contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo. In: LOPES, Alice; MACEDO, Elisabeth (orgs). **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 133-149.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 37-68.

COSTA, Marisa; WORTMANN, Maria Lúcia. Estudos Culturais e Educação – expandindo possibilidades para compreender a dimensão educativa. In: LISBOA FILHO, Flavi; BAPTISTA, Maria Manuel (orgs). **Estudos Culturais e Interfaces**. Objetos, metodologias e desenhos de investigação. Aveiro, Santa Maria: Editora da Universidade de Aveiro, 2016. p. 333-350.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 36-61, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Revista Educação PUCRS**, v. 38, n. 1, p. 32 – 48, jan – abr, 2015.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DUARTE, André. Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI. **Revista Cinética**, v. 1, p. 1-16, 2008.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Volume 1. Tradução Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994.

ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 9-76.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista Famecos**, v. 1, n. 9, p. 87-97, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

FISCHER, Rosa Maria. Mídia e produção do sujeito: o privado em praça pública. In: FONSECA, Tânia Mara Galli da; FRANCISCO, Deise Juliana (org.). **Formas de ser e habitar a contemporaneidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 109-120.

FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise (org.). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 69-80.

FLOR, Gisele. Beleza à venda: o corpo como mercadoria. **Comtempo**. n. 2, Ano 2, dez, p. 1-11, 2010.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Curso do Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução Vera Porto Carrera. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. p. 222-266.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 53-82.

FREIRE FILHO, João. Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. **Eco-Pós**, v. 6, n.1, p. 72-97, jan-jul, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: Louro, Guacira Lopes (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Petrópolis: Vozes, 2010. p.28-40.

GONÇALVES, Alana Martins. **A centralidade do profissional de Educação Física na promoção da saúde e dos estilos de vida ativos: uma análise da Revista do Conselho Federal de Educação Física**. 2010. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

GUTERRES, Bianca Rocha. **Lições sobre corpos e estilos de vida nos anúncios publicitários de academias de ginástica**. 2012. 93f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2012.

HALL, Stuart. A Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**, v.22, n.2, jul./dez, 1997a.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org). **Representations and signifying produces**. London: Sage/Open University, 1997b. p.1-74.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOLANDA, Patrícia Helena; CAVALCANTE, Juraci. Do amor ao casamento: análise de um manual de preparação das moças para assumir os deveres de esposa, mãe e dona de casa, em circulação no nordeste do Brasil na década de 1940. In: **Anais VII CBHE** (Sociedade Brasileira de História em Educação), p. 1-11, 2013.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz (org). **Alienígenas na Sala de Aula**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 104-131.

LE BRETON, David. A Síndrome de Frankenstein. In: SANT'ANNA, Denise (org). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 49-68.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. Antropologia e sociedade. Campinas: Papius, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes.1997.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUPTON, Deborah. Corpos, prazeres e práticas do eu. **Educação & Realidade**. v. 25, n.2, p. 15-48, jul-dez, 2000.

MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012. p.VII-XXIII.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentidos. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MATOS, Keyte dos Santos; ZOBOLI, Fabio; MEZZARROBA, Cristiano. O corpo obeso: um corpo deficiente? Considerações a partir da mídia. In: SOUZA, Verônica dos Reis Mariano; SOUZA, Rita de Cácia Santos; ZOBOLI, Fabio; LIMA, Iara Maria Campelo (orgs.). **Inclusão escolar da pessoa com deficiência**: utopia. Aracaju: Criação, 2012. p. 91-110.

MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (org.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 7-61.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**. 2001. 366f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MORAES, Jaqueline Alves de. **“Você bonita de verdade 24 horas por dia”**: cosméticos faciais e pedagogias do rejuvenescimento. 2006. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2006.

NOVAES, Joana. Beleza e feiúra. Corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **A história do corpo no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. p. 477-506.

NOVAES, Joana; VILHENA, Junia. De cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações**. v. VIII, n. 15, p. 9-36, jan-jun, 2003.

NOVAES, Joana de Vilhena. **O intolerável peso da feiúra**: sobre as mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Garamond, 2006.

ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REVISTA CORPO A CORPO. Facebook oficial. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/corpoacorpooficial/>>.

REVISTA CORPO A CORPO. Mídia kit. Disponível em: <[http://midiakit.escala.com.br/?page\\_id=169](http://midiakit.escala.com.br/?page_id=169)>. Acesso em 15 set. 2015.

REVISTA CORPO A CORPO. Página de assinaturas. Disponível em: <<http://assine.ibanca.com.br/vitrine/feminina/corpo-a-corpo-2.html>>. Acesso em 15 set. 2015.

REVISTA CORPO A CORPO. Site oficial. Disponível em: <<http://corpoacorporo.uol.com.br/>>.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de autoajuda e individualismo**: contribuição ao estudo de uma categoria da cultura de massas. 2 ed. Porto Alegre: Gattopardo, 2010.

SABAT, Ruth. Gênero e sexualidade para consumo. In: Louro, Guacira Lopes (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Petrópolis: Vozes, 2010. p.149-159.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e história**. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2006. p.121-139.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Bom para os olhos, bom para o estômago: o espetáculo contemporâneo da alimentação. **Pro-Posições**, v. 14, n. 2, p. 41-52, maio/ago. 2003.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Sempre bela. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 105-125.

SANTOS, Márcio Neres dos. **Pedagogias culturais e produção de corpos masculinos saudáveis em revista: um estudo sobre a Men's Health**. 2010. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2010.

SIBILIA, Paula. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação, mídia e consumo**. v. 9, n. 26, p. 83-114, nov, 2012.

SIBILIA, Paula. O Pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 25. Dezembro, 2004.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 192f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade** – uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVEIRA, Rosa Maria. Livros perigosos para garotos e maravilhosos para meninas: o gênero social diferenciando o gênero discursivo. **Revista Signos**. n. 43, p. 143-159, 2010.

SOARES, Carmen Lúcia. (org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOARES, Carmen Lúcia; FRAGA, Alex. Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. **Pro-Posições**, v. 14, n. 2, p. 77-90, 2003.

SOARES, Carmen Lúcia. Pedagogias do corpo: higiene, ginásticas, esporte. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 75- 85.

STRIM, Cíntia. **Educando o corpo feminino: saúde como um mais, corpo molecular e otimização da beleza na revista Claudia**. 2011, 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p.5-15, 2003.

VEIGA-NETO. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol? In: VEIGA-NETO, Alfredo (Org). **Crítica Pós-estruturalista e Educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

VIGARELLO, Georges. Exercitar-se, jogar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo 1- Da Renascença às Luzes**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 303-410.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópoli, RJ: Vozes, 2000. p. 7-72.

WORTMANN, Maria Lúcia. O uso do termo representação na educação em ciências e nos Estudos Culturais. **Pro-Posições**, v.12, n. 1, p. 151-161, 2001.